
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
(Linguagem- Experiência- Memória- Formação)**

**SER OU TORNAR-SE MULHER- POR ENTRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS- EJA, A VIDA, O NARRAR, E O REINVENTAR DE SI**

DÉBORA SARA FERREIRA

SETEMBRO-2019



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
(Linguagem- Experiência- Memória- Formação)**

**SER OU TORNAR-SE MULHER- POR ENTRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS-EJA, A VIDA, O NARRAR, E O REINVENTAR DE SI**

DÉBORA SARA FERREIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

**RIO CLARO-SP
SETEMBRO-2019**

F383s Ferreira, Débora Sara
 Ser ou tornar-se mulher- Por entre a Educação de
 Jovens e Adultos-EJA, a vida, o narrar, e o reinventar de si
 / Débora Sara Ferreira. -- Rio Claro, 2019
 151 p.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
 (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
 Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de
 Camargo

 1. Educação. 2. Educação de Adultos. 3. Mulheres. 4.
 Mulheres e Literatura. 5. Narrativas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **Ser ou tornar-se mulher - Por entre a EJA, a vida, o narrar, e o reinventar de si**

AUTORA: DÉBORA SARA FERREIRA

ORIENTADORA: MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. ELIANE APARECIDA BACOCINA
IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo / Campus Boituva / SP



Profa. Dra. NIMA IMACULADA SPIGOLON
Faculdade de Educação / UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas - SP

Rio Claro, 20 de setembro de 2019

Título alterado para:

Ser ou tornar-se mulher – Por entre a Educação de Jovens e Adultos – EJA, a vida, o narrar, e o reinventar de si

Com grande alegria dedico esse trabalho à minha mãe Rute Batista, ao meu pai Natael de Jesus Ferreira (*in memoriam*) e ao meu irmão Rafael Esdras Batista (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às mulheres participantes deste estudo. Ao partilharem suas histórias na resistência poética, tornaram este trabalho possível. Franciele, Jhenifer, Ágata, Naná e Eliana: agradeço pelo empenho na participação das oficinas, e na alegria em partilhar vida e amizade.

À Maria Rosa, por todo carinho demonstrado, pela amizade-alegria, olhar humano e sensível, e pela confiança depositada em mim, e no estudo que aqui se apresenta.

À minha mãe Rute Batista, por ser um exemplo de mulher que luta e que resiste nas pluralidades do cotidiano. Agradeço ao meu pai, Natael de Jesus Ferreira (*in memoriam*), que nunca mediu esforços para que eu estudasse. Hoje realizo um de seus maiores sonhos: ver uma filha se formar na universidade.

Agradeço às minhas irmãs: Daniele, Fabiana, Miriam, Lenita e Simone; e aos meus irmãos: João, Paulo, Daniel e Rafael (*in memoriam*), pelo incentivo e carinho.

Agradeço ao meu amigo, companheiro e cúmplice, Gustavo Poletti, pelo apoio e incentivo contínuos para a concretização dos meus estudos.

Agradeço à minha sogra Márcia Poletti, ao meu sogro Ivan Poletti e à minha cunhada Aline Poletti, pelo carinho e amizade.

Agradeço à minha amiga Lara Jatkoske Lazo, pelas escritas-devaneios que partilhamos, a amizade-poesia, e toda a contribuição para o estudo que aqui se apresenta.

À Bruna Cidade, minha grande amiga: muito obrigada por estar presente e nunca se esquecer da nossa amizade!

À Professora Carolina Souza, agradeço pelo carinho, amizade e as contribuições para o estudo que aqui se apresenta.

Gratidão à minha amiga Professora Eliane Bacocina, pelas escritas-devaneios, que partilhamos ao longo desses anos, pela (co-)orientação, em meu Trabalho de Conclusão de Curso, bem como pelas contribuições preciosas para este estudo.

Agradeço à Professora Nima Imaculada Spigolon, pela partilha de saberes e pelas riquíssimas contribuições para o estudo que aqui se apresenta.

Gratidão à minha colega de trabalho Professora Elaine Fahl, pelo carinho e partilha de saberes.

Ao PEJA Rio Claro, pela amizade, encontros, leituras, movimentos-devaneios e aprendizagem.

À D. Cleide, participante do meu Trabalho de Conclusão de Curso, agradeço pelo carinho, disposição e amizade!

Ao grupo de estudos Escriarte, pelos encontros-devaneios e aprendizado, em especial: Ingrid, Murilo, Felipe, Rafael, Artur, Michele, Suzana, André, Marco, Flavia, Thaynara, Andréia, Milena, Marília e Ana Carolina.

Agradeço aos amigos da pós-graduação: Edinéia, Meira, Aline Barbosa, João Marcos, Jaqueline, Marisa e Lisiane.

À Secretaria Municipal de Rio Claro e à escola em que realizei o estudo, agradeço por terem concedido espaço para que este trabalho pudesse se concretizar.

Agradeço às escolas: EMEIEF Prada, CI Vereador Walmidir Jose Schinor, e CEIEF Rafael Affonso Leite do município de Limeira-SP, pela oportunidade de trabalho, e, assim, pela possibilidade de experienciar o exercício da docência.

Agradeço ao Ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva, pelas políticas públicas de inclusão, dos anos de seu governo, que permitiram que pessoas como eu pudessem ingressar e permanecer na universidade pública. Aprendi que sonhar é possível!

Ao grupo de Bolsistas CAPES, pelas conversas intelectuais, os memes interativos e pelo incentivo. Gratidão!

Agradeço à CAPES, pelo auxílio financeiro na modalidade de bolsa de Mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

[...] Comida e roupas do lixo,
tudo era compartilhado
com os filhos; só o papel
era para si guardado,
para em futuros escritos
ser depois aproveitado.

Ler e escrever: tudo serve!
Revista, aviso, embalagem,
folheto de propaganda,
bilhete, lista, passagem...
Caderno jogado fora?
Podia escrever na margem!

Apesar do pouco estudo,
tendo cursado somente
as séries iniciais,
Carolina persistente,
registrava seus pensamentos
E a vida de sua gente.

Um cordel a Carolina, de Paulo Roxo Barja.

RESUMO

A pesquisa que aqui apresentamos tem como campo empírico de estudo a educação de jovens e adultos –EJA e projeta o foco para as mulheres que ali se encontram. Duas questões são centrais neste estudo: levantar e trazer à luz elementos que indiciam a condição da mulher, pensada por quem se encontra naquele lugar (sala de aula, na EJA), particularizando a condição da mulher pensada e dita por ela mesma; e assumir a narrativa de vida, particularizando a narrativa escrita e os relatos orais, como base material no registro de vida, e, nela, a possibilidade de (re-)invenção de si. O estudo foi realizado em uma escola pública do município de Rio Claro-SP, entre abril e outubro de 2018. A turma de EJA em que o estudo foi desenvolvido corresponde ao 5º ano do ensino fundamental II, do período noturno. Portanto o debate, no que concerne às políticas públicas para a EJA serem elaboradas com outras políticas de correção das desigualdades sociais, torna-se imprescindível, já que estamos tratando da realidade de pessoas brasileiras (RINALDI; PEREIRA, 2015). Esta pesquisa é de natureza qualitativa, tendo como proposta metodológica a pesquisa narrativa (CONNELY; CLANDININ, 1995) e a pesquisa autobiográfica (DELORY-MOMBERGER, 2011), pelas quais é possível focar as experiências humanas, bem como contar suas histórias, registrar e escrever relatos de experiência; entende-se o ato de narrar, escrito ou oral, como potência para o pensamento da própria condição. Para o aguçar de reflexões sobre a condição da mulher, este estudo perpassa a História da Mulher no Brasil do século XIX e a discussão, no que concerne à contribuição da História Cultural para a compreensão da complexidade das representações dos modos de ser da mulher, que ultrapassam gerações. (CHARTIER, 2002). Foram realizadas oficinas temáticas com as mulheres participantes, bem como a escrita em cadernos individuais. Ao final, realizamos uma entrevista aberta. As mulheres participantes responderam, no decorrer dos encontros, ao “Questionário organizado para uma turma de EJA”. As oficinas foram intituladas: *Imagens que produzem sentidos, que produzem vida; Imagens que vazam: histórias contadas por mulheres; Um olhar-vida para o conto Uma galinha de Clarice Lispector; Desconstruindo Amélia, desconstruindo-me; Respeita as mina: uma reflexão sobre a música; Partilhando afetos: Quarto de despejo*. Alguns disparadores foram utilizados para a realização dos encontros, tais quais: imagens de mulheres em diversos setores da sociedade; o conto *Uma galinha* da autora Clarice Lispector e alguns trechos da obra *Quarto de despejo* da autora Carolina Maria de Jesus; além desses recursos, utilizamos as músicas *Desconstruindo Amélia* da cantora Pitty e a música *Respeita as mina* da cantora Kell Smith. A partir do encontro com as narrativas das mulheres participantes, é possível nos aproximarmos dos sentidos e significados do tornar-se mulher em uma sociedade patriarcal, optando por não as desvendar, mas poetizar vida, leituras e encontros que potencializam experiências e tornam-se emancipatórios para a reflexão da própria condição.

Palavras-chave: Narrativas. Mulher. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The present empirical research focuses on women participating in youth and adult education (YAE) projects. Two central issues were addressed: raise and bring to light elements that depict the women's condition thought by those who are in that place (YAE classroom), particularizing the condition of the women, thought and expressed by themselves, and taking over the life narrative, particularizing the written narrative and taking the accounts as the material basis for the life record and the possibility of (re)inventing oneself. The study was conducted in a public school in the municipality of Rio Claro-SP, between April and October/2018 and the YAE evening group enrolled in this study corresponded to the 5th grade of Fundamental. Therefore, public policies regarding YAE must be elaborated in conjunction with social equality policies, once we are dealing with the Brazilian people reality (RINALDI; PEREIRA, 2015). This is a qualitative and narrative research (CONNELY; CLANDININ, 1995) with autobiographical approach (DELORY-MOMBERGER, 2011), focusing on human experiences and accounts, which were all registered, once the narrative, either written or spoken, instigates thoughts about one's own condition. To foment reflections on the women's condition, this study analyzes the History of Brazilian Women in the 19th century and discusses the contribution of the Cultural History to understand the complexity of women's representations, which survive through generations. (CHARTIER, 2002). Thematic workshops were conducted with the participants and they made individual records. In the final stage, an open interview was carried out, and, throughout the study, the participants answered the "Questionnaire elaborated to a YAE group". The workshops were entitled as follows: *Images that produce senses and life; Leaking Images: stories told by women; A life-view on the story 'A chicken' by Clarice Lispector; Deconstructing Amélia, deconstructing myself; Respect the girls: a reflection on the song; Sharing Affection: Storage room.* Some triggers were used in the meetings, such as: images of women from different sectors; the story 'A Chicken' by Clarice Lispector and some excerpts of 'Storage Room' by Carolina Maria de Jesus; the songs 'Deconstructing Amélia' by Pitty and . 'Respect the Girls' by Kell Smith. In touch with the participants' narrative, it was possible to discover the senses and meanings of becoming a woman in a patriarchal society, opting to poetize the life, readings and gatherings rather than unveiling them, potentializing experiences for the reflection of such condition.

Keywords: Narrative. Women. Youth and Adult Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| FIGURA 1: Taís Araújo | 103 |
| FIGURA 2: Ellen Pompeo | 103 |
| FIGURA 3: Tháísa Bergmann | 104 |
| FIGURA 4: Rosinéia Aparecida Maximiano | 106 |
| FIGURA 5: Simone de Beauvoir | 106 |
| FIGURA 6: Manuela D'Ávila | 107 |
| FIGURA 7: Clarice Lispector | 107 |
| FIGURA 8: Dilma Rousseff | 108 |
| FIGURA 9: Anitta | 108 |
| FIGURA 10: Arte de Polyane Andrade | 116 |
| FIGURA 11: Arte de Matheus Azolla | 116 |
| FIGURA 12: Arte de Matheus Azola | 117 |
| FIGURA 13: Arte de Aya Andrade sob fotografia de Derossy Araújo | 120 |
| FIGURA 14: Fotografia de Derossy Araújo | 120 |
| FIGURA 15: Arte de Matheus Azola | 121 |
| FIGURA 16: Autor desconhecido | 121 |

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

| | |
|--|-----------|
| Quadro I: Pesquisas de Mestrado organizadas por ano | 50 |
| Quadro II: Pesquisas de Doutorado organizadas por ano | 58 |
| Gráfico I: Pesquisas de Mestrado e Doutorado distribuídas nas grandes áreas do conhecimento | 61 |
| Gráfico II: Pesquisas de Mestrado e Doutorado subdivididas nas áreas do conhecimento | 61 |
| Gráfico III: Quantidade de pesquisas de Mestrado e Doutorado | 62 |
| Gráfico IV: Taxas de analfabetismo entre mulheres com recorte de idade e raça | 85 |
| Gráfico V: Taxas de analfabetismo entre homens, com recorte de idade e raça | 85 |
| Gráfico VI: Taxas de analfabetismo por região | 86 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| PREFÁCIO: CARTA ÀS MULHERES | 13 |
| É PRECISO INICIAR! | 17 |
| DEVANEIOS-CAMINHANTES* | 27 |
| 1-SOBRE NOVOS MODOS DE (RE)EXISTIR: A METAMORFOSE DO [MEU] OLHAR .. | 28 |
| 1.1- PEJA Unesp de Rio Claro: tecendo fios de amizade | 34 |
| DEVANEIOS-CAMINHANTES** | 39 |
| 2- HISTÓRIAS DA MULHER: ADENTRANDO CAMINHOS | 40 |
| 2.1- A história da mulher: o que dizem as pesquisas? | 49 |
| DEVANEIOS-CAMINHANTES *** | 64 |
| 3-NA TRILHA DA ESCRITA DA HISTÓRIA: POR ENTRE DIREITOS NEGADOS E ESPAÇOS CONQUISTADOS | 65 |
| 3.1- Clarice e Carolina: escritas, subjetividade(-s), (re-)encontros | 74 |
| DEVANEIOS-CAMINHANTES**** | 79 |
| 4-DO MARCO LEGAL ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS: A CONDIÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL | 80 |
| DEVANEIOS-CAMINHANTES ***** | 91 |
| 5- A EJA NA CIDADE DE RIO CLARO-SP: PRIMEIROS MOVIMENTOS | 92 |
| 5.1- A escola | 93 |
| 5.2- O planejamento das oficinas | 93 |
| 5.3- As educandas e as observações | 97 |
| 5.4- Os registros: fontes variáveis | 99 |
| 5.5- As mulheres participantes da pesquisa | 99 |
| DEVANEIOS-CAMINHANTES ***** | 101 |
| 6-NARRATIVAS (DE VIDA): A EXPERIÊNCIA DE OFICINAS COM MULHERES DA/ NA EJA | 102 |
| 6.1- Imagens que produzem sentidos, que produzem vida | 102 |
| 6.2- Imagens que vazam: histórias contadas por mulheres | 106 |
| 6.3- Um olhar-vida para o conto <i>Uma galinha</i> de Clarice Lispector | 110 |

| | |
|---|------------|
| 6.4- <i>Desconstruindo Amélia</i> , desconstruindo-me | 114 |
| 6.5- <i>Respeita as mina</i> : uma reflexão sobre a música | 118 |
| 6.6- Partilhando afetos: <i>Quarto de despejo</i> | 123 |
| 6.7- Oficinas poéticas na Educação de Jovens e Adultos: proposta metodológica | 126 |
| DEVANEIOS-CAMINHANTES ***** | 130 |
| 7- LINHAS POÉTICAS DE VIDA: COSTURANDO NARRATIVAS | 131 |
| 7.1- "Só que ele nunca liberou eu para estudar, ele nunca me liberava para nada na vida!" | 132 |
| 7.2- "A mulher chega em casa, não dá tempo nem de tomar um banho, às vezes chega e já vai para a beira do fogão, já vai colocando roupa na máquina" | 134 |
| 7.3- "Não é que ele não deixava eu estudar, mas ele também não ajudava, não ficava com o menino para eu vir para escola" | 135 |
| 7.4- Adentrando caminhos: aproximando reflexões, sentidos e significados | 137 |
| DEVANEIOS-CAMINHANTES ***** | 143 |
| (IN-)CONCLUSÕES: O CADERNO DE PAISAGEM, QUE TROUXE SONHOS, VIDA E POESIA | 144 |
| REFERÊNCIAS | 151 |

PREFÁCIO: CARTA ÀS MULHERES

Vejo, em teus olhos, a vontade incessante de ser livre.

A vontade de libertar-se do que lhe prende e limita;

Vejo a dor de um passado que queima...

O fogo que queima a pele e a alma.

O fogo do preconceito. O preconceito cristalizado.

Um patriarcado que predomina, que domina, que assassina, que limita.

Vejo em você, vejo em mim, a busca da liberdade com um preço alto a pagar.

Nós pagamos com nossa vida, por nossa (re-)existência.

Você é agredida pelo marido que chegou bêbado em casa, e você não tem pra onde ir.

Não existe respaldo na lei. Não existe família pra lhe apoiar.

Pra onde você vai, no meio da noite, com cinco filhos nos braços?

Você só tem uma opção, e é esta que você escolhe: deitar-se em seu lado da cama e chorar.

Mulher.

Quantas histórias parecidas com essa ecoam em nossos diálogos?

Pra onde iremos? Quem irá nos acolher?

Dias se passam, e mulheres continuam a ser insultadas, maltratadas, agredidas, impedidas de realizar seus sonhos: o sonho de estudar, o sonho de trabalhar...

Sáímos à rua com medo!

Quando essa sociedade perceberá que a nossa roupa não define quem nós somos?

Até quando a sociedade nos julgará pela roupa que vestimos?

Até quando teremos de seguir todas essas regras?

O preço por ser mulher é alto demais. O preço por ser livre é um preço alto.

E no nosso interior, um grande sentimento ecoa, faz barulho, incomoda.

Está no âmago do nosso ser...

É a liberdade!

A liberdade de ser o que quiser!

Você é mulher, uma grande força!

É você a mãe que chora, que se alegra, que sofre, que carrega uma fé inabalável na própria liberdade.

É você bruxa. É você a mãe de toda humanidade,

Que poder é esse que ecoa, que faz barulho?

Que poder é esse que incomoda?

É você, mulher! É única.

Vejo mulheres no passado que lutaram, morreram, brigaram, foram assassinadas...

Ouço suas vozes ecoando, gritando pela liberdade, pelo poder, pela vontade!

Gritos de liberdade, gritos de resistência, gritos de insubmissão...

Gritos que traspassam gerações;

Gritos de vida, gritos de morte.

Que poder é esse sobre a nossa vida?

Que sistema é esse, que nos mata todos os dias?

Que sistema é esse, que limita nosso vestir, nosso sentir?

Que sistema é esse, que transpassa em nossos diálogos cotidianos, dizendo que nós não somos capazes de ser o que quisermos?

Que, simbolicamente, nos queima todos os dias?

Que grita: Fora Dilma!, com a intenção capciosa de acreditarmos que ela não é capaz?

Que sistema é esse, que agride professoras em luta por seus direitos?

Que assassina Marielle(-s) todos os dias?

Que limita nossos sonhos, nossos mundos, nossas subjetividades?

Que poder é esse sobre a nossa vida?

*Mas, por meio da resistência e do despertar, nasce a luta, a capacidade ilimitada de sonhar,
de realizar, de fazer, de lutar.*

A vontade incessante de ser livre, ser luta, ser bruxa.

Ter vida.

Ser o que quiser, como quiser..

Morrem mulheres-bruxas, nascem outras.

Mulheres-mães...

Mulheres-trabalhadoras...

Mulheres-pesquisadoras...

Mulheres-professoras....

Mulheres-costureiras...

Mulheres-presidentas...

Mulheres-capazes...

Mulheres-resistência...

Devir-mulher..

Nasce a denúncia.

Nascem os movimentos...

Ecoa o feminismo, ecoam os feminismos,

Ecoam as potências e o poder da vida.

Os devires...

Nasce a vida.

Nasce a nossa (re-)invenção,

Nasce um sonho a mais!

(Débora Sara Ferreira)

*Aviso da lua que menstrua**Moço, cuidado com ela!**Há que se ter cautela com esta gente que menstrua...**Imagine uma cachoeira às avessas:**Cada ato que faz, o corpo confessa.**Cuidado, moço**Às vezes parece erva, parece hera**Cuidado com essa gente que gera**Essa gente que se metamorfoseia**Metade legível, metade sereia.**Barriga cresce, explode humanidades**E ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar**Mas é outro lugar, aí é que está:**Cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita..**(Composição: Elisa Lucinda)***É preciso iniciar**

Quando iniciamos?

O que pode a narrativa de mulheres que refletem sobre a própria condição?

O que movimenta a vida de uma mulher que estuda sobre a história da mulher e se encontra com mulheres da/na EJA?

O que podem os encontros emancipatórios em sala de aula?

Podemos ir ao encontro do conhecimento? Como? Quando?

No princípio, indagações. Tantas...

Entre o pulsar da(-s) vida(-s), entre os movimentos do conhecimento e os movimentos de vida, poesia e ciência, apresento este estudo. Não é fácil dizer quando começa. Acredito que, neste momento, é importante refletir sobre a pergunta: que fios poéticos e políticos tecemos ao refletirmos sobre a condição de vida das mulheres da Educação de Jovens e Adultos?

Na tentativa de expressar minhas indagações, pela escrita, tenho a sensação de que não consigo alcançar, nem representar tudo o que tenho a dizer por meio da palavra. Mas, como forma resistente de ler e escrever o mundo que habito, permaneço nesse caminho de escritas devaneios...

Nessa direção, cabe novamente indagar: quando tudo se inicia?

Um início: PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos) da Unesp de Rio Claro. Um pulsar de inquietações a partir da condição da mulher: vida e escritas de D. Cleide. Um projeto de Mestrado: a condição da mulher e a Educação de Jovens e Adultos. EJA: políticas públicas. Os devaneios inquietantes da minha vida; a metamorfose do meu olhar. Encontro com as autoras: Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus. História da mulher no Brasil: de mulheres que se lançaram nas malhas literárias, no século XIX. Escrita que caminha com a vida: devaneios caminhantes...

Um estudo que caminha com a vida. Uma vida que pulsa sentidos e significados. O pulsar da vida, da potência, da experiência, da ciência, do conhecimento...

Quando iniciei minhas atividades no PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos) da UNESP de Rio Claro, em 2013, ainda não entendia a importância da extensão universitária. Estar em um projeto que tem por objetivos promover a troca de saberes, a emancipação do pensamento, a partilha de vida, poesia e amizade, se faz primordial para alunos de graduação, na universidade pública.

O PEJA é um projeto de extensão universitária da UNESP de Rio Claro, que tem por objetivos desenvolver atividades de ensino para pessoas com escolaridade incompleta; promover a formação de educadores entre alunos da graduação; e gerar conhecimentos no campo da educação de jovens e adultos, estreitando laços entre ensino, pesquisa e extensão, pilares fundamentais da universidade pública.

Lá, no Peja, conheci e convivi com várias educandas. Através das histórias compartilhadas, lembrava a história das mulheres de minha família, que, por motivos diversos, não puderam estudar em período regular.

Essas tensões inquietantes foram tornando-se indagações, um dos motivos da feitura poético-política do estudo que aqui se apresenta.

Portanto, cabe a seguinte indagação: da Educação de Jovens e Adultos e das narrativas de vida de mulheres-educandas, quais fios poético-políticos podemos tecer e costurar?

Em tempos sombrios, penso que é preciso resistir de uma forma poética e criativa. Penso também que a escrita-devaneio é um caminho para isso. Portanto, nutrir toda aquela inspiração que movimentou minha vida e acirrou tensões comigo mesma, ir ao encontro do conhecimento e refletir sobre a condição da mulher foram os movimentos-poéticos que encontrei em tempos sombrios. Os tempos se fazem sombrios para aquelas que acreditam na arte do encontro, do encontro com a educação que produz sentidos, narrativas, experiências e (re-)existências.

Nesse caminho de (re-)existências, penso que refletir sobre a condição da mulher é, de certo modo, refletir sobre a minha própria condição. Tensão cotidiana e inquietante. Quando iniciei as leituras para a feitura poética deste texto, não fazia ideia da amplitude dessa temática. Nesses momentos de encontros e leituras, era impossível não refletir sobre a minha condição enquanto mulher. Portanto, meu olhar foi se modificando e se transformando no decorrer das leituras-encontros. Tecer reflexões acerca das condições da mulher é, de fato, um exercício de resistência. Digo isso, pois os tempos se fazem sombrios para as sonhadoras como eu.

E sonhar tem sido um exercício de resistência...

Penso que talvez sejam os sonhos que façam com que me levante da cama todos os dias. Sonhos de um mundo mais humano, solidário, onde haja respeito para com as diversidades, e onde se reconheçam a história e a luta das mulheres como legítimas.

Este texto-encontro é um olhar poético-resistência. É um texto-mulher.

Pergunto-me, todos os dias, porque escolhi um tema de pesquisa sobre mulheres. Muitas respostas vêm quando pergunto ao universo os porquês.

De fato, neste momento, em que este estudo entra em novas etapas, não seria interessante perguntar qual o motivo que me levou a este caminho? Talvez seja desconexo neste momento. Insano. Talvez esteja divagando nos mais profundos e obscuros dos meus pensamentos. Talvez...

Com frequência, preciso (re-) descobrir-me em minha pesquisa. Preciso sentir e nutrir aquela inspiração que moveu minhas escolhas, que hoje se embaralham na vida do dia a dia e na vida acadêmica. Mas os tempos se fazem sombrios para as sonhadoras...

E o silêncio retorna, e as palavras não surgem...

No infinito dos meus pensamentos, o caos se instaura. Como ter fôlego? Como escrever sobre mulheres? Como escrever sobre mim?

Fiz uma pausa! Lembrei-me de toda aquela alegria do dia em que passei no processo seletivo do mestrado em Educação.

Lembrei-me de todas as mulheres que me cercam...

Das mulheres-resistência.

Rememorar os motivos que me levaram a esses caminhos me deram fôlego para prosseguir com minha escrita e também, com meus projetos de vida.

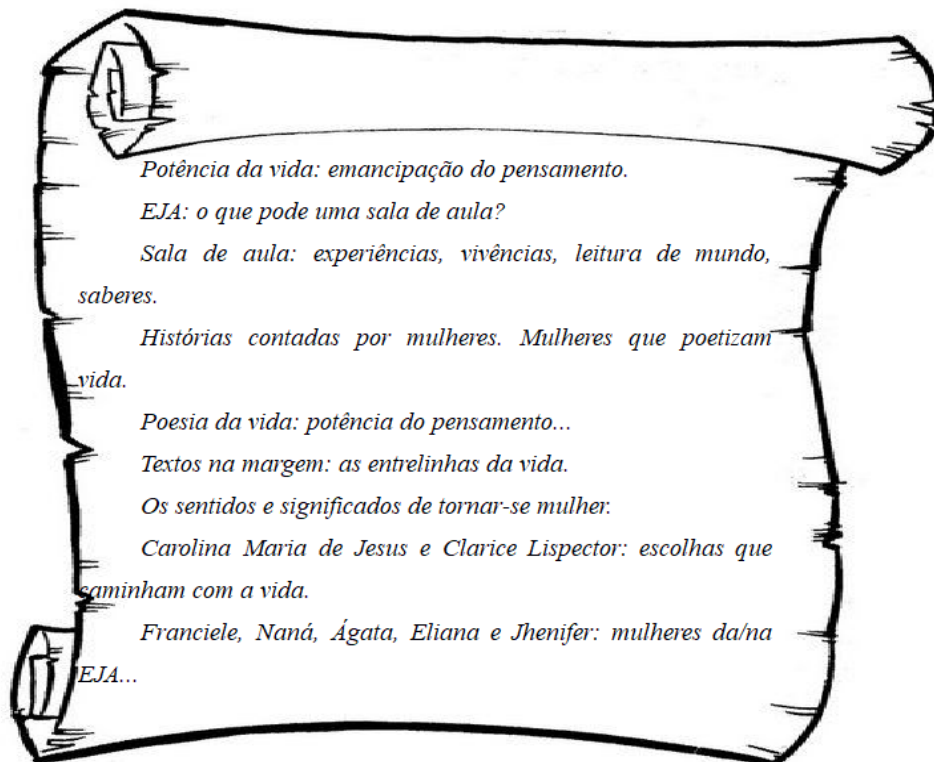
Fizeram-me perceber a luta política, poética e ética, com que esta escrita se tece e se costura...

Sou Débora, sou mulher, sou pesquisadora. Fui estudante, sou professora.

Sou resistência na luta pela (re-)escrita de minha história.

As páginas que vocês lerão neste estudo são potências-poéticas. São escritas-mundo. Escritas do meu mundo. Narrativas de mulheres da EJA. Escritas que pulsam sentidos e significados. A escrita da vida...

São formas disformes de olhar o mundo, de contemplá-lo, de criticá-lo, de vivenciá-lo. E continua...



Este estudo tem por objetivo refletir sobre a condição da mulher, a partir das narrativas de mulheres que se encontraram em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos, correspondente ao 5º ano do ensino fundamental II, em uma escola pública do município de Rio Claro-SP.

Alguns caminhos neste estudo se fizeram potentes e pertinentes, tais quais: a discussão da História Cultural e sua contribuição para refletirmos acerca da História da Mulher; o diálogo com a História da Mulher no Brasil no século XIX, o (re-)encontro com Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus; o panorama da Educação de Jovens e Adultos e os desafios dessa modalidade de ensino, frente às políticas públicas de inclusão, no Brasil

contemporâneo; as narrativas das mulheres da EJA, participantes do estudo, e a possibilidade de encontrarmos sentidos e significados, a partir dos encontros emancipatórios em sala de aula.

A História Cultural tem por objetivo pensar em como determinada sociedade é construída e dada a ler. Ao tomarmos, como ponto de partida, a História Cultural; compreendemos as práticas discursivas e apropriações realizadas pelos modos de como compreendemos o mundo, bem como as representações que foram cristalizadas no imaginário social, acerca dos modos de ser da mulher, que ultrapassam gerações. (CHARTIER, 2002).

Para Chartier (2002), as percepções do mundo social são produzidas por discursos não neutros, sendo, portanto, mecanismos para imposições. Ao produzir estratégias e práticas, alguns grupos tendem a impor suas concepções, valores e domínio sobre outros grupos. Portanto, a investigação acerca das representações, de acordo com Chartier (2002, p. 17) “[...]supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições [...].” A partir disso, cabe salientar que as lutas pelas representações se fazem primordiais, assim como as lutas no campo econômico, para a compreensão acerca de como alguns grupos impõem concepções e valores a outros.

Tedeschi (2012, p. 22), ao trazer a discussão acerca dos principais conceitos trabalhados por Chartier na História Cultural, afirma que “[...] é uma modalidade que procura entender a produção de sentido das palavras, das imagens e dos símbolos, e busca também a reconstrução das práticas culturais em termos de recepção, de invenção e de lutas de representações [...].” Ao trabalhar as diferentes formas de como se dá a apropriação dos discursos, no que concerne a textos (escritos ou não) e a produções de sentido, que cada indivíduo produz, de acordo com a posição que ocupa no mundo social, a história cultural procura entender os modos da construção dos sentidos, acerca do mundo em que vivemos.

A construção do mundo social não é um dado com perfeita exatidão, mas se constitui nas práticas articuladas e historicamente produzidas. A história e a investigação do cotidiano são entendidas a partir do estudo dos processos e da construção dos sentidos.

Cabe salientar que é por meio das práticas discursivas, que, contraditório e pluralmente, atribuímos significado ao mundo em que vivemos: “Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação.” (CHARTIER, 2002, p. 28). Portanto, as práticas discursivas se tornam um dispositivo, para que certos grupos criem discursos, em que afirmam divisões e ordenamento

do mundo social. As práticas de apropriação cultural se fazem por meio da interpretação dos indivíduos perante as questões do mundo social.

Chartier (2002) ainda afirma que, ao compreender o enraizamento em que se dão essas práticas, faz-se indispensável considerar as particularidades e o espaço das práticas culturais.

Portanto, considerando inicialmente tais perspectivas, delineamos, como objetivo geral para o presente estudo: levantar e trazer à luz elementos que indiciam a condição da mulher, pensada/narrada por ela mesma. Ao assumir a narrativa de vida, particularizando a narrativa escrita e a oralidade como bases materiais de registro de vida, e por elas abrir a possibilidade de (re-)invenção de si, temos, no horizonte, a possibilidade da mulher reconhecer-se sujeito de suas ações, por suas práticas, no tempo de hoje. Tais motivações nos levam a focar essa mulher em salas de Educação de Jovens e Adultos, o que traz algumas implicações para o objeto de estudo.

Alguns desdobramentos teórico-metodológicos se fazem pertinentes ao desenvolvimento do estudo. Sejam eles: construir, com as participantes da pesquisa, conhecimentos, sentidos múltiplos e leitura de mundo, através de fragmentos de obras diversas e disparadores contemporâneos que retratam a imagem da mulher; observar, por meio das falas das participantes, a leitura de mundo acerca dos modos de ser mulher; analisar as práticas presentes nesses encontros, por meio das falas e escritas das participantes da pesquisa, e indicar elementos que contribuam para a reflexão da condição da mulher.

De acordo com Delory-Momberger (2011), a narrativa se faz preponderante, não para que possamos ter uma história, porque a temos, mas para que possamos narrar a nossa vida. Certamente o relato da vida permite que estejamos em constante diálogo com nós mesmos. A narrativa, segundo a autora, é também um elemento de poder, no que concerne à formatação ou configuração narrativa. “[...] A narrativa narra histórias [...]” (MOMBERGER, 2011, p. 07). A narrativa existe para que a nossa história não se perca. Nessa direção, a autora afirma que,

É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida e que dá uma história a nossa vida. Em outros termos, não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 7).

Acrescentam-se a isso as ideias dos autores Connely e Clandinin (1995, p. 12), que afirmam que a investigação narrativa está focalizada na experiência humana. Os investigadores narrativos buscam descrever as vidas, contar histórias sobre elas e escrever

relatos de experiência. Por meio de relatos orais e algumas escritas produzidas nos encontros, foi possível aproximar sentidos e significados presentes nas narrativas das mulheres participantes do estudo, sobretudo, em aspectos que concernem à condição das mulheres.

De acordo com Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 09) “[...] a narrativa como construção de sentidos de um evento [...]” é uma das possibilidades de realizarmos uma investigação pautada na história dos sujeitos, pois, através da narrativa, é possível rememorar o passado, construindo uma reflexão do presente. É possível vislumbrar, por meio das narrativas, a possibilidade de reflexão da própria vida, através da memória. Os autores afirmam que a pesquisa narrativa é a possibilidade de construir compreensões entre os sujeitos, em vez de falar sobre eles. Ficamos sabendo que,

A aproximação entre pesquisador e pesquisado, longe de ser um mecanismo de “contaminação” da pesquisa, significa a possibilidade de construção de outras compreensões acerca das nossas experiências. Entre os modos de enfrentar o desafio das pesquisas com envolvimento do pesquisador está a investigação narrativa. As narrativas das histórias do vivido constituem material importante na investigação das práticas docentes. De certo modo, resguardam sujeitos e práticas de terem seus sentidos corrompidos por pesquisas formatadas que enquadram a experiência ao olhar ou ao objeto do investigador. (GERALDI, C; GERALDI, W; LIMA, 2015, p. 19).

Para os autores, a pesquisa em ciências humanas é a “ciência do singular”, pois, em vez de oferecer regras gerais, como em um modelo de pesquisa positivista, possibilita conhecer a história particular dos sujeitos. Da aproximação do pesquisador e dos participantes da pesquisa, é possível, por meio do diálogo, a construção e desconstrução de paradigmas, bem como a possibilidade de compreensões outras acerca de nossas experiências.

Portanto, a pesquisa narrativa é a possibilidade de falar com a escola e não sobre a escola, sendo, portanto, um instrumento precioso para as pesquisas no contexto escolar. Geraldi C, Geraldi W e Lima (2015), também caracterizam as narrativas biográficas e autobiográficas como a possibilidade de escrever de si e sobre si. Os autores salientam que

Na autobiografia, os dados empíricos são coletados por pesquisadores que se tornam os próprios objetos do estudo e fazem uma escrita de si e sobre si no processo de formação. Essas pesquisas permitem produzir uma compreensão do sujeito e de sua formação por meio das narrativas de vida. (GERALDI, C; GERALDI, W; LIMA, 2015, p. 25).

As pesquisas autobiográficas apresentam semelhanças com os depoimentos de história oral, pois não elucidam fatos ou eventos, mas fazem emergir os sujeitos que contam suas

histórias e partilham afetos. Nesse caminho, cabe a indagação: o que pode uma partilha da vida?

Na primeira etapa do estudo, realizei observações e fiz o registro por anotações. Na segunda etapa, realizei oficinas temáticas, com o objetivo principal de refletir sobre a condição da mulher. Por fim, realizei entrevistas abertas, para dialogar sobre as oficinas, bem como sobre a avaliação dos encontros pelas mulheres participantes.

A primeira oficina, intitulada “Imagens que produzem sentidos, que produzem vida”, foi organizada com imagens de mulheres ocupando diversos papéis na sociedade. A oficina teve por objetivo: discutir sobre os diversos papéis que as mulheres ocupam na sociedade atual, e refletir sobre a condição de vida das mulheres. Na segunda oficina “Imagens que vazam: histórias contadas por mulheres”, o objetivo foi: compreender a luta cotidiana de mulheres, por meio de imagens de mulheres ocupando diversos papéis na sociedade, bem como a possibilidade em refletir sobre a própria condição.

A terceira oficina, intitulada “Um olhar-vida para o conto *Uma Galinha*”, de Clarice Lispector, teve por objetivo: ler o conto de forma autônoma, com a possibilidade de partilhar vida, poesia e leitura de mundo; conhecer a autora Clarice Lispector, bem como sua importância na literatura brasileira.

A quarta oficina, intitulada “*Desconstruindo Amélia*, desconstruindo-me...”, teve por objetivo: dialogar sobre a condição da mulher, a partir da música *Desconstruindo Amélia* da cantora Pitty; partilhar vida e amizade, por meio de imagens de *Sê-los* (imagens-poesias confeccionadas por Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José). Na quinta oficina, “*Respeita as mina*: uma reflexão sobre a música”, a partir da referida música, tivemos por objetivo: dialogar sobre a condição da mulher a partir da música; partilhar vida e amizade, por meio de imagens de *Sê-los* (imagens-poesias confeccionadas por Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José).

Por fim, a sexta oficina, intitulada “Partilhando afetos: *Quarto de despejo*”, teve por objetivos: ler os trechos do livro de forma autônoma, com a possibilidade de partilhar vida, poesia e leitura de mundo; conhecer a autora Carolina Maria de Jesus, bem como a sua contribuição para a literatura brasileira. O registro das oficinas foi realizado com o uso de gravador, bem como anotações foram realizadas no decorrer dos encontros. Vale ressaltar que as gravações foram transcritas posteriormente.

Apresento este estudo com as indagações que permanecem, que pulsam, que movimentam vida e poesia. Narrativas que são potências de vida e resistência. Sendo assim, o trabalho se apresenta com introdução, e organizado em sete capítulos intermediados por devaneios caminantes. No primeiro capítulo, intitulado *Sobre novos modos de (re-)existir: a metamorfose do [meu] olhar*, trago a minha narrativa de vida e os processos da metamorfose, que fui detectando em meu próprio olhar para algumas questões da vida, bem como a minha experiência enquanto educadora no PEJA da Unesp Rio Claro, ressaltando, a partir de minha experiência e formação, a importância da universidade pública brasileira. O segundo capítulo, intitulado *História da Mulher: adentrando caminhos*, trago discussões acerca da historiografia da mulher, algumas aproximações com a vertente da História Cultural, bem como algumas reflexões acerca dos modos de ser mulher, a partir da contribuição de Simone de Beauvoir (1970). Registro também, nesse capítulo, a busca de produções já realizadas, concernentes ao objeto de estudo, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

No terceiro capítulo, intitulado *Na trilha da escrita da história: por entre direitos negados e espaços conquistados*, trago as primeiras mulheres que se lançaram nas malhas literárias no Brasil, no século XIX. Registro também, nesse capítulo, a discussão acerca das especificidades da escrita de Carolina Maria de Jesus e de Clarice Lispector, bem como questões acerca da escrita enquanto movimento do pensamento e da possibilidade da (re-)invenção de si.

No quarto capítulo, intitulado: *A condição da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: caminhos trilhados*, trago as conquistas no âmbito da legislação ao longo da história para essa modalidade de ensino, bem como a discussão acerca das políticas públicas elaboradas no decorrer dos anos. Registro também, nesse capítulo, alguns dados sobre o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O levantamento do referido censo, no que concerne às pessoas pouco escolarizadas, com recorte de gênero, raça e regiões do país, permitiu que pudéssemos tecer reflexões das especificidades e desafios da EJA no Brasil contemporâneo.

No quinto capítulo, intitulado *A EJA na cidade de Rio Claro-SP: primeiros movimentos*, trago breve descrição sobre a escola e o planejamento das oficinas; registro também algumas informações sobre as educandas e as observações realizadas nos dois primeiros encontros e das formas de registros realizadas no estudo. Por fim, trago informações sobre as mulheres participantes da pesquisa, levantadas através de um questionário

organizado com essa finalidade: conhecer um pouco mais acerca do público em uma turma de EJA.

No sexto capítulo, intitulado *Narrativas (de vida): mulheres que contam suas histórias*, apresento as descrições de como aconteceram as oficinas, bem como alguns apontamentos, para refletirmos sobre as oficinas realizadas, enquanto proposta metodológica e caminhos para o ensino na EJA. No sétimo capítulo, intitulado *Linhas poéticas de vida: costurando narrativas*, ao aproximarmos sentidos e significados presentes nas narrativas das mulheres participantes do estudo, observamos que essas mulheres se reconhecem sujeitos de suas práticas e compreendem a própria condição. Portanto, nesse capítulo, a reflexão sobre a condição feminina se faz complexa, e as indagações permanecem...

Por fim, as (in-)conclusões apontam caminhos, trazem reflexões sobre a condição feminina, bem como sobre a Educação de Jovens e Adultos e os desafios das políticas públicas para essa modalidade de ensino no Brasil contemporâneo.

DEVANEIOS CAMINHANTES *

Sociedade brasileira: lutas.

Caminhos pela história do Brasil: o transitar pela dor, colonização, sofrimento, resistência...

Lutas travadas, conquistas históricas.

Conquistas femininas ao longo da história: Lei Maria da Penha, criação das DEAMs, voto feminino, cotas para mulheres na política, acesso à educação e ao mercado de trabalho etc...

Desafios feministas em nosso país: pensar sobre a realidade local.

O reivindicar pelo direito de viver: Brasil, povo que clama pela democracia!

(Débora Sara Ferreira)

| | |
|---|---|
| História pra ninar gente grande: | Brasil, o teu nome é Dandara |
| | E a tua cara é de cariri, não veio do céu |
| [...] Brasil, meu nego | Nem das mãos de Isabel |
| Deixa eu te contar | A liberdade é um dragão no mar de Aracati |
| A história que a história não conta | Salve os caboclos de julho |
| O avesso do mesmo lugar | Quem foi de aço nos anos de chumbo |
| Na luta é que a gente se encontra | Brasil, chegou a vez |
| Brasil, meu dengo | De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês |
| A Mangueira chegou | <i>(Trecho do Samba Enredo da Mangueira, 2019)</i> |
| Com versos que o livro apagou | |
| Desde 1500 | |
| Tem mais invasão do que descobrimento | |
| Tem sangue retinto pisado | |
| Atrás do herói emoldurado | |
| Mulheres, tamoios, mulatos | |
| Eu quero um país que não está no retrato | |

MUDANÇA SEM RITMO, NEM DANÇA¹

*Eu sou a mudança.
Mudo o ritmo do canto e o ritmo da dança;*

*Eu mudo,
E o mundo não fica mudo;*

*Em cima do muro
Eu vejo tudo.
(Isadora Gomes)*

1 SOBRE NOVOS MODOS DE (RE-)EXISTIR: A METAMORFOSE DO [MEU] OLHAR

Deste texto fluem palavras, com o infinito do meu pensamento; que fluem inacabadas, com as ideias que pipocam a todo instante em minha vida, e também em minha pesquisa. Um texto que diz sobre mim, diz sobre a experiência de escrita com mulheres; diz sobre a morte, mas também diz sobre a vida, sobre o poder da vida; diz sobre a potência da escrita e das suas possibilidades; da escrita como possibilidade de (re-)inventar-se...

Meu interesse por esse tema de pesquisa não foi aleatório. Foi através de minha experiência no PEJA, em Rio Claro, que surgiram indagações múltiplas, no que concerne à condição da mulher e, conseqüentemente, fiquei instigada pela temática da história das mulheres. Afinal, o que pode uma mulher-resistência?

Ingressei no mestrado no mês de março de 2017. Indagações múltiplas acerca da temática do meu estudo fizeram-se presentes. O que me impulsionava e instigava?

Após várias conversas com minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Maria Rosa, decidimos que faríamos um trabalho com mulheres da EJA (Educação de Jovens e Adultos). E o objetivo inicial seria o de pensar sobre a condição das mulheres, a partir das histórias de vida daquelas que se encontrassem na sala de aula.

Entre as disciplinas obrigatórias, que deveria cursar para a obtenção de créditos; entre as reuniões de orientação e a correria toda da pós-graduação, com muita paixão, tecia as linhas poéticas do projeto.

¹ Trecho extraído da obra *Sê-los* confeccionada por Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José, que se identificam como remetentes.

O que seria da escrita sem a inventividade?

A intenção poético-política estava ali, bem ali, naquelas vinte páginas... Um projeto de pesquisa ganhava contornos, ganhava vida.

Era preciso submeter o projeto ao Comitê de Ética, então a atenção com as questões burocráticas eram redobradas, para que fosse aprovado.

Surge uma primeira leitura: a história das mulheres na Idade Média.

Realizei a leitura do livro todo, afinal, era um tema novo, e precisava inteirar-me do assunto. Li artigos acadêmicos e comecei a seguir páginas do Facebook, sobre mulheres, militância e movimentos feministas.

E algo inesperado acontecia nesses momentos de leituras-encontros, e tem relação com a vontade de saber mais, de buscar pistas e vestígios do que seria a tal da História da Mulher. Li um livro em uma noite, e isso nunca acontecera antes em minha vida! Apesar de gostar muito de leitura, nunca fui uma superleitora, daquelas de passar uma noite lendo um livro. O livro chama-se *Epistemologia feminista, gênero e história: descobrindo historicamente o gênero*, da autora Margareth Rago (2012), e traz questões históricas acerca da categoria de gênero, bem como da epistemologia feminista, na discussão acerca da historiografia das mulheres.

Um questionamento chegava em meus devaneios: como fica a nossa vida depois do conhecimento?

Comecei a atentar-me em injustiças que sofrem as minorias: índios, negros, mulheres negras, mulheres indígenas, crianças indígenas, comunidades LGBTs e outros grupos, que posso não ter mencionado. Penso que a resistência se faz poética. Penso que lutar pelo essencial inventivo de nossas vidas é uma maneira de sobreviver neste mundo marcado, muitas vezes, pela crueldade e desigualdade postas nas relações sociais, no entorno dos acontecimentos que nos envolvem. Surge a resistência-poética...

Nesse período, participei de uma disciplina, como aluna regular de Pós-Graduação, ministrada pela minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Maria Rosa, intitulada: *Tópicos especiais em escritos (auto)biográficos - pesquisa – formação*, e foram os encontros teóricos, e de partilha, que ajudaram na feitura-poética do meu projeto. Essa disciplina se fez marcante em meus devaneios-encontros. As discussões teóricas e poéticas foram riquíssimas, e as novas amizades foram um presente-encontro do universo.

A tal da troca de saberes é realmente encantadora...

Participei de uma outra disciplina, como aluna regular do Programa de Pós-Graduação, que me marcou grandiosamente. Intitulada *Epistemologia, História e Educação*, a

docente responsável abordou questões que envolvem a sensibilidade do pesquisador para com o seu trabalho, e questões de outras ordens, no que concerne à proposta da disciplina. Essa disciplina foi muito fértil, pois comecei a questionar sobre os modelos de pesquisa realizados na academia, e como nós, pesquisadores, devemos olhar para o nosso estudo. Sensibilidade e ética são importantes!

E as linhas do meu projeto iam se tecendo nas inventividades, nas margens, na poética...

Nesse mesmo ano, fui à cidade de Natal-RN, em um evento intitulado: *Diálogos com Paulo Freire*. Na graduação, realizei diversas leituras de seus escritos, e também acerca desse autor, e, de fato, (re-)encontrar-me com discussões freirianas, em tempos sombrios de sucateamento da educação pública, foi gratificante, inspirador e de um conhecimento riquíssimo.

Dentre todas as discussões que permearam o evento, uma se fez marcante a mim. Tem relação com a esperança, que é um ato político. Já estávamos vivendo tempos políticos difíceis para os sonhadores, e reavivar politicamente nossa esperança e compromisso com a educação foi, de fato, uma das leituras-encontros mais preciosas nesse evento.

Nestes devaneios, prosseguia com as leituras sobre a história da mulher. Um misto de sentimentos me permeava: indignação, vontade de aprender mais, raiva do patriarcado. Mas, até o pior dos sentimentos passa. Era preciso somar boas energias para a minha escrita-resistência.

A cada dia me interessava por eixos temáticos diferentes, e cada leitura, cada encontro, fez com que compreendesse questões, em que até então não havia parado para refletir.

Uma primeira questão é perceber que a nossa história sempre foi contada por homens, portanto, sob a perspectiva patriarcal. As mulheres do passado não puderam narrar suas histórias. Ou, pelo menos, quase nada deixaram registrado.

Confesso que não acreditava que as mulheres pudessem ter passado por todos os embates que nossas ancestrais enfrentaram. Desconhecia as “bruxas” da Idade Média e as sufragistas do século XIX. Desconhecia o nosso passado de torturas, de apagamentos e, por outro lado, de revoluções!

Dia após dia, entre leituras, tantas fontes de informação e pensamento, entre movimentos poéticos e éticos, em que esta escrita foi se constituindo, e entre o olhar atento para a condição das mulheres, a começar pela história de vida de minha querida mãe, Dona Rute, e de tantas outras histórias de muitas mulheres, é que pude perceber/refletir/indagar

acerca da condição das mulheres, o que acirrou movimentos comigo mesma. Uma condição imposta pelo patriarcado, mas que tem uma história de (re-)existências e de lutas.

Com o passar deste estudo, observando novos horizontes, pude perceber que o seu elemento “vivo”, se assim posso dizer, são as mulheres-resistência.

Trata da luta, da poesia, da poética, dos movimentos de vida-poesia, de uma escrita que caminha com a vida. Afinal, o que pode uma escrita-vida?

A transformação, a mudança, nunca é um processo confortável. Uma mulher que transforma seu olhar, que muda sua forma de ser e ver o mundo, nem sempre é uma mulher “bem-vista”, mesmo vivendo na contemporaneidade.

Mudar, portanto, é uma ruptura “dolorosa”, todavia é um processo que nos faz sair de um lugar (de prisão simbólica) e nos move a lugares-outros, que possibilitam, que abrem caminhos para a nossa emancipação intelectual.

Portanto, iniciar um texto com reflexões acerca da minha história de vida é, de certo e de todo modo, refletir sobre a condição de todas as mulheres: as mulheres de minha família, as mulheres próximas a mim, e as mulheres que não conheço, mas com a história das quais me sensibilizo, quando me deparo com notícias na mídia e nas redes sociais.

Essa temática sempre me envolve em múltiplos sentimentos. Por um momento, sinto felicidade e alegria por ter a luz, que é o conhecimento. Em outro momento, sinto-me injustiçada pelas nossas ancestrais, que foram torturadas, assassinadas, mas resistiram nas pluralidades do cotidiano, e, por resistirem, estamos aqui hoje, escrevendo, estudando, poetizando e criando novos modos de (re-)existência. É com um misto de sentimentos que me envolvem, que trago esta narrativa.

Por meio de minhas indagações cotidianas, no que tange à condição da mulher, é impossível neste estudo, como salientado anteriormente, não rememorar a história de minha mãe, D. Rute, que, por motivos diversos, não pôde estudar em período regular. Ela concluiu o Ensino Fundamental II na EJA, quando eu ainda era criança. Recentemente uma de minhas irmãs, Fabiana, terminou o ensino médio na Educação de Jovens e Adultos. Atualmente ela faz graduação em Pedagogia.

As questões que me foram passadas na igreja sobre a submissão que nós, mulheres, deveríamos aceitar, já haviam sido passadas em casa. Uma moça deveria sair de casa somente casada, minha família dizia.

Fui criada num lar evangélico, termo que minha família sempre utilizou. Questões como a história da mulher e o movimento feminista nunca chegaram, ou chegariam até mim, pois meu destino certamente já estava traçado pela submissão.

Minha família sempre me ensinou que o homem era “a cabeça do lar”, mas nunca concordei com essa ideia, nem com o que era imposto pela igreja, nem com o que era ensinado em casa. Atualmente acredito que o feminismo, enquanto um movimento social de resistência, de posicionamento, frente a questões vitais para os modos de ser mulher, mais do que uma “tendência a elevar a situação da mulher na sociedade, a aumentar seus direitos” (KOOGAN LAROUSSE, 1980, p. 370), ou como “movimento ideológico que preconiza a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher, ou a igualdade dos direitos dela aos do homem” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2013)², não é só importante, mas é essencial para a transformação das subjetividades e libertação dos corpos femininos. Uma curiosidade: em ambos os dicionários consultados, a palavra ‘feminismo’ é substantivo masculino.

No ano de 2007, frequentava assiduamente uma igreja protestante. Era presidente dos adolescentes, ministrava aulas na escola dominical para as crianças, tocava teclado no grupo de louvor, enfim, gostava muito de participar da comunidade cristã. Prossigo com meu afeto e respeito para com algumas pessoas dessa comunidade, que foram significativas em minha caminhada.

Ao exercer meu mandato como presidente dos adolescentes, sentia-me desconfortável com a maneira como meus colegas, na maioria dos casos, meninos, tratavam-me. Era alvo de piadas e deboches.

Era tratada com desrespeito nas reuniões, e quando cantava e tocava instrumentos no grupo de louvor, era alvo de deboches e apelidos, como “cuíca”, termo do qual só fui saber o significado, quando dancei carnaval pela primeira vez em minha vida.

Apesar de todos os embates, continuava desenvolvendo minhas atividades na comunidade cristã. Penso que minha resistência falou mais alto. Afinal, esses (novos) modos de existir e (re-) existir estão no âmago do nosso ser..

Nos dias atuais, algumas questões que enfrentara, por ter sido presidente dos adolescentes, pipocam a todo instante, quando coloco em discussão a condição da mulher. Afinal, nesses espaços, a condição de submissão é imposta, pois devemos seguir as regras bíblicas.

A mulher, na bíblia, foi a Eva pecadora, instigadora de todo mal. Quando analisamos a condição das mulheres na Idade Média, por exemplo, e no contexto em que se davam as

² Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. "**feminismo**", in [em linha], 2008-2013. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/feminismo>. Acesso em: 12 fev. 2019.

relações de poder nesse período, compreendemos as representações dos modos de ser da mulher, que têm forte influência da bíblia e se cristalizaram no imaginário das sociedades.

Ao refletir em minha própria condição, reflito sobre alguns casos de mulheres brasileiras que me comoveram por questões diversas, mulheres que, assim como eu, enfrentam o machismo estrutural na sociedade brasileira.

Era para ser apenas um caso jurídico-midiático de uma Presidenta eleita democraticamente, que foi impedida de exercer seu mandato. Por que isso me afetaria de maneira significativa? Ou por que esse caso aguçaria a discussão acerca da condição da mulher, elemento propulsor de minha dissertação?

Passando longe da intenção de discutir aspectos jurídicos e midiáticos do *golpe parlamentar de 2016*, termo referido por Nobre (2017)³, questiono se ele foi consolidado apenas por aspectos jurídicos e político-partidários. Será que a sociedade brasileira estava preparada para ter uma mulher no comando? Será que os comentários ofensivos e sexistas referentes à Presidenta não tinham relação com as representações que se cristalizam no imaginário das pessoas? Essa é uma primeira situação.

Houve o caso da vereadora assassinada brutalmente no Rio de Janeiro, que deixou pessoas em estado de choque, outras, nem tanto, mas que diz sobre a condição das mulheres no Brasil contemporâneo que são vítimas de violência física, simbólica e, em casos extremos, porém comuns, de feminicídio. Nos limites deste trabalho, não será abordada a questão do feminicídio, que tanto move nossa indignação. Seria um outro estudo, envolveria outras áreas de pesquisa que escapam ao nosso objeto. No entanto, matéria empírica sobra. Quanto à Marielle, a vereadora, segue com sua voz, interpenetrando os diálogos e discussões. Uma voz que não se cala...

Essa é uma segunda situação.

Houve ainda uma professora agredida brutalmente em São Paulo, militante do movimento dos grevistas que lutavam por melhores condições de trabalho e salário. Esse é um caso que me marcou sobremaneira, afinal, sou professora. Tratou-se apenas de uma agressão contra grevistas, ato com que já estamos infelizmente acostumados, ou se tratou de uma situação da qual emerge novamente a discussão sobre a condição da mulher? Essa é uma terceira situação.

³ NOBRE, M. C. de Q. Herança familiar na política: retrato dos limites da democracia no Brasil contemporâneo. *Revista Katálysis*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802017000300430&lang=pt. Acesso em: 20 fev. 2019.

Sentir-me-ia traída por meu próprio texto, se não compartilhasse esses meus afetos e desafetos cotidianos que dizem sobre a condição da mulher na sociedade brasileira, e que, com intensidades diversas, transbordam de um misto de sentimentos.

Neste instante-já estou envolvida por um vago desejo difuso de maravilhamento e milhares de reflexos do sol na água que corre da brisa na relva de um jardim todo maduro de perfumes, jardim e sombras que invento já e agora e que são o meio concreto de falar neste meu instante de vida. Meu estado é o de jardim com água correndo. Descrevendo-o tento misturar as palavras para que o tempo se faça. O que te digo deve ser lido rapidamente como quando se olha.
Clarice Lispector. (1998, p. 17).

1.1 PEJA Unesp de Rio Claro: tecendo fios de amizade

Todas estas minhas reflexões e indagações potente-pulsantes, no que concerne à condição da mulher, começaram no PEJA da UNESP de Rio Claro.

Talvez processos “invisíveis” de (re-)existência já tivessem acontecido em minha vida, em outros momentos, mas meu envolvimento com a história e luta das mulheres começou no projeto de extensão universitária e hoje se consolida com este estudo, como forma de resistência, insubordinação, insubmissão e (quase) revolução.

Escrevo num estado de quase revolta e com o coração quase transbordante de sentimentos desencontrados, mas marcantes, e meu envolvimento com esse tema permite que eu me (re-) invente sempre.

No ano de 2010, mudei-me para a cidade de Rio Claro-SP. Para o ingresso em uma faculdade, nos anos de 2010 e 2011, fui aluna do cursinho comunitário pré-vestibular, ATHO (Ação transformadora do homem), da Unesp de Rio Claro, um projeto de extensão da nossa universidade. Decidi prestar o vestibular para o curso de Pedagogia, por influência de um amigo da Geografia.

No ano de 2012, aprovada no vestibular, iniciei o curso de graduação. No início, não compreendia o sentido de cursar a Licenciatura em Pedagogia. Os textos eram muito difíceis, e não faziam sentido todas aquelas discussões de autores e da educação. Confesso que prestei o vestibular, porque achei a grade curricular muito interessante, mas a vontade de desistir do curso era grande.

Até achava interessantes as discussões, mas não faziam muito sentido para mim. Talvez fosse preciso vivenciar a escola. No cursinho ATHO, os alunos da universidade diziam que era importante o nosso envolvimento com os outros espaços da universidade. Vale ressaltar que a formação política que tínhamos no cursinho foi muito importante para construir minha militância, nos dias atuais.

No primeiro ano da graduação, trabalhava o dia todo, logo, os outros espaços da universidade eram de difícil acesso para mim. Porém, no segundo ano da graduação, comecei a trabalhar apenas meio período e logo fui à busca de projetos de extensão, seguindo as orientações dos professores do cursinho.

Por intermédio de uma rede social, vi que o PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos) estava com inscrições abertas para o processo seletivo de bolsistas. Fui no dia da seleção, fiz uma escrita a respeito da EJA e realizei uma entrevista com a Prof.^a Dr.^a Maria Rosa. Na entrevista, eu disse que me interessava por participar da extensão, mas tinha limitação de horário, devido o meu trabalho.

Dias depois, os bolsistas do projeto me enviaram um e-mail com a minha aprovação.

Minha luta pela educação começa no PEJA! Disso não tenho dúvida alguma...

Comecei a participar das discussões nas disciplinas da graduação e a compreender questões em que, até então, não havia parado para pensar.

Que motivos teriam levado as educandas participantes do projeto a deixarem de estudar na idade regular? Qual seria o motivo dessa exclusão, levando-se em consideração que a educação é um direito social?

Entre questões que pipocavam a todo instante em minha leitura de mundo, encontro-me com um teórico que transformou meu olhar para a educação: Paulo Freire!

A primeira leitura-encontro foi o livro *A importância do ato de ler* (1989), e confesso que me encantei por essa educação-outra que nos move a outros horizontes de possibilidades...

O que pode um encontro-olhar?

Quantos olhares para a nossa história podem compor um encontro? Quantos saberes compartilhamos e quanto conhecimento produzimos em cada encontro? Essas são as questões que se fazem potência, quando rememoro minhas experiências no PEJA.

No PEJA, descobri-me poeta e educadora. Descobri que a educação é um possível e fértil caminho para a transformação da nossa sociedade.

Nessa época, nós tínhamos três turmas no projeto: a turma da informática, a turma do bairro Bonsucesso, e a turma de leitura e escrita. Para a organização do cronograma dos

bolsistas, cada um ficou responsável por duas turmas, com encontros semanais. Fiquei responsável por frequentar as turmas do Bonsucesso e da informática.

Nesse caminhar-vida, que fez todo sentido à minha formação, conheci uma educanda em processo de aquisição de leitura e escrita.

Encontrei D. Cleide, e ela me encontrou. Mais que depressa, fizemos amizade! Após alguns meses, ao elaborar o projeto de Trabalho de Conclusão de Curso ⁴, convidei-a para participar do meu estudo. D. Cleide aceitou o convite, pois o objetivo do projeto era refletir sobre as diversas formas e táticas (CERTEAU, 1994) cotidianas de ler e escrever por pessoas pouco escolarizadas, no contexto do SUS.

Por esse estudo, foi possível ter a experiência de trabalho com uma mulher idosa que se dizia e se via como “analfabeta” e que voltou aos estudos na idade adulta, procurando o PEJA de Rio Claro. Vítima de exclusão social, D. Cleide, que foi proibida por seu pai de ir para a escola no período regular, afirmava que tinha uma vontade imensa de voltar a estudar.

Com o objetivo de produção de dados, a pesquisa foi desenvolvida por meio de um diário – um caderno “quase” escolar –, em que D. Cleide escrevia cotidianamente; também tabulamos conversas – em uma entrevista aberta –, que nos proporcionaram conhecer a sua história e seus embates cotidianos. Por meio das atividades, durante os encontros, D. Cleide escrevia cotidianamente sobre questões que lhe saltavam aos olhos, desde os motivos de estar no PEJA até atividades do dia a dia, que considerava importante registrar. Apesar das dificuldades em ler e escrever, D. Cleide não se calou e, num ato de resistência, escreveu a “sua vida” no caderno.

A entrevista para a produção dos dados possibilitou conhecer um pouco mais da história de D. Cleide. Ao ser perguntada sobre o por quê de não frequentar a escola em período regular, D. Cleide afirmou que seu pai dizia que escola era para homem e que “‘menina-moça’ cresce, aprende a escrever e faz cartas para namorado”. Portanto, em suma, este foi o motivo expresso por D. Cleide: não tinha permissão do pai para estudar.

D. Cleide, que frequenta o PEJA há alguns anos, e assiduamente, pôde rememorar seu passado, refletir sobre a sua condição e as imposições que sofrera por ser ‘menina-moça’:

Naquela época eu não estudei, Débora, porque meu pai falava, né, que escola ficou foi para homem, não foi pra mulher; mulher cresce, depois vai escrever

⁴ O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Ler e escrever entre pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS: uma análise de suas práticas cotidianas*, foi apresentado ao Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, em 2016, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo e coorientação da Prof.^a Dr.^a Eliane Bacocina. Pode ser conferido em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155743>.

cartinha pro namorado, pra rapaz. Então nosso estudo foi na roça, foi muito na roça nosso estudo, nós nunca teve estudo. (D. Cleide, 25/07/2016).

Em grande parte, minha perspectiva acerca da vida da mulher ainda não avaliava exatamente como a condição da mulher mudara depois dessa fala específica de D. Cleide...

Comecei a atentar nessas injustiças sofridas pelas mulheres do meu cotidiano, e por mulheres que já morreram.

Trabalhar com D. Cleide foi, certamente, o elemento propulsor de toda esta narrativa e de toda a minha forma resistente de ler o mundo e vivê-lo. Uma experiência enriquecedora, não apenas por ser um Trabalho de Conclusão de Curso, mas por ser uma experiência de formação e que me possibilitou ter um olhar (outro) para a história, a condição e a luta das mulheres. A experiência de acompanhar o trabalho com uma mulher idosa, vítima e exemplo do que se denomina exclusão, e que traz uma forma resistente de ler e (re-)escrever o mundo que habita...

E toda essa experiência, que me constitui e me faz “parar para pensar” e “cultivar a arte do encontro” (LARROSA, 2002, p. 24), seduziu-me. Afinal, é a experiência-sedução que nos instiga a criar uma *poética* do cotidiano. Criar as nossas linhas de fuga pela escrita nos encoraja a (re-)existir nas pluralidades do cotidiano...

A partir deste trabalho, a questão da condição da mulher, revelada por meio da narrativa e do caderno de escritas de D. Cleide, tornou-se potente-pulsante. Afinal, o que pode a escrita? O que pode a escrita de mulheres? O que pode a escrita de si? O que a escrita pode revelar?

A escrita é potente, é pulsante. É um devir, está sempre inacabada, está em processo de fazer-se; é poética, é encontro, e, de acordo com Rago (2013, p. 50), pode ser considerada uma atividade constitutiva das “artes da existência”:

É no contexto dessas reflexões que a “escrita de si” dos antigos gregos ganha destaque como uma das atividades constitutivas das “artes da existência”, isto é, como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora nos marcos de uma atividade que é essencialmente ética, experimentada como prática de liberdade, e não como sujeição às práticas disciplinares. A “escrita de si” é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstruir uma ética do eu. (RAGO, 2013, p. 50).

De acordo com Foucault (2004b, p. 306 *apud* RAGO, 2013, p. 43), ao discutir o conceito de “estéticas da existência” no estudo da experiência de subjetivação dos antigos,

afirma que as estéticas da existência dos gregos e romanos eram constituídas por “técnicas de si”, que eram a meditação, a escrita de si, a dieta, e os exercícios físicos e espirituais. A escrita de si, nesse contexto, aparece como uma “técnica de si”, portanto um trabalho ético-político. Vemos que a escrita, assim, assume um aspecto político e conseqüentemente criador: escrever é uma forma de diálogo consigo mesmo. Escrever sobre si é escrever aquilo que marca, transforma, afeta, instiga. A escrita, portanto, é poética, porque transpassa sensibilidades na esteira de um fazer de invenção cultural e política, é um movimentar-se, é (des-)contínua, é (re-)invenção de si... Espaço preche de subjetivações.

Escrever, para mim, além de uma obrigatoriedade, é vida! É potência da vida! E continua...

DEVANEIOS CAMINHANTES **

*Caminhos devaneantes,
 Sonhos estonteantes,
 Utopias do meu mundo.
 Preciso costurar as minhas narrativas!
 Narrar a minha história...
 E como me constituo no mundo em que vivo!
 Falar das experiências, dos encontros, dos devaneios;
 (Re-)invento-me neste processo:
 O processo da escrita-encontro.
 Escritas, vidas, poesias, narrativas,
 Uma esteira da inventividade;
 Um pulsar...
 Um toque...
 Um encontro...
 Um (ponto) de encontro...
 Uma escrita. Uma escrita (outra);
 Um encontro com a vida;
 O (re-)encontro com nossa história.
 Narrativas...
 (Débora Sara Ferreira)*

Quanto mais ignorante é um povo tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu poder. É partindo desses princípios, tão contrário à marcha progressista da civilização, que a maior parte dos homens se opõe a que se facilite à mulher os meios de cultivar o seu espírito.

A esperança de que, nas gerações futuras do Brasil, ela [a mulher] assumirá a posição que lhe compete nos pode somente consolar de sua sorte presente.

Nísia Floresta, em **Opúsculo humanitário. (1853)**

Eu não sou indolente.

Há tempos que eu pretendia escrever o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.

Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e os operários.

Carolina Maria de Jesus (2014, p. 28).

2 HISTÓRIAS DA MULHER: ADENTRANDO CAMINHOS

Conhecer a história da mulher é, de fato, depararmo-nos com as incertezas que assombraram o feminino durante séculos. No percurso de leitura e estudo dos caminhos pelos quais iríamos seguir, optamos, enquanto caminho teórico, pela vertente da História Cultural. Nessa direção, uma breve reflexão histórica e teórica é um caminho-convite para a ampliação do nosso olhar, adentrando algumas contribuições no campo da História Cultural.

Enquanto disciplina científica, a história firmou-se no século XIX. A temática da mulher foi mirada, a priori, sob a perspectiva masculina. Através de um olhar masculino, demarcado por representações patriarcais, algumas obras trouxeram discussões acerca do feminino. De acordo com Priore (1994), a primeira obra escrita acerca dessa temática, intitulada *La Femme*, oblíqua e moralista, do historiador Michelet, trazia discussões acerca dos movimentos da história e (re-)afirmava os papéis construídos socialmente, no que concerne ao universo feminino/masculino:

O conhecido historiador francês compreendia o movimento da história como uma resultante da relação dos sexos, modulado pelo conflito latente entre a mulher/natureza e o homem/cultura. A mulher, ressalva Michelet, só teria papel benéfico neste processo se dentro do casamento e enquanto cumprindo o papel de mãe. Ao fugir da benfazeja esfera da vida privada ou, ao usurpar o poder político como faziam as adúlteras e as feiticeiras, elas tornavam-se um mal. (PRIORE, 1994, p. 12).

O sexo individual, masculino ou feminino, torna-se uma questão relativa aos historiadores, na segunda metade do século XIX, em que os teóricos não discutiam as diferenças de gênero, mas traziam a discussão acerca do sexo individual. O matriarcado atinge o debate antropológico, e Engels, na obra *A origem da família da propriedade privada e do*

estado (1984), discutia Morgan e Bachofen. Engels (1984, *apud* PRIORE, 1994, p. 12) considerava que a libertação feminina se tornaria possível a partir de uma revolução da propriedade privada. Essa obra é de tradição marxista, portanto uma leitura acerca do universo e da libertação feminina se faz através das lutas de classe.

Morgan foi um antropólogo e jurista americano, contemporâneo de Marx, cuja obra maior, *A sociedade arcaica*, foi publicada em 1877. Bachofen foi um jurista suíço que publicou a obra *O direito materno*, em 1861. Segundo Darmangeat (2016, p. 06), Morgan, influenciado por Bachofen, esquematizou uma teoria evolucionista, na qual a sociedade era organizada em grupos de parentesco, aos quais o pertencimento se transmitiria exclusivamente de mãe para filha (matrilinearidade).

Cabe salientar, de acordo com Priore (1994), que na construção da discussão acerca da demografia histórica, o debate acerca das mulheres permeava as questões referentes à reprodução e não levava em conta as mulheres sós, apenas os casais, reafirmando uma visão patrilinear da história.

Em 1970, há uma abertura para o debate acerca do papel da família e da sexualidade, e discussões acerca do universo feminino foram elucidadas com duas preocupações iniciais: pensar sobre a mulher, no cenário da história que não se preocupava com as diferenças sexuais, e demonstrar a opressão e dominação que passavam as mulheres: Foi sem dúvida a partir de 1970, com a “Nouvelle Histoire” favorecendo a expansão da Antropologia Histórica, que se colocou em debate o papel da família e da sexualidade, e com a História das Mentalidades, voltada para pesquisas sobre o popular, que se inaugurou uma conjuntura mais aberta para se ouvir falar da mulher. (PRIORE, 1994, p. 13).

De acordo com Priore (1994), esses trabalhos levaram a temática das mulheres a um isolamento intelectual, sem grandes influências na disciplina histórica. A autora alerta para o fato de sempre ser posta em destaque a dialética neles utilizada, em que se observa a dominação masculina versus a opressão feminina. Portanto, é possível vislumbrar, na perspectiva de Priore, novas formas de abordagem e análise, no que concerne à história da mulher. Priore afirma que,

A dialética, sempre utilizada, da dominação masculina versus opressão feminina, deve ser evitada por sua circularidade, e substituída pela análise das mediações, no tempo e no espaço, através das quais qualquer dominação se exerce. Deve-se fugir da história que faz da mulher uma vítima, ou o seu inverso. As zonas de análise mais produtivas para a história da mulher são as nebulosas, onde encontramos as mulheres anônimas, ou como diria Duby,

“os murmúrios femininos que se perdem num coro tonitruante de homens que os sufocam”. (PRIORE, 1994, p. 13. Grifos da autora.).

Trazer a mulher para o centro do debate, quando tratamos dessa temática, é uma forma de não cairmos em equívocos, recorrentes em trabalhos sobre o universo feminino: quais formas de resistência, articuladas por mulheres, podemos vislumbrar, quando nos deparamos com a história das mulheres? No que tange à proposta deste estudo, quem são as mulheres da EJA (Educação de Jovens e Adultos), e quais formas de resistência que foram por elas articuladas, no que concerne a sua própria condição?

Por fim, Priore (1994) alerta para o fato de que a história da mulher nunca foi um lugar tranquilo, em que a mulher se move sem riscos. A sua história se constitui nas tensões e na poética da resistência, em que as práticas sociais, discursos e representações podem ser elementos propulsores para reflexão.

Outra questão que se faz preponderante, quando tratamos da história da mulher, é a compreensão das nuances acerca da inclusão da mulher na historiografia. De acordo com Gomes (2011, p.06), é inegável a inclusão das mulheres no campo historiográfico, nas décadas de 1970 e 1980, ao se colocar “[...] a visão monolítica do Homem Universal [...]”, porém, essa abordagem não dá conta de suprir a invisibilidade das mulheres. Portanto, foi preciso buscar outros caminhos que superassem a lógica binária, homem *versus* mulher, e debatessem a questão de gênero a partir das construções históricas e sociais.

A História Cultural, com seus novos métodos e abordagens, ao ganhar força a partir da interdisciplinaridade com a literatura, a antropologia e a psicanálise, buscou investigar os modos de ser da mulher a partir de vários aspectos. Para o historiador francês Roger Chartier (2002, p.16), “[...] a história cultural, tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler [...]”. Portanto, é possível conhecer as características de uma determinada sociedade pelos relatos escritos ou orais dos sujeitos. Inclui-se a possibilidade de aproximação da história da mulher.

Acrescenta-se a isso o que Tedeschi (2012, p. 21) define por História Cultural e que nos abre um leque de possibilidades, partindo da premissa de que “[...]tem uma especial afeição pelo informal, pelo popular, pelo resgate do papel de grupos sociais invisíveis na história, por uma abordagem plural na investigação histórica [...]”. Os trabalhos, no campo da História Cultural, procuram evidenciar as relações entre a cultura e o universo social, estando

a cultura presente nas relações sociais. Portanto, a cultura é uma construção social e, de acordo com Tedeschi,

A cultura é sempre uma construção social e constituída pelo conjunto de práticas e valores que podem ser passados por várias gerações e é perpassada pelas variações que dependem da temporalidade e dos grupos sociais que a produzem. A cultura não se transmite de uma forma imutável e é, portanto, uma produção histórica. (TEDESCHI, 2012, p. 23).

Cabe salientar que a História Tradicional tinha, como maior preocupação, as atividades do homem na política ou os grandes eventos da humanidade, porém, com o advento da *École des Annales*, a Nova História começou a preocupar-se com aspectos da vida humana, ligados à “história dos de baixo”, ou seja, dos que não tinham história. Nesse contexto, podemos compreender que são abertos caminhos para estudos referentes às mulheres.

Para Tedeschi (2012), uma das dificuldades que encontram os historiadores, quando se debruçam sob essa temática, decorre do que chamamos de “natureza masculina”, ou Androcentrismo da História, que gera a invisibilidade das mulheres.

Os discursos produzidos desde o início do patriarcado vão ao encontro do que chamamos desigualdade entre os gêneros, legitimando formas de poder e opressão. O corpo feminino é visto sob o olhar masculino, em que a docilidade, o cuidado com os filhos, o amor de mãe e os afetos são características inerentes às mulheres, portanto, naturalizados e constitutivos de uma “natureza feminina”.

A fim de garantir sua permanência no espaço privado do lar, passam a ser construídas as representações sobre as características e capacidades especificamente femininas, entre elas, a relação de afeto com a criança, o amor inato da mãe, o sentimento materno, unindo todas as mulheres em torno dessa única função. É assim que as características biológicas a maternidade inscrita no corpo feminino - passam a assumir um significado social. (TEDESCHI, 2012, p. 18).

A partir do discurso de uma “natureza feminina”, a sociedade patriarcal delimitou os espaços das mulheres com atribuições específicas na esfera doméstica. Discursos como esses, cristalizados por uma moral católica, chegam através de diálogos cotidianos e são mecanismos de poder que disciplinam os corpos e as subjetividades femininas. Fica registrado que,

Esses papéis, oriundos de representações, contidas ao longo do tempo, foram determinados pelo olhar masculino, e conseqüentemente, as representações

sociais e sua relação com o poder, contribuíram para produzir a alteridade e a identidade feminina. Esse espaço de “naturalização” do privado, do doméstico, confinou a mulher no lar, outorgou a ela uma nova forma de poder, não sobre o público, o econômico, mas sobre “o simbólico” do reprodutivo, dos filhos. (TEDESCHI, 2012, p. 18).

Essa “identidade feminina” culminou no que chamamos de desigualdade de gênero, que, por mecanismos de poder e opressão, limitou as mulheres nos intramuros da domesticidade.

Acrescenta-se a isso o que Bourdieu (2016) afirma sobre a divisão dos sexos. As mulheres, ao seguirem certos padrões de submissão, parecem estar na “ordem das coisas”:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas” como se diz por vezes falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado das coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2016, p. 21. Grifos do autor.).

São naturalizados discursos que ditam regras, e imposições nos chegam como inerentes ao feminino, portanto essa lógica de dominação dispensa uma justificação. Por meio dessa relação de dominação, é possível alcançar essa lógica, que é reconhecida tanto pelo dominante, como pelo dominado, e que se dá a partir da maneira de falar e das formas de pensar e agir. As mulheres, ao ficarem confinadas na esfera doméstica, deixaram poucos registros na história.

Nessa direção, Almeida (2007) afirma que a invisibilidade das mulheres na história permite que procuremos as pistas e vestígios, inseridos em uma cultura em que o patriarcado se instaurou, e os sigamos na busca da sua interpretação e reinterpretação, para eliminar a invisibilidade que nos assombrou durante séculos. A autora afirma que

A histórica ausência feminina da instrução e das esferas de poder impediu testemunhos mais vastos. Portanto, para escrever sobre mulheres em qualquer campo do conhecimento, há de se valer de sinais, vestígios, de fontes pouco ortodoxas em um risco assumido de desconsiderar que apenas o que é objetivo dá conta da existência humana, sejam seus atores homens ou mulheres. (ALMEIDA, 2007, p. 18).

Cabe salientar que Rocha (2009) afirma que os homens tiveram grandes feitos destacados na História Tradicional. O prestígio recorrente na literatura, na filosofia e em tantas outras áreas do conhecimento, somente foi possível por meio da opressão às mulheres.

Portanto, conhecemos grandes filósofos da Antiguidade, ouvimos falar de homens que fizeram grandes descobertas nas ciências naturais e em tantas outras áreas do conhecimento. O que restou às mulheres foi a invisibilidade. Como destaca Rocha,

O papel desempenhado pelo homem na sociedade patriarcal sempre foi agraciado com uma variedade de prêmios, tais como dinheiro, status, reconhecimento público e posses. Por outro lado, as mulheres, que tanto fizeram, praticamente não foram mencionadas na história. São seres anônimos que serviram à sociedade, ao marido e aos filhos, realizando funções tão desafiadoras quanto as creditadas exclusivamente ao sexo masculino. (ROCHA, 2009, p. 51).

Nesse aspecto, cabe salientar que as mulheres são vítimas de verdades parciais, e as interpretações sempre favorecem alguns grupos em detrimento de outros. Nessa direção, Simone de Beauvoir (1970) nos traz reflexões preponderantes, para refletirmos sobre a condição feminina. A autora afirma que as mulheres tiveram a destinação de serem o *Outro*, pois os homens, ao compilarem as leis, favoreceram o próprio sexo. Ficamos sabendo que,

Essas questões estão longe de ser novas; já lhes foram dadas numerosas respostas, mas o simples fato de ser a mulher o *Outro* contesta todas as justificações que os homens lhe puderam dar: eram-lhes evidentemente ditadas pelo interesse. "Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte", escreveu, no século XVII, Poulain de La Barre, feminista pouco conhecido. (BEAUVOIR, 1970, p. 15).

Ao questionar sobre as imposições sofridas pelas mulheres durante séculos, Beauvoir (1970, p. 11) afirma que: “[...] Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a *Outra* diante de si [...]”. Portanto os sujeitos, ao se colocarem na sociedade a partir de uma oposição, e ao se fazerem essenciais, definem o *Outro* como inessencial. A autora ainda questiona os motivos das mulheres serem o *Outro* na sociedade, visto que, em se tratando de uma questão numérica, no mundo existe basicamente a mesma quantidade de homens e mulheres, e, por serem o *Outro*, as mulheres nunca se colocaram enquanto sujeito coletivo na sociedade. Beauvoir afirma que,

Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. Os proletários dizem "nós". Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em "outros" os burgueses, os brancos. As mulheres — salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas — não dizem "nós". Os homens dizem "as mulheres" e elas usam essas palavras para se designarem

a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito. (BEAUVOIR, 1970, p. 13).

É possível vislumbrar, nas reflexões da autora, o que concerne às reflexões da condição feminina como sendo uma condição social, e à possibilidade de tais apontamentos serem marcantes para refletirmos sobre a condição da mulher.

Beauvoir aponta que as construções históricas e sociais cristalizaram o destino de submissão das mulheres. Ao ditar regras e criar leis, os homens, durante o decorrer da história, beneficiaram-se, corroborando para a supremacia masculina.

“Os que fizeram e compilaram as leis, por serem homens, favoreceram seu próprio sexo, e os juristas transformaram as leis em princípios”, diz ainda Poulain de La Barre. Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra. (BEAUVOIR, 1970, p. 16).

A autora afirma que os homens nunca deixaram essas pretensões aparecerem explicitamente. Em qualquer época e lugar, os homens mostraram a satisfação de serem os reis da criação. Ao indagar sobre “o que é ser mulher?”, Beauvoir (1970) nos traz importantes reflexões para considerarmos as limitações impostas e a submissão do sexo feminino. Ao refletir sobre a condição feminina e o destino de submissão das mulheres, a autora indica caminhos para a igualdade entre os seres humanos. E cabe a nós continuarmos com essas indagações. Indagações que permanecem e se reinventam no cotidiano, na poética da resistência, e no refletir sobre a potência do feminino.

Nesse caminho, a autora Lílian Lima (2017) salienta que as indagações acerca da condição feminina foram postas em destaque na sociedade, quando mulheres se puseram à frente conseguindo, não sem esforço, quebrar paradigmas e abrir fissuras nas faces rígidas dos padrões hegemônicos.

No século XIX, as mulheres começam a refletir sobre a própria condição e realizam várias mobilizações, reivindicando os seus direitos. Lima afirma que

A presença das mulheres nas sociedades, suas condições de vida, as representações sobre elas, as lutas travadas e as vitórias alcançadas constituem objeto de interesse dos estudos feministas. Ainda no século XIX, teve início, sobretudo, o despertar de uma consciência feminista ou de gênero, promovido por mulheres, ora por meio de manifestos, mobilizações e declarações reivindicativas, ora por representações e análises artísticas ou sociológicas, ousadamente publicadas nos poucos veículos que lhes abriam as portas. (LIMA, 2017, p. 18).

Nesse contexto, são dados os primeiros passos reivindicatórios das mulheres, em todo o mundo. No Brasil, temos exemplos de diversas mulheres que se levantaram e desafiaram o *status quo* e o poder hegemônico da época, e que serão apresentadas com mais aprofundamento no capítulo seguinte.

Uma das preocupações que permeiam as reflexões sobre os movimentos feministas no Brasil é o discurso universalizante do movimento. Em nosso país, a história se faz complexa. Portanto, a reflexão dos movimentos feministas deve ser realizada com reflexões sobre a realidade local. É preciso que a teoria feminista possa estabelecer diálogo com as outras desigualdades presentes em nosso país. As questões de gênero, raça e classe social devem ser pensadas interseccionalmente, portanto, as políticas públicas para mulheres podem ser elaboradas intersetorialmente com outras políticas de correção das desigualdades sociais.

Nessa direção, a autora Bila Sorj (2002), ao trazer alguns apontamentos acerca dos desafios feministas no Brasil contemporâneo, afirma que o processo do desenvolvimento político no Brasil não acompanha o de países desenvolvidos, principalmente no que concerne aos direitos civis e sociais. Sendo assim, um dos desafios do movimento feminista no Brasil é olhar para a realidade local e (re-)pensar seu discurso universalizante. Em um país marcado por desigualdades diversas, pensar nas ideias feministas se faz um desafio complexo. Para a autora, as ideias do movimento feminista nascem junto dos princípios da democracia liberal. Ficamos sabendo que

O processo de desenvolvimento político do Brasil, entretanto, não seguiu o mesmo caminho e ainda está muito distante de praticar uma democracia que corresponda aos padrões dos países desenvolvidos, sobretudo no que diz respeito à garantia dos direitos civis e sociais. O deslocamento entre o contexto liberal e democrático, que deu origem ao ideário feminista, e a recepção e assimilação deste à realidade social e política brasileira impõem importantes desafios às práticas feministas no Brasil. (SORJ, 2002, p. 99).

Sabendo-se que as práticas sociais locais se renovam e se transformam, pensar sobre as práticas feministas no Brasil é compreender que, mesmo que tais ideias sejam universalizantes, no contexto brasileiro se faz necessária a (re-)elaboração do discurso, com vistas ao diálogo articulador com a nossa realidade local. Sorj (2002) afirma que o discurso feminista tem um longo desafio pela frente no contexto da sociedade brasileira. Nesse caminho cabe a indagação: como pensar no debate feminista no Brasil, de modo que as desigualdades sociais locais façam parte do diálogo?

De todo modo, visibilizar as conquistas das mulheres durante o decorrer da história de nosso país se faz preponderante, para (re-)pensarmos alguns discursos e refletirmos sobre os desafios que temos pela frente. De acordo com Meneghel *et al.* (2011), os movimentos feministas, na década de 1970, deram visibilidade para a violência contra a mulher no Brasil, considerada, nesse período, como um problema da vida privada. A criação de uma lei específica que atendesse às mulheres, no que tange à violência, foi possível por meio da mobilização dos movimentos de mulheres e da criação da SEPM (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres), no governo de Luís Inácio Lula da Silva. Ficamos sabendo que

A Lei 11.340/2006, denominada de Lei Maria da Penha fundamenta-se em normas e diretivas consagradas na Constituição Federal, na Convenção da ONU sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher e na Convenção Interamericana para Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher. A Lei afirma que toda mulher, independentemente, de classe, raça, etnia ou orientação sexual goza dos direitos fundamentais e pretende assegurar a todas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar a saúde física e mental e o aperfeiçoamento moral, intelectual e social, assim como as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança e à saúde. (MENEGUEL *et al.*, 2011, p. 692).

Considerando a condição de vida das mulheres no Brasil, podemos observar que tal lei é uma conquista histórica e de extrema importância para as mulheres brasileiras, mas há limites que devem ser estudados para futuras melhorias. As autoras acima citadas afirmam que as mulheres vítimas de violência doméstica apontam limites na efetivação da lei, como “[...]O descumprimento das medidas protetivas pelos agressores e a dificuldade dos serviços de segurança pública efetivamente protegê-las[...]” (MENEGUEL *et al.*, 2011, p.698). Mas a importância da legislação para casos de violência doméstica contra a mulher, bem como as profundas mudanças propostas pela lei são de fato imprescindíveis.

As Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAMs), de acordo com Sorj (2002), foram criadas sob inspiração feminista, sendo uma das maiores conquistas dos movimentos. Por vezes, as mulheres vítimas de violência doméstica que procuram as DEAMs, acabam retirando as queixas contra seus agressores. Segundo Sorj,

Pesquisas revelam que a principal motivação das mulheres em procurar as delegacias especializadas consiste, mais frequentemente, em dar um susto no companheiro para que este abandone práticas violentas. Se em outros contextos de tradição liberal a polícia é uma instituição legalmente acionada todas as vezes que estão em jogo os direitos à segurança, à privacidade e à vida, no Brasil, contudo, a polícia é utilizada de muitas maneiras. (SORJ, 2002, p. 104).

Ao utilizar o poder policial, as mulheres vítimas de violência doméstica fazem as denúncias, utilizando-as como táticas, com vistas à renegociação do casamento. Esse processo, na maior parte dos casos, funciona de maneira positiva, visto que os homens acusados recebem uma pressão policial. Muitas vezes, as mulheres vítimas de violência frustram as expectativas feministas, e, por questões de várias ordens, que envolvem a dependência econômica, medo e submissão, elas retiram suas queixas, com vistas à preservação da ordem familiar.

Sorj (2002) afirma que muitas mulheres conscientes de seus direitos procuram as delegacias e prosseguem com as denúncias, e afirma que é enganoso pensar que a cultura brasileira se traduz apenas em valores hierárquicos. Por fim, a autora sugere, ao realizar algumas análises, no que concerne à recepção das ideias e instituições feministas, que os estudos das relações de gênero podem contribuir para a compreensão dos dilemas da sociedade brasileira.

Tomando como modelo o desenho das ondas, a praia avança na água pontas apenas esboçadas que se prolongam em bancos de areia submersos, como as correntes os formam e desfazem a cada maré. Foi uma dessas línguas baixas de areia que o senhor Palomar escolheu como ponto de observação, porque as ondas nelas batem obliquamente de uma parte e de outra, e ao cavalgarem por cima da superfície semi-submersa vão encontrar-se com as que chegam da outra parte.

Ítalo Calvino (1994, p. 9).

2.1- A história da mulher: o que dizem as pesquisas?

Realizar o levantamento de dados de uma determinada área do conhecimento é um espaço de formação para todo pesquisador, para toda pesquisadora. É um contínuo movimento de busca. Nesse processo, a leitura minuciosa de trabalhos ou artigos acadêmicos, bem como a organização e delimitação dos objetivos e descritores de busca se fazem essenciais nos movimentos iniciais.

Com o objetivo de conhecer o que vem sendo articulado em pesquisas que envolvem a história da mulher e a escrita feminina, e como essas pesquisas têm sido desenvolvidas, foi realizado um levantamento inicial do tema de interesse no *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*. A escolha desse banco de dados se fez pela vastidão de pesquisas realizadas com abrangência nacional. O *Catálogo* materializa uma base de informações bastante significativa e consistente, pela qual é passível de se configurar um panorama sobre o tema.

Optou-se pelo descritor *História da Mulher*, pois o estudo em questão traz a historiografia feminina para discussão. O que dizem as pesquisas sobre história da mulher? O descritor *Escrita Feminina* foi escolhido, devido à possibilidade de conhecermos trabalhos que trazem a discussão acerca da escrita feminina. Por fim, o descritor *Narrativas* foi escolhido, devido à possibilidade de se conhecer estudos que trouxessem narrativas de mulheres em diversos contextos. Esses descritores foram combinados na busca.

Primeiramente foram colocados os descritores no catálogo, e ao percebermos a vastidão de pesquisas encontradas a partir deles, optou-se por selecionar os últimos dez anos de publicação das pesquisas (2008 a 2018).

Para organização e leitura dos resumos, foi elaborada uma tabela que continha os dados gerais dos estudos: *título, autores, palavras-chave, instituição, ano e identificação dos descritores nos resumos*. Nas tabelas, foram destacados os descritores nos títulos, nas palavras-chave e nos resumos. Cabe salientar que após uma segunda leitura dos resumos, pôde-se identificar um ou dois descritores de busca presentes nos resumos dos trabalhos.

Nas dissertações de mestrado, os descritores *Escrita feminina e Narrativas* aparecem em oito trabalhos. O descritor *Escrita feminina* aparece em quatro. E, por fim, o descritor *Narrativas* aparece em dezenove trabalhos. Após a leitura dos resumos das dissertações, é possível compreender que, quando identificamos os descritores *escrita feminina e narrativas*, a maior parte dos trabalhos tem por objetivo analisar as escritas femininas presentes nas narrativas de textos literários, autobiografias, contos, jornais ou blogs.

Nas teses de doutorado, os descritores *Escrita Feminina e Narrativas* aparecem em três trabalhos. O descritor *Narrativas* aparece em seis. O descritor *Escrita feminina* não aparece nos resumos. Um trabalho é anterior à Plataforma Sucupira, portanto não conseguimos localizá-lo.

Quadro I - Pesquisas de mestrado organizadas por ano

| | Título do trabalho | Autores | Palavras - chave | Instituição | Ano | Identificação dos descritores nos resumos |
|----------|---|-----------------------|--|--------------------|------------|---|
| 1 | A queda dos anjos nos domínios da literatura - Uma leitura de As Máscaras do Destino de | CARVALHO, Aline Alves | -Eros; -Thánatos; -Transgressão; -Feminino. | UFRJ | 2008 | No resumo do trabalho não foram identificados os descritores. |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|-----------|------|--|
| | Florbela Espanca | | | | | |
| 2 | A mulher negra nos "Cadernos negros": autoria e representações | FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de | - Literatura afro-brasileira; - Conto de Autoria feminina; - Cadernos Negros; - Conceição Evaristo; - Miriam Alves; - Esmeralda Ribeiro; | URMG | 2009 | No resumo do trabalho, encontram-se os descritores: escrita feminina negra e narrativas |
| 3 | Figurações da mulher-artista nos contos de Adriana Lunardi | COSTA, Deise Bastos da | Künstlerroman de autoria feminina; - Biografia ficcional, - Narrativas curtas , - Adriana Lunardi. | FURG | 2010 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 4 | O corpo feminino no romance Atire em Sofia de Sônia Coutinho | SOUZA, Catherine Santana | -Corpo; - Literatura de autoria feminina; - Atire em Sofia; -Sônia Coutinho. | UESC | 2012 | No resumo do trabalho, encontram-se os descritores: escrita feminina e narrativas. |
| 5 | Figurações do feminino em "Fuga em espelhos" de Guiomar de Grammont | FONSECA, Sandra Renata | - Literatura de Minas Gerais; - Guiomar de Grammont; - - Representação feminina; - Identidade; - Violência; | Unimontes | 2013 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 6 | Tessituras do Eu: identidades femininas em O assassino cego de Margaret | OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro | - Relações de gênero. - Identidade feminina. - Metafissão. O assassino | UFPI | 2013 | No resumo do trabalho, encontram-se os descritores: escrita feminina e narrativas. |

| | | | | | | |
|----|---|-----------------------------------|--|------------|------|---|
| | Atwood | | cego. Atwood. | | | |
| 7 | Clarice Lispector em movimento: a recepção das trabalhadoras rurais de Alagoinhas | MORAES, Juliana Andrade de | - Clarice Lispector; - Movimento Social de Mulheres; - Leituras; | UNEB | 2013 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas e narrativas de vida. |
| 8 | “Ou isto ou aquilo”: implicações entre maternidade e militância para mulheres que militaram em oposição à ditadura militar no Brasil (1964-1985). | CRUZ, Jaiza Pollyanna Dias da | - Maternidade; - Militância; - Gênero; - Geração; - Ditadura Militar no Brasil; | UFMG | 2013 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 9 | Socialização, Papéis de Gênero e Desenvolvimento Psicológico: tecendo narrativas femininas. | MARACCI, Inara Linn | - Socialização; - Identidade de gênero; - Narrativas; - Grupo focal. | UnB | 2013 | No resumo do trabalho encontra-se o descritor: narrativas. |
| 10 | Entre a letra e a lei: narrativas e identidades femininas | SOUZA, Vanessa de Figueiredo | - Literatura; - Direito; - Narrativas; - Identidade; - Feminino; | Unigranrio | 2014 | No resumo do trabalho, encontram-se os descritores: escrita feminina e narrativas. |
| 11 | O feminino e o poético nas narrativas de Marina Colasanti | FREITAS, Marília da Silva | - Literatura feminina; - Contos de fadas; - Mitos; - Teoria literária; - Marina Colasanti; | UFU | 2014 | No resumo, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 12 | Eu marginal: (des-)encontros narrativos em | NAVARRO, Luciane Pereira da Silva | - Jornalismo popular; - Blogosfera; | UEPG | 2014 | No resumo do trabalho, encontra-se o |

| | | | | | | |
|----|---|---|--|------------------|------|---|
| | primeira pessoa | | - Mulher; - Autonarrativa | | | descriptor: narrativas. |
| 13 | Representações femininas nos contos de fadas de Marina Colasanti | SOARES. Livia Maria Rosa | - Representação feminina; - Contos de fadas; - Modernidade | UESPI | 2014 | No resumo do trabalho, encontram-se os descritores: escrita feminina e narrativas. |
| 14 | A representação textual- discursiva do feminino em crônicas de Marina Colasanti | CORREA, Jaqueline Aparecida Silva | Sociedade- cognição- discurso; Feminino- feminismo; Crônicas; Marina Colasanti; Análise crítica do discurso; | PUC São Paulo | 2015 | No resumo do trabalho, encontra-se o descriptor: narrativas. |
| 15 | Identities em movimento: a representação feminina e as relações de gênero na obra de Angela Carter ASSIS | RODRIGUES, Talita Annunciato | - Angela Carter (1940- 1992); - Mulheres na literatura; - Crítica feminista; - Gênero; - Literatura inglesa; | UNESP | 2015 | No resumo, encontra-se o descriptor: narrativas. |
| 16 | Uma voz feminina no século XVII: a autobiografia de Antonia Margarida de Castelo Branco | VOLUPCA, Paula Aparecida | - Antónia Margarida de Castelo Branco; - Autobiografia; - Memória; -Escrita feminina conventual; - A mulher no período barroco- português. | UNICENT RO | 2015 | No resumo do trabalho não foram identificados os descritores. |
| 17 | Igual a todas, diferente de todas: a re- criação da categoria | DIAS, Rafaela Kelsen | -Gênero; -Raça; - Narrativa; - Política; -Conceição | UFSJ | 2015 | No resumo, encontra-se o descriptor: narrativas. |

| | | | | | | |
|----|---|--------------------------------------|--|-------|------|---|
| | “mulher” em Insubmissas Lágrimas de mulheres de Conceição Evaristo | | Evaristo; | | | |
| 18 | O blog e a prática da escrita de autoria feminina : as narrativas de motivação amorosa | NASCIMENTO, Carolina Montagnini | -Escrita de autoria feminina; -Ciberespaço; -Blog; -Amor; | UEL | 2015 | No resumo, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 19 | Literatura e história: perspectivas de interpretação de narrativas e ensaios do 'Jornal das Senhoras' | KROETZ, Itiana Daniela | - Jornal das Senhoras; - Século XIX; - Periódicos; -Mulher; | Unisc | 2015 | No resumo, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 20 | Deuses que dançam e conclamam a revolução: a construção da identidade de resistência, em A ilha sob o mar de Isabel Allende | EICH, Milena Campos | -Literatura de autoria feminina; -Identidade de resistência; -Dança; -Religião; -A ilha sob o mar; | UERJ | 2015 | No resumo do trabalho não foram identificados os descritores. |
| 21 | Olhares sobre o exílio: Narrativas Femininas no Período Colonial Português | DIAS, Cristianne Silva Araujo | - Literatura Portuguesa; - Guerra Colonial; - Lídia Jorge; - Teolinda Gersão; - Mulher; | UFPI | 2015 | No resumo do trabalho, encontraram-se os descritores: escrita feminina e narrativas. |
| 22 | Gênero e educação nas escrituras de Conceição Evaristo: um olhar sobre Ponciá | CRUZ, Rosangela Aparecida Cardoso da | - Conceição Evaristo; - Literatura Afro-brasileira; -Educação; -Gênero; | UFMG | 2016 | No resumo do trabalho, encontram-se os descritores: escrita feminina negra e narrativas. |

| | | | | | | |
|----|---|------------------------------------|---|-------|------|---|
| | Vicência e Becos da Memória | | -Identidade | | | |
| 23 | Vozes subalternas: produções de autoria feminina na pós-colonização do Brasil | FERNANDES, Ana Carolina dos Reis | Pós-Colonização; Produção Literária; Estudos de Gênero; Vozes Subalternas; | UNESP | 2016 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 24 | O romance africano e os posicionamentos das vozes femininas em Nervous Conditions de Tsitsi Dangarembga | SANTOS, Claudia Regina | - Literatura africana; - Zimbábue; - Relações de gênero; - Vozes femininas; - Tsitsi Dangarembga; | UFMT | 2016 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: escrita feminina. |
| 25 | O empoderamento de vozes femininas nas narrativas de Paulina Chiziane | SANTOS, Aurea Regina do Nascimento | - Relações de gênero; - Vozes femininas; - Paulina Chiziane; - Narrativa; | UESPI | 2016 | No resumo, encontram-se os descritores: escrita literária feminina e narrativas. |
| 26 | Vozes femininas em Ursula de Maria Firmina dos Reis, “uma maranhense” | PINHEIRO, Thaynara Rodrigues | - Úrsula; - Autoria feminina; - Narrativas ; - Maria Firmina dos Reis. - Protagonismo feminino. | UFPB | 2016 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: escrita feminina. |
| 27 | Poéticas da Resistência: o Lirismo Militante de Ildefonso Laura César e Jacinta Passos | ROCHA, Daise Pereira Machado | -Literatura feminina; -Poesia; -Jacinta Passos; -Ildefonso Laura César; | UEFS | 2016 | No resumo do trabalho não foram identificados os descritores. |
| 28 | Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos | PEREIRA, Rodrigo da Rosa | - Literatura afro-brasileira; - Autoria feminina; | FURG | 2016 | No resumo do trabalho não foram identificados os |

| | | | | | | |
|----|---|----------------------------|---|------|------|--|
| | Negros (contos): Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves | | - Escritoras negras; - Contos; - Cadernos negros; | | | descritores. |
| 29 | Escrita e identidade feminina no romance L'enfant de sable de Tahar Benjelloun | BUSQUET, Fabiana de Mattos | - Maghreb; - Narrativa feminina; - Identidade; - Escrita; - Oralidade; - Memória; | UFF | 2016 | No resumo, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 30 | Protagonismo feminino e traços memorialísticos em Malinche de Laura Esquivel e Inés Del Alma Mía, de Isabel Allende | BARROS, Nathalia Oliveira | - Memória; - Narrativas de extração histórica; - Malinche; - Inés Suárez; | UFRN | 2017 | No resumo, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 31 | Da literatura afro-brasileira à poesia afro feminina de Conceição Evaristo | CERQUEIRA, Janice Souza | - Conceição Evaristo; - Escrita afrofeminina; - Literatura negra; - Literatura afrobrasileira; - Identidade; | UEFS | 2017 | No resumo, encontra-se o descritor: escrita feminina. |
| 32 | Mulher, casamento e autoria feminina: enfoques na literatura infantil e juvenil de Marina Colasanti | FARIAS, Morgana de Farias; | - Autoria feminina; - Gênero; - Marina Colasanti; - Casamento; - Literatura infantil e juvenil; | UFPB | 2017 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 33 | O feminino na escrita de Clarice Lispector: A | DONADELI, Luciana Macedo; | - Feminino; - Escrita; - Clarice Lispector; | UFU | 2017 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: |

| | | | | | | |
|----|--|-----------------------------|---|----------|------|---|
| | via crucis do corpo | | - Interpretação; | | | narrativas. |
| 34 | A inserção da mulher europeia na conquista do “novo mundo” – perspectivas literárias | UBER, Beatrice; | - Romance histórico contemporâneo de mediação; - História vista de baixo; - Desmundo (1996); - Bride of New France (2013); | Unioeste | 2017 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas híbridas. |
| 35 | Imprensa, moda e educação feminina em contos iniciais de Machado de Assis | SILVA, Josilene Lucas; | - Conto; - Educação das mulheres; - Imprensa; - Machado de Assis; - Moda; | USP | 2017 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 36 | Escrita feminina e protofeminismo em Jane Austen: elementos para a construção de um novo perfil de mulher em a abadia de Northanger e orgulho e preconceito | CORREIA, Lailla Mendes | - Jane Austen; - <u>Escrita feminina</u> ; - Proto feminismo; - Romances; | UESB | 2018 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: escrita feminina. |
| 37 | “Vivíamos nas lacunas entre as histórias”: ficção, história e experiência feminina em The Handmaid’s Tale de Margaret Atwood | PARUCKER, Isabela Gomes | - História; - Literatura; - Ficção; - Margaret Atwood; - História das mulheres; | UnB | 2018 | No resumo, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 38 | The Wishing Box e The Fifty-Ninth Bear: a rasura | OLIVEIRA, Matheus Torres de | - Sylvia Platt; - Leitura política; - Literatura de | UFSCar | 2018 | No resumo do trabalho, encontram-se os descritores: |

| | | | | | |
|------------------------------|--|-------------------|--|--|--|
| do casamento em Sylvia Plath | | autoria feminina; | | | escrita de autoria feminina e narrativas. |
|------------------------------|--|-------------------|--|--|--|

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Organizado pela autora, 2019.

Quadro II - Pesquisas de doutorado organizadas por ano.

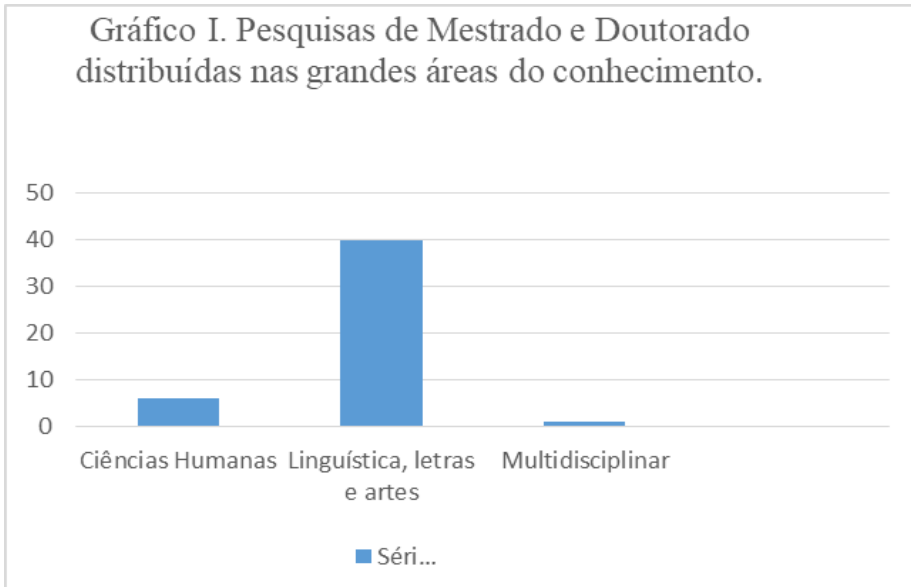
| | Título do trabalho | Autores | Palavras-chave | Instituição | Ano | Identificação dos descritores nos resumos |
|----------|--|----------------------------------|---|--------------------|------------|--|
| 1 | Narrativas da vivência juvenil feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre | SALVA, Sueli | - Jovem-Educação; - Mulher-Educação; - História de vida; - Escolarização; - Relações intergeracionais; | UFRGS | 2008 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 2 | Um estudo das crônicas de Vivina de Assis Viana publicadas no Estado de Minas de 1990 a 1999 | HERNANDES, Andreia Nogueira | - Vivina de Assis Viana; - Crônicas; - Categorização; - Suporte jornalístico; | UNESP | 2013 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 3 | Cabe o amor no relato da guerra? Testemunhos femininos e o Atlântico pós-colonial | SOUZA, Maria Salete Daros | - Testemunho feminino; - Amor e guerra; - Portugal e Angola; - Guerra Colonial/de Libertação/Guerra Civil; - Atlântico pós-colonial; - Gênero; | UFSC | 2015 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |
| 4 | A Estética da Moda de Luxo da Corte Portuguesa no Vestuário | SANTOS, Georgina Maria de Castro | - Arte; - Vestuário; - História; - Moda; - Mulher; | UnB | 2015 | No resumo do trabalho, encontra-se o descritor: narrativas. |

| | | | | | | |
|---|---|-----------------------------------|---|-------|------|---|
| | FemInino no Rio de Janeiro do Início do Século XIX | | -Brasil; -Séc. XIX; -Estilo Império; | | | |
| 5 | Sexualidade nos trópicos e a construção da identidade feminina em duas narrativas sobre o Brasil | MOREIRA, Thami Amarilis Straiotto | -Brasileiras; -Discurso; -Figuratividade; -Identidade feminina; -Temas; | USP | 2016 | No resumo do trabalho não foram identificados os descritores. |
| 6 | Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos Negros (contos): Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves | PEREIRA, Rodrigo da Rosa | - Literatura afro-brasileira; - Autoria feminina; - Escritoras negras; - Contos; - Cadernos negros; | FURG | 2016 | No resumo do trabalho não foram identificados os descritores. |
| 7 | Vozes Marginais na Literatura de Cordel: a obra de Dona Cicera Martiniano a luz da semiótica das culturas | SILVA, Emannelle Carneiro da | - Semiótica das culturas; - Escrita Feminina; -Literatura Popular; - Folheto de cordel; | UFPB | 2017 | No resumo do trabalho encontram-se os descritores: escrita feminina e narrativas. |
| 8 | A mulher da ficção e do jornal: uma leitura das confluências femininas em Rachel de Queiroz | SILVA, Thais Fernanda da | Rachel de Queiroz; Romance; Crônica; Literatura comparada; | UNESP | 2018 | No resumo do trabalho, encontram-se os descritores: escrita feminina e narrativas. |
| 9 | Intelectuais negras: Prosa negro-brasileira contemporânea | SANTOS, Mirian Cristina | - Intelectuais negras; - Literatura; - Mulheres; - Miriam Alves; | UFJF | 2018 | No resumo do trabalho, encontram-se os descritores: narrativas negrofemininas |

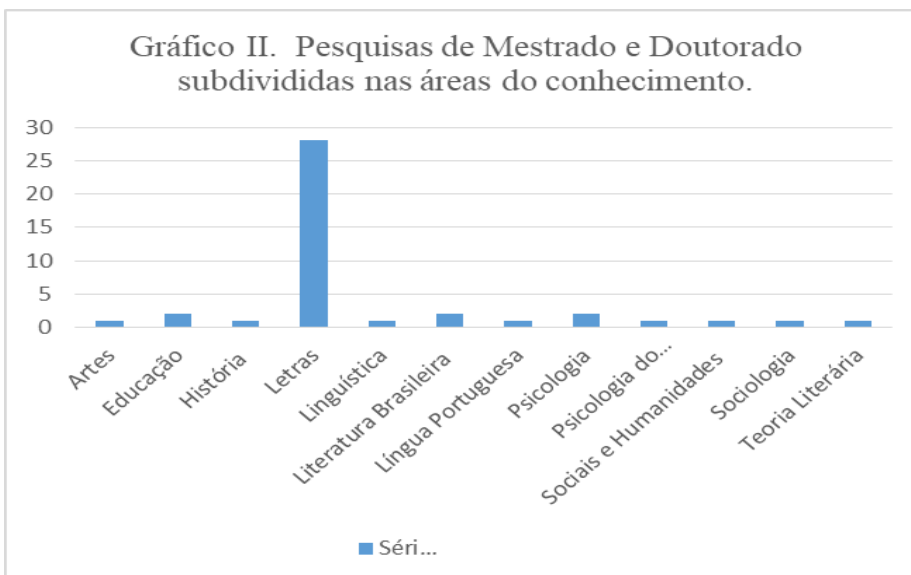
| | | | | | | |
|-----------|--|----------------------------|--|------|-------------------|---|
| | | | - Conceição Evaristo; - Cristiane Sobral; | | | escrita feminina negra |
| 10 | Um estudo das personagens femininas em Autran Dourado | FILHO, Francisco Perna | -Romance de Autran Dourado; -Personagens Femininas; - Representações do Feminino da Memória, do Amor e da Sexualidade; | UFG | 2018 | No resumo do trabalho encontra-se o descritor: narrativas. |
| 11 | A menor distância entre dois mundos: um estudo sobre a representação do Eu e do Outro em telenovelas de Gloria Perez | IORIO, Patricia de Miranda | | URRJ | Não identificado. | Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. |

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Organizado pela autora, 2019.

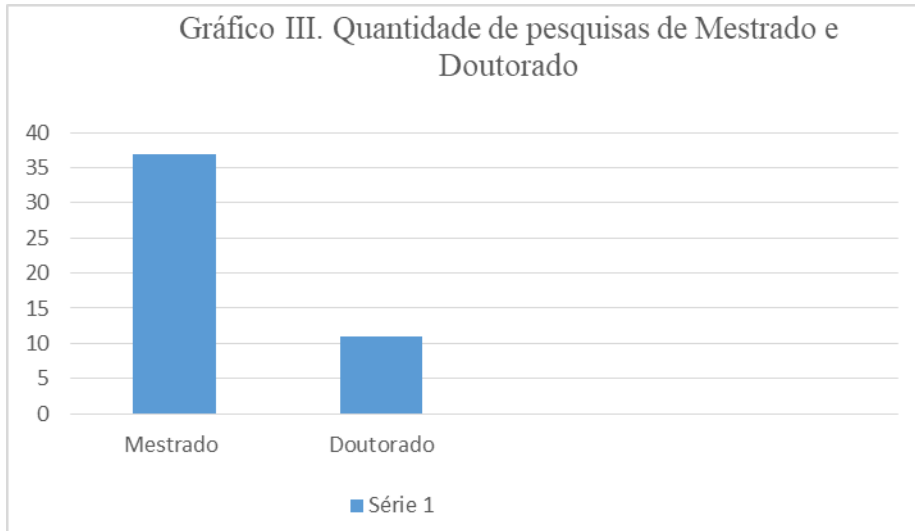
O total de pesquisas encontradas, no referido *Catálogo*, foi de quarenta e nove trabalhos, sendo trinta e oito pesquisas de mestrado e onze pesquisas de doutorado, distribuídas nas grandes áreas do conhecimento: Linguística, Letras e Artes; Ciências Humanas e Multidisciplinares, que foram subdivididas nas seguintes áreas do conhecimento: Artes (1), Educação (2), História (1), Letras (28), Linguística (1), Literatura Brasileira (2), Língua Portuguesa (1), Psicologia (2), Psicologia do Desenvolvimento Humano (1), Sociais e Humanidades (1), Sociologia (1), Teoria Literária (1). Segue abaixo o panorama das pesquisas:



Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Organizado pela autora, 2019.



Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Organizado pela autora, 2019.



Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Organizado pela autora, 2019.

Embora não tenha sido possível conhecer as especificidades de todos os trabalhos pela leitura dos resumos, o levantamento dos trabalhos possibilitou uma breve leitura do que tem sido produzido acerca da temática, tendo como origem de busca os descritores escolhidos.

A decisão por esses descritores foi devido a essas palavras se aproximarem do objeto de estudo em questão. Ao colocar no banco de dados a combinação dos três: *história da mulher, narrativas e escrita Feminina*, foi possível uma aproximação do que tem sido produzido nas pesquisas de mestrado e doutorado no país. Cabe salientar que o descritor *História da Mulher* não apareceu na busca dos resumos. Qual será o motivo desse descritor não aparecer?

Após a leitura dos resumos, é possível afirmar que os descritores *escrita feminina e narrativas*, ao aparecerem juntos em todos os trabalhos, trazem a relação entre as narrativas produzidas em textos literários diversos, como já citado anteriormente. O descritor *escrita feminina* localizado nos trabalhos aparece, quando as autoras utilizam textos literários para discussão acerca da escrita feminina. Apenas em dois trabalhos foram realizadas entrevistas ou grupos de discussão com mulheres.

A dissertação de mestrado intitulada “Clarice Lispector em movimento: a recepção das trabalhadoras rurais de Alagoinhas”, da autora Juliana Andrade de Moraes (2013), tem por objetivo pensar sobre as narrativas de vida de mulheres trabalhadoras rurais a partir dos contos de Clarice Lispector: “Felicidade clandestina” e “Restos do carnaval”; *Felicidade Clandestina* (1971); “Amor” de *Laços de Família* (1960); “A língua do ‘p’” e “O corpo” de *A via crucis do corpo* (1974). As mulheres trabalhadoras participantes desse estudo colocam as

leituras de Clarice Lispector em movimento, ao relacionarem as narrativas ficcionais à própria narrativa de suas vidas e lutas.

A tese de doutorado intitulada “Narrativas da vivência juvenil feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre”, da autora Sueli Salva (2008), tem por objetivo apresentar reflexões acerca das narrativas produzidas por jovens mulheres e sobre como elas narram suas vidas, no contexto periférico. Por meio do diário autobiográfico foi possível compreender os discursos cotidianos de jovens mulheres e os modos criativos, acerca das maneiras de fazer, que se abrem à inventividade.

Esses trabalhos se aproximam do objeto de estudo em questão, na medida em que as pesquisadoras tomam como ponto de partida as narrativas produzidas por mulheres em contextos diversos. Portanto, ao vislumbrarmos as especificidades dos dois trabalhos, conhecemos estudos com mulheres que narram a própria história, movimentando a vida, compartilhando afetos, e atribuindo sentido às experiências vividas.

DEVANEIOS CAMINHANTES ***

Histórias contadas,
Lutas travadas,
Uma vida de lutas!
Incertezas,
Insubmissões,
Reivindicações.
Conquistas:
Mulher-história...
História das mulheres!
Singularidades,
Escritas de mundo,
Escritas do meu mundo.
Encontros poéticos de vida:
Encontros-devaneios,
Devaneios-escritas,
Escritas da vida...
(Débora Sara Ferreira)

**Não sei sobre o que estou escrevendo: sou obscura para mim mesma.
Só tive inicialmente uma visão lunar e lúcida. E então preendi para
mim o instante antes que ele morresse e que perpetuamente morre.
Não é um recado de ideias que te transmito e sim uma instintiva
volúpia daquilo que está escondido na natureza e que adivinho. E é
uma festa de palavras.**

Clarice Lispector (1998, P. 24).

... De manhã estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. Mas hoje é segunda-feira e tem muito papel na rua. (...) O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com o lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso que eu prefiro viver só para o meu ideal. Carolina Maria de Jesus (2014, p. 49).

3 NA TRILHA DA HISTÓRIA: POR ENTRE DIREITOS NEGADOS E ESPAÇOS CONQUISTADOS

Neste capítulo, a trilha da história se faz complexa, não menos que em outros momentos deste estudo, ao apresentar argumentos que evidenciam direitos que são negados às mulheres, ao mesmo tempo em que vão emergindo espaços por elas conquistados, por elas ocupados, na sutil militância dos movimentos políticos (conquista do voto), ou no desbravamento de terrenos pela produção literária.

Compreende-se que, no século XIX, ocorreram muitas transformações nas estruturas sociais e econômicas na Europa ocidental, mudanças que afetaram o mundo todo. Nesse contexto, o imperialismo europeu teve maior abrangência, influenciando não apenas as estruturas sociais, mas a vida cotidiana das pessoas.

Os brasileiros eram influenciados pela Revolução Francesa, e “fazer-se francês” significava concordar com os ideais propagados pela Revolução (TELLES, 2007, p. 404).

Neste contexto, em que prevalecia a dominação burguesa não somente nos meios de produção, mas também na cristalização de usos e costumes, a cultura desempenhou papel fundamental, com a marca de um eurocentrismo inabalável, influenciando as narrativas, experiências e difundindo a ideia de uma Europa branca, masculina, letrada e cristã.

É preciso ressaltar o papel fundamental desempenhado pelos produtos culturais, em particular o romance, na cristalização da sociedade moderna. Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações. (TELLES, 2007, p. 402).

Esse século foi marcado pela opressão articulada pelos grupos dominantes, de diversas maneiras. Uma forma de controle, por parte das classes dominantes, acontecia por meio da escrita. Ao ditar formas de comportamento e quais sentimentos a sociedade deveria possuir

em determinadas ocasiões, a cultura europeia cristalizava usos e costumes, por meio de discursos que reforçavam, no consciente e, principalmente, no subconsciente coletivo, a ideologia dominante.

De acordo com Telles (2007), esse período foi sombrio para a classe trabalhadora, para as mulheres e para os colonizados, porém, surgiram os movimentos sociais de oposição à ideologia imposta: as sufragistas, os movimentos feministas, o socialismo e a nova mulher.

Esse século também foi considerado o século do romance, e as tramas assumem outras características. Se anteriormente os romances trataram a respeito dos tipos humanos genéricos, nesse momento, a trama assume outra forma e destaca pessoas específicas em condições particulares.

Cabe salientar que a difusão da prosa da vida doméstica, o que os estudiosos intitularam “romance da família”, contribuiu para a construção e cristalização dos ideais da burguesia:

Cada romance se debruça sobre uma entidade individualizada e, por isso mesmo, particularizada para cada momento histórico. É o romance que difunde a prosa da vida cotidiana, tendo como tema central o que os estudiosos contemporâneos denominam “o romance da família”, contribuindo assim para a construção da hegemonia do ideário burguês. (TELLES, 2007, p. 402).

Nesse contexto, difundiram-se os discursos acerca da mulher: a *ajudante do homem*, a *educadora dos filhos*, *um ser de virtude*, *o anjo do lar*, assim, como na Idade Média, em que, quando algumas mulheres contrariavam as imposições, eram consideradas *fatais e decaídas*. A ideologia burguesa se fundamentava em binarismos, em que a mulher era o ser inferior, a ajudante do lar e a progenitora da família.

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição. (TELLES, 2007, p. 403).

Considerando tais perspectivas, inferimos que o universo feminino foi constituído a partir da limitação e da opressão. As mulheres que não se sujeitavam à subserviência, e às regras, eram vistas como potência do mal.

Tolhidas dos direitos, elas tinham de seguir regras de comportamento e de sentimentos que deveriam possuir em determinadas situações. Os horizontes eram limitados. Tomar consciência da própria condição, romper com os padrões hegemônicos e lutar por direitos até então negados foram os primeiros passos rumo à emancipação feminina.

Vale ressaltar a importância do movimento feminista para as conquistas empreendidas pelas mulheres por todo o mundo. Na França e na Inglaterra, as mulheres travaram grandes lutas e reivindicaram seus direitos. Faz-se importante destacar que os movimentos feministas tiveram grande influência no Brasil, e um exemplo disso é a obra de Nísia Floresta.

Dionísia de Faria Rocha, mais conhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta (seu pseudônimo), foi uma grande influência para as mulheres brasileiras e da América Latina. Nísia nasceu em 12 de outubro de 1810, em Papari, RN. Com inquietações relacionadas às injustiças sofridas pelas mulheres, por não terem acesso à educação, emprestava as ideias de Mary Wollstonecraft (uma das preceptoras ideológicas do movimento feminista), para embasar-se em suas escritas.

Na Inglaterra Mary Wollstonecraft, defensora dos princípios rousseauianos de respeito aos “direitos naturais” do indivíduo, porém, levando estas ideias de libertação às últimas consequências, destaca-se como uma das mais relevantes vozes da história do feminismo. Denunciando as ideias de Rousseau com relação à mulher escreve, em 1792, um livro intitulado Defesa dos Direitos da Mulher. Nele, contesta que existam diferenças “naturais” no caráter ou na inteligência de meninos e meninas. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 36).

Mary Wollstonecraft foi uma escritora inglesa do século XVIII e defensora dos direitos das mulheres, que acreditava ser a falta da educação a principal fonte da desigualdade entre homens e mulheres. Portanto, foi defensora da igualdade de oportunidades para as meninas.

Nísia, no Brasil, utilizava a escrita para criticar o patriarcado e reivindicar igualdade e acesso à educação para as mulheres. Segundo Rocha,

Nísia era uma educadora, portanto sabia que o caminho para a emancipação feminina estava na reformulação da educação que o sexo feminino recebia. As mulheres só dariam os primeiros passos em direção à emancipação quando pudessem frequentar escolas como os homens.(ROCHA, 2009, p. 138).

Nísia foi uma mulher à frente de sua época. Realizar os primeiros passos rumo à educação e defendê-la como direito das mulheres foram certamente as principais preocupações de Nísia Floresta.

Da educação, por vezes, dita instrução, resguardam-se diferenças conceituais e posicionamentos. Importa-nos aqui, como movimento feminino.

Na segunda metade do século XIX, faz-se marcante a luta pela defesa da instrução feminina, veiculada, sobretudo, nos jornais de circulação direcionados às mulheres, como o *Jornal das Senhoras* e *O sexo feminino*, na cidade do Rio de Janeiro, a revista *A mensageira*, em São Paulo, e a revista *Partenon Literário*, em Porto Alegre.

Aos poucos, eles passaram a divulgar as ideias feministas. O mundo do trabalho é ocupado inicialmente pelas mulheres pobres, por meio de atividades domésticas ou nas fábricas, enquanto as de classe média ou de classe alta mantinham a resistência à profissionalização, reservando-se aos cuidados do lar e com os filhos. (LIMA, 2017, p. 20).

Esses jornais foram fundados por mulheres de classe média que investiram seus recursos financeiros em prol de suas causas.

Francisca Senhorinha da Mota Diniz foi uma das defensoras da educação intelectual para as mulheres. Francisca era proprietária do jornal *O Sexo Feminino*, afirmava que as mulheres eram mais aptas aos estudos do que os homens e foi uma “defensora intransigente da capacidade intelectual da mulher para as ciências e a literatura, a filosofia ou a história, a geografia, a química ou o que quer que fosse” (TELLES, 2007, p. 426). Francisca também defendia a autonomia financeira das mulheres.

Prisciliana Duarte de Almeida foi uma escritora que estava à frente da revista *Mensageira*, que foi publicada de 1897 até 1900. Com a intenção de apresentar novidades, a revista trazia os livros publicados por escritoras, no Brasil e no exterior, e objetivava estabelecer uma “simpatia espiritual dessas mesmas ideias” (TELLES, 2007, p. 427), por mulheres brasileiras.

Luciana de Abreu (1847-1880) era colunista no jornal *Partenon*, professora e trabalhadora; discursava em público, criticava as injustiças às quais estavam sujeitas as mulheres e divulgava para o público fluminense os talentos de seu sexo. Consta que,

Em 1873, no *Partenon*, saúda o aparecimento do primeiro jornal *O Sexo Feminino*. No Rio de Janeiro, nesse mesmo ano de 1873, no jornal *A República*, saúda o aparecimento do livro de Amália Figueiroa. Em outra ocasião, Luciana de Abreu faz uma lista de escritoras brasileiras desde Nísia Floresta e Beatriz Brandão. (TELLES, 2007, p. 426).

Por meio da divulgação de ideias que iam ao encontro da emancipação e do empoderamento femininos, essas mulheres defendiam a educação feminina. Enaltecendo os feitos das mulheres dentro e fora de casa, escritas diversas eram perpassadas pelas ideias de autonomia.

As escritoras, nesse caso, não tratavam acerca do voto feminino, por exemplo, de forma direta, mas traziam as notícias acerca das lutas das sufragistas na América e na Europa. Os textos literários escritos por mulheres eram trazidos em todos os periódicos.

Pode-se compreender que são dados os primeiros passos para um debate de cunho feminista e para a emancipação dos corpos e das subjetividades femininas.

Pode-se considerar que as mulheres investiam timidamente na escrita. Nessa época, surgiram os “cadernos-goiabada”, que, de acordo com Lima (2017), foram o nascedouro da literatura feminina. Nesses cadernos, as mulheres alfabetizadas expressavam ideias e sentimentos através de receitas ou listas de compras.

Entretanto, para atingir esse estágio, era preciso escapar das amarras que as excluía da educação formal e as relegavam ao silenciamento. Fazia-se necessário começar alfabetizando-se e despertando uma consciência transgressora que as impulsionasse a expor suas ideias frente a uma cultura calcada em valores construídos por e para homens. (LIMA, 2017, p. 20).

Acerca dos “cadernos-goiabada”, Norma Telles (2007), fazendo referência à Lygia Fagundes Telles, relata acerca da necessidade que as mulheres sentiam de registrar seus pensamentos. Ficamos sabendo que,

[...] Mesmo assim, as mulheres escreveram e escreveram bastante. Desde os “cadernos-goiabada” como denomina a escritora nossa contemporânea Lygia Fagundes Telles, até jornais, romances e polêmicas. Ao falar dos “cadernos-goibada”, Lygia se refere aos cadernos onde as mocinhas escreviam pensamentos e estados da alma, diários que perdiam o sentido depois do casamento, pois a partir daí não mais se podia pensar em segredo- que se sabe, em se tratando de mulher casada, só podia ser bandalheira. (TELLES, 2007, p. 408).

Em meio aos embates culturais marcados pela dominação e legitimação do discurso patriarcal, as mulheres tiveram que abrir fissuras nos padrões rígidos hegemônicos e desafiar o *status quo*. Nesse período, surge o que podemos chamar de primeiro romance brasileiro de autoria feminina.

Em meio às batalhas e conquistas das mulheres brasileiras, surgiu aquele que é considerado, segundo Norma Telles (2011), o primeiro romance brasileiro de autoria feminina: *Úrsula* (1859), da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis. Seu primeiro livro narra a história de amor entre Úrsula e um bacharel em Direito, entrecruzada pela história de vida dos escravizados Túlio, Antero e Susana. (LIMA, 2017, p. 21).

Autora do primeiro romance brasileiro, Maria Firmina dos Reis, foi poeta, abolicionista, professora, compositora e musicista. Um grande destaque, ao se considerar a falta de acesso à vida pública das mulheres, na época. Segundo Telles,

Maria Firmina dos Reis participou da vida intelectual maranhense colaborando na imprensa local, publicando livros, participando de antologias. Foi também música e compositora. Conta a tradição popular vimeranense que musicou *Versus da garrafa*, atribuídos pelos antigos Gonçalves Dias. (TELLES, 2007, p. 414).

Outro nome importante para a luta das mulheres é o de Narcisa Amália de Campos, que publicou, em 1872, um livro intitulado *Nebulosas*. A autora trabalhou escrevendo artigos ou crônicas nos jornais *O Rezendense*, *Diário Mercantil de São Paulo* e *A Família*.

Nascida em 1852, na cidade de São João da Barra, estado do Rio de Janeiro, Narcisa Amália de Campos, influenciada pelas ideias do francês Victor Hugo, defendia o crescimento intelectual e material da sociedade. Narcisa protestou a favor dos escravos, após a abolição da escravatura.

Segundo Lima (2017), Narcisa foi fortemente influenciada pelas ideias progressistas e pelo pensamento liberal europeu, travando uma luta pela liberdade artística e educacional das mulheres.

A repercussão de seu livro evidencia o diferenciado peso utilizado pela crítica ao comentar obras escritas por homens e obras escritas por mulheres. As ideias liberais de Narcisa Amália são criticadas e consideradas “fora de lugar”, tanto que lhe é recomendado voltar para o seu devido lugar. (LIMA, 2017, p. 21).

Essas mulheres eram engajadas e lutaram pelas mais diversas causas sociais, como percebemos pelos ideais das escritoras Maria Firmina dos Reis e Narcisa Amália de Campos. No entanto, havia expressa intenção de se manter as mulheres afastadas do mundo do trabalho e da exposição de pensamento, que movimentava, nesse caso, as letras, num tempo de poucas leitoras. As mais ousadas eram “convidadas” a voltar ao espaço intramuros da domesticidade, sendo duramente criticadas pelos homens, seus leitores, talvez.

Nesse contexto, em que as mulheres escreviam, poetizavam, criavam fagulhas criativas e se (re-)inventam, surgiu outro nome de grande importância para a história das mulheres no Brasil:

Nascida em Porto Alegre, Maria Benedicta Câmara Bormann é também um significativo nome dentro do percurso feito pelas primeiras mulheres que tomaram da pena e alçaram o voo promovido pela publicação de seus escritos. Autora de vários romances, entre eles Aurélia (1883), Lésbia (1890) e Celeste (1893), Maria Benedicta Bormann também escrevia para jornais, e alguns de seus romances foram publicados inicialmente sob o formato de folhetim. (LIMA, 2017, p. 24).

Maria Benedicta Câmara Bormann nasceu em Porto Alegre, em 1853, porém viveu grande parte de sua vida no Rio de Janeiro. Pertencente a uma família de prestígio, Délia (seu pseudônimo), lançou-se nas trilhas da produção literária, desafiando as imposições patriarcais.

Vale ressaltar que, no final do século XIX, vêm à luz as ideias concernentes ao “surgimento da nova mulher”. Essas ideias foram endossadas por várias mulheres escritoras, dentre elas, Andradina de Oliveira, que apresentou em seus livros uma consciência de gênero, por meio de personagens como as do livro intitulado *O perdão* (1910).

Nesse contexto das ideias que permeavam a “Nova Mulher”, foi publicado, na *Revista Ilustrada*, um artigo intitulado *O eterno feminino*, que discutia a educação feminina e iniciava com a afirmativa de que não era recente o tempo em que os pais proibiam as filhas de estudar, com a alegação de que elas escreveriam bilhetes aos namorados. Porém, com as reivindicações do “sexo gentil”, era preciso analisar se as mulheres deveriam ter a educação ampliada, se deveriam possuir os mesmos direitos que os homens. Na pauta dessa discussão,

Concluía que a educação deve ser ampliada, mas o círculo “não pode ter grande raio”. Em relação à política, nem pensar, pois decepções viriam azedá-la. E há sempre o perigo, conhecido, de se envolver com mulheres em disputas, pois elas, é sabido, são sempre despóticas. (TELLES, 2007, p. 434).

Portanto, era evidente a preocupação em manter as mulheres nos intramuros da domesticidade, com acesso a uma educação, de certa forma, mantida sob controle. O “sexo gentil” (assim se referiam às mulheres, na época) poderia ter acesso à educação, porém, com limitações, e com o objetivo (capcioso) de torná-las mais atraentes perante a sociedade.

Muitas outras escritoras se destacaram nas trilhas da produção literária, como: Júlia Lopes de Almeida, Amália de Passos Figueiroa, Adelaide de Castro Alves, Amélia Rodrigues,

Emília Freitas, Anna Ribeiro, Francisca Clotilde, Alexandrina da Silva Couto dos Santos e Ignez de Almeida Pessoa.

Já, no século XX, as mulheres reivindicavam o acesso aos cursos de nível superior e a participação efetiva nas diversas esferas do mundo do trabalho, mas a bandeira de maior luta, nesse contexto, foi pelo direito ao voto.

Embora a conquista do voto só tenha acontecido em 1932, no governo de Getúlio Vargas, já em 1927 o Estado do Rio Grande do Norte antecipava-se e permitia às mulheres votarem pela primeira vez. Apesar da anulação dos seus votos no ano seguinte, a situação fortaleceu a conquista do voto, além de eleger, no município de Lajes (RN) a primeira prefeita da história do Brasil e da América Latina, Alzira Soriano de Souza. (LIMA, 2017, p. 26).

Com Leolinda Daltro, Gilka Machado articulou a criação de um Partido Republicano Feminista em 1910, mostrando à sociedade a consciência das mulheres e a luta pelo direito ao voto. Gilka Machado foi também uma escritora que expôs uma sexualidade feminina voltada para a libertação dos corpos femininos, escreveu várias obras, e suas reflexões foram de encontro aos discursos patriarcais e cristãos. De acordo com Lima,

A partir do título de suas obras, pode-se inferir o quanto há de afronta aos modelos estabelecidos em decorrência de um pensamento patriarcal e cristão: *Meu glorioso pecado* (1918), *Mulher nua* (1922), *Carne e alma* (1931). Seus versos expõem uma sexualidade feminina quer voltada para a ascese ou integração com o cosmos, quer voltada para o prazer erótico. (LIMA, 2017, p. 26).

No decorrer do século XX, as mulheres brasileiras conscientes da própria condição e resistentes às imposições patriarcais vão conquistando o direito de estarem em outros espaços até então frequentados apenas por homens: Raquel de Queiroz conquista espaço na Academia Brasileira de Letras; Esther de Figueiredo Ferraz torna-se a primeira Ministra de Estado, responsável pela pasta de Educação e Cultura (1982); Iolanda Fleming é a primeira mulher a assumir o governo de um estado brasileiro (1986); Benedita Souza da Silva é a primeira mulher negra a ocupar uma vaga no Senado Brasileiro (1994); Nélide Piñon é a primeira mulher a assumir o comando da Academia Brasileira de Letras.

No âmbito das políticas, em 2003, é criada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva a Secretaria Especial de Política para Mulheres - SEPM, que busca atender às especificidades femininas por meio das políticas públicas, liderada inicialmente por Nilcéa Freire; em 2006, Ellen Gracie Northfleet é a primeira mulher a presidir o Supremo Tribunal

Federal; e, por fim, em 2010, Dilma Vana Rousseff, a primeira mulher a tornar-se Presidenta da República.

A partir de reivindicações diversas e muitas lutas, há um grande crescimento da presença das mulheres em diversas esferas da sociedade brasileira, e isso acontece também no cenário literário, com poetisas, como: Helena Parente Cunha, Hilda Hilst, Yeda Schmaltz, Cora Coralina e Myriam Fraga.

Acrescento a essas reflexões a importância de Elza Freire para o legado freiriano. Ficamos sabendo que,

Elza Maia Costa Oliveira nasceu em junho de 1916, no Recife, Brasil. Filha de Alberto Melo Costa e Josefa Maia Costa Oliveira, teve dois irmãos: Elba Maia Dias Fernandes (Bila) e José de Melo Costa Oliveira (Zé de Melo). Desde o início de seus estudos, obteve formação bastante sólida e diferenciada para a época. (SPIGOLON, 2016, p. 257).

A autora destaca que Elza, aprovada em concurso público na rede estadual de Pernambuco, no ano de 1943, exerceu o cargo de professora e diretora de escola. Para realizar o estudo de gramática para o referido concurso, Elza teve aulas com Paulo Freire. Na primavera de 1944, eles se casam. Paulo Freire encontra-se com a educação por intermédio de Elza. Consta que,

Então, juntos, passaram a desenvolver o trabalho político-pedagógico, notadamente no campo da Educação de Adultos e da Educação Popular. Aí teriam se firmado as bases para o Método Paulo Freire, que nos remete à gênese dessas atividades no Brasil, fundamentando uma Pedagogia da Convivência. (SPIGOLON, 2016, p. 258).

Elza exerceu um papel crucial na educação de Recife, em que foi a responsável pelo início da arte-educação na escola e também precursora do trabalho de formação com professores e educadores para a educação de jovens e adultos. A autora afirma que,

Foi precursora em práticas de ensino na formação de professores, bem como de educadores para atuação em Alfabetização de Adultos, trabalho que executou em Recife, Angicos e São Paulo (Vila Helena Maria), e em Brasília, no Plano Nacional de Alfabetização (PNA), quando Paulo Freire vai atuar no *staff* do Governo Goulart. O casal participa dos Movimentos de Educação de Base (MEB) e Cultura Popular (MCP), tendo sido Elza Freire a metodóloga das palavras geradoras e pioneira dos Círculos de Cultura, fundamentando e sistematizando, com Paulo Freire, as experiências de alfabetização para adultos conhecidas como “Método Paulo Freire”. (SPIGOLON, 2016, p. 258).

Vislumbramos, com essas reflexões sobre a vida de Elza Freire, a relevância de sua atuação enquanto educadora para o legado freiriano. Nos limites e reflexões desse estudo, se faz primordial destacar o papel de Elza enquanto educadora e formadora, visto que Paulo Freire é uma de minhas inspirações nessa pesquisa.

Com as reflexões que trouxemos nesse capítulo, pudemos conhecer a vida de mulheres que conquistaram outros espaços e foram para a vida pública. Lançaram-se a toda sorte, enfrentaram preconceitos, comentários misóginos, até mesmo, capciosos. Foram de encontro ao patriarcado que chegou às instituições e que continua arraigado na cultura.

3.1- Clarice e Carolina: escritas, subjetividade(-s), (re-)encontros...

Na tentativa de expressar por meio das palavras o meu encontro com Clarice e Carolina, e entre várias tentativas de escritas, por vezes apagadas e (re-)escritas novamente, tive a sensação de que não conseguiria justificar os motivos que me levaram a essas escolhas.

Contarei nestes trechos o meu encontro com as autoras, bem como o meu despertar para a reflexão sobre a condição da mulher a partir dos encontros-leituras.

No ano de 2016, estava finalizando o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), e as provas para o Processo Seletivo do Mestrado em Educação estavam chegando.

Na feitura-poética do meu TCC, encontrei-me com Carolina Maria de Jesus. Ao refletir sobre os motivos que levaram D. Cleide a não poder estudar em período regular, fui em busca de autoras que pudessem dialogar com o meu trabalho de alguma maneira. A história de Carolina nos deixa perplexos, principalmente quando nos encontramos pela primeira vez com suas obras. Fiquei tocada com sua vida e os embates que sofrera, por ser mulher, negra, mãe de três filhos e moradora de favela. Ao ler as páginas escritas por Carolina, rememorava a história das mulheres de minha família.

O que Carolina tinha a me dizer?

Após as provas do processo seletivo do mestrado, ganhei de presente de amigo-secreto dois livros de Clarice Lispector: *Laços de família* e *Água Viva*. Eu não era uma superleitora como as minhas amigas da faculdade, mas me encontrei com o presente de minha amiga Cristiane, com as linhas escritas por Clarice, e com a amizade-leitura que o encontro proporcionara. O que Clarice tinha a me dizer?

O que Clarice e Carolina tinham em comum?

Quais motivos me levaram a essas escolhas?

Tenho a sensação de que não consigo responder plenamente a essa pergunta, visto que a amizade-leitura, a meu ver, é algo que acontece, perpassa, e nem sempre temos explicação para aquilo que nos toca.

As escolhas por Clarice e Carolina para compor este estudo, a meu ver, têm relação com o fato de elas serem mulheres que escreveram vivendo em realidades diferentes. Portanto, as obras pulsam sentidos e significados do ser uma mulher brasileira e de uma escrita que caminha com a vida.

O encontro com Clarice e Carolina: encontros poéticos, encontros-mulheres. O que pode uma escrita feminina?

Nesse caminho, trazer um (re-)encontro com Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector, considerando-se a potência da escrita feminina, faz-se pertinente. Cabe salientar que o objetivo desse momento é o de pensar na escrita de autoria feminina, como possibilidade de narrar a própria história, direito que foi negado à mulher desde os primórdios do patriarcado.

Como salientado acima, Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector foram mulheres de realidades e oportunidades diferentes, mas escreveram na condição de mulheres.

Muitos são os exemplos de mulheres que não se calaram e escreveram, mesmo indo de encontro aos paradigmas da época em que estavam inseridas, e por esse motivo foram desconsideradas socialmente.

Carolina Maria de Jesus certamente é um exemplo de mulher que não aceitou a condição que lhe foi imposta. A obra “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” (1960) traz reflexões de Carolina, por ela mesma, da e na condição de mulher, mãe de três filhos, favelada e negra, vítima de preconceito, discriminação social e racial. Carolina não se calou, escreveu em seu diário o que enfrentava e a forma como encarava os embates, os desafios cotidianos e as injustiças sociais, pelos quais ela e sua família passavam:

As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram espetáculo. A minha porta atualmente é teatro. Todas as crianças jogam pedras, mas meus filhos são os bodes espiatórios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (JESUS, 1960, p. 14).

Refletir acerca da própria condição, mesmo não sendo o objetivo inicial de Carolina, ao escrever o seu diário, certamente é uma das características peculiares que embelezam sua obra e desafiam leitoras. O trecho transcrito marcou-me pela riqueza dos detalhes e, ao mesmo tempo, pela sutileza dos eventos que Carolina traz como corriqueiros. Um deles é o fato das mulheres sofrerem violência física dos esposos. A história vem ao encontro desses eventos que nos parecem corriqueiros e que são repletos de representações acerca da mulher, que se cristalizaram no imaginário social.

De acordo com Lima (2017), Clarice Lispector é um nome-marco na literatura feminina brasileira. Com Clarice Lispector, a condição da mulher e a consciência da situação das mulheres são postas em destaque. No conto *Uma galinha*, do livro *Laços de Família* (2009), Clarice possibilita uma analogia da condição da mulher, pelo que diz da galinha. Nesse texto, a galinha não se liberta, representando a mulher que não consegue a própria liberdade:

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A linha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma. (Clarice Lispector, 2009, p. 30).

A galinha não confiava em si mesma. As mulheres enfrentam situações parecidas, quando são educadas para não alçarem voos mais altos. Parece estar cristalizado em nós, que somos incapazes. Assim como a galinha, muitas vezes não acreditamos em nós mesmas. É desafiador esse conto de Clarice Lispector, para refletirmos sobre a nossa condição. Afinal, quais os motivos que levaram Clarice Lispector a escrevê-lo? Quais motivos levaram Carolina Maria de Jesus a escrever cotidianamente?

Nesse caminho, uma breve reflexão acerca da escrita-aventura se faz pertinente.

O que nos impulsiona a escrever? O que pode uma escrita-vida?

De acordo com Larrosa (2002), o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, e a experiência é uma espécie de mediação entre o conhecimento e a vida: “A experiência da leitura, não consiste somente em entender o significado do texto, mas, em vivê-lo. É a partir desse ponto de vista que ler coloca em jogo o leitor e sua totalidade” (2002, p. 17). Nossas experiências, os acontecimentos da vida que nos marcam, os pensamentos, os devaneios e as afetações certamente são postos em destaque,

quando damos margem à escrita que transborda pensamentos, que se direciona ao infinito, e quando atribuímos significados ao que nos acontece:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (LARROSA, 2002).

O que pode a escrita que dá sentido à vida? Quando escrevemos aquilo que nos marca e nos afeta, deixamos registrado no papel a nossa vida. Escrever, portanto, não é um exercício neutro, mas é a possibilidade de atribuímos significado(-s) à vida.

Nessa direção, Certeau (1994, p. 263) afirma que na leitura não existe neutralidade. A partir de saberes, experiências e vivências, nós atribuímos sentidos às leituras que realizamos. Na escrita, escrita que é movimento da vida e movimento do pensamento, deixamos uma marca: a nossa singularidade, a nossa história, o nosso passado, e nela podemos nos (re-)inventar. A força da escrita pode ser comparada a uma pedra de toque, como referenciada por Foucault (2006), que apresenta o ato de escrever como algo que revela os pensamentos, aquilo que somos: “A escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (2006, p. 145). A escrita como movimento é possibilidade, é acontecimento, é afetação, é leitura de mundo.

Acrescenta-se a isso o que Paulo Freire (1989) afirma acerca da leitura de mundo: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (1989, p. 09), ou seja, no processo de alfabetização, o que faz sentido é o mundo que lemos anteriormente ao das palavras. Portanto, pensar na escrita, também sob essa perspectiva, é compreender que ela se torna significativa, quando nos afetamos: lemos nosso mundo, escrevemos e o (re-)escrevemos. É possível vislumbrar, na obra de Paulo Freire, a densidade política que a escrita carrega, e, portanto, um ato político, criador e de conhecimento:

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, 13).

Pensar na escrita a partir de Paulo Freire é compreender que o sujeito deve apropriar-se dela, para rememorar e (re-)escrever a sua história de vida. Como processo político e consciente, a escrita pode transformar o mundo, e, como processo criador, podemos nos apropriar das palavras, ir além, ao desconhecido, ao infinito, (re-)inventá-las...

Por fim, em Deleuze (1997), encontramos a escrita como materialidade sempre em processo, sempre num devir, sempre inacabada. Enquanto vivemos, escrevemos, e (re-)escrevemos nossa história; criamos e poetizamos nosso cotidiano:

Enquanto vivemos e escrevemos, nossas escritas inacabadas estão sempre em processo, sempre num devir, sempre nos devires. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. (DELEUZE, 1997, p. 11).

A escrita, para Deleuze, tem uma característica peculiar: é um processo, é um devir. Enquanto vivemos, escrevemos, e esse processo é um devir, é uma história, é inacabamento. Como devir, abre-se à (re-)invenção.

Diante disso, pergunto: o que era a escrita para Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector? O que as motivava e instigava?

A escrita é movimento do pensamento; é vida, poesia, poética; é potência e devir!

A escrita de mulheres nos revela a história da mulher e a vida de mulheres, assim como a de Carolina Maria de Jesus, que relatou sua vida e traçou linhas de fuga. E Clarice Lispector, com a consciência da situação social da mulher, que poetizou vida e literatura. As obras de Clarice e Carolina são importantes para o destaque das conquistas femininas no campo literário, bem como para refletirmos sobre a condição da mulher.

Ao retomar a pergunta registrada à página 62 -Por que não aparece o descritor História da Mulher no levantamento realizado? - relacionando-a ao número significativo de pesquisas na área de Letras, arriscamo-nos a comentar que, mirando-nos no exemplo de Clarice e Carolina, mulheres das letras talvez não estejam na História: elas são a História.

DEVANEIOS CAMINHANTES ****

Mulheres: Débora, Clarice e Carolina.

O que há de bárbaro em mim procura o bárbaro cruel fora de mim. Vejo em claros e escuros os rostos das pessoas que vacilam às chamas da fogueira. (Clarice Lispector)

O que me toca? O que me move? (Débora Sara Ferreira).

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. (Carolina Maria de Jesus).

A escrita potencializa encontros, a escrita (re-)existe e nos move. Sou Débora, sou mulher! Sou (re-)existência na luta pela (re-)escrita de mim mesma. (Débora Sara Ferreira)

E isto que tento escrever é maneira de me debater. Estou apavorada. Por que nesta terra houve dinossauros? Como se extingue uma raça? (Clarice Lispector)

Aprendi na escola que isso se chama seleção natural. Ou a Era do Gelo. Não me lembro bem. Minha escrita às vezes fica congelada, e eu fico contemplando a beleza do que escrevi até aquele momento. Escritas, vidas, experiências. (Débora Sara Ferreira)

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. (Carolina Maria de Jesus)

O dia da abolição dos escravos é bem simpático para mim também. Em memória da família de meu falecido pai. (Débora Sara Ferreira).

Nada existe de mais difícil do que entregar-se ao instante. Esta dificuldade é dor humana. É nossa. Eu me entrego em palavras e me entrego quando pinto. (Clarice Lispector)

O instante em que escrevo é aquele em que me entrego na minha escrita que (re-)existe. (Débora Sara Ferreira).

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo.

Então por que o publicas? – perguntará o leitor
(Maria Firmina dos Reis, 2018, p. 12).

4 DO MARCO LEGAL ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS: A CONDIÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Neste capítulo, a história se faz complexa e não menos importante do que em outros momentos do estudo. Ao olharmos para a condição da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, vamos ao encontro da história de nosso país e, ao tecermos reflexões sobre o marco legal e as políticas públicas para a EJA, podemos compreender os desafios dessa modalidade de ensino no Brasil contemporâneo.

O que cabe analisar, neste capítulo, são questões no que concerne às especificidades das educandas que frequentam a EJA e que são distintas do público do ensino fundamental ou do ensino médio. Em um país que tem sua história marcada pela opressão e discriminação de determinados grupos, podemos indagar: como pensar nas políticas públicas para a EJA intersetorialmente com outras políticas de correção das desigualdades sociais?

Ao realizarmos as oficinas neste estudo, foi possível aproximarmos-nos da discussão de gênero no âmbito da Educação de Jovens e Adultos. Mas outras temáticas poderiam ter sido abordadas, para pensarmos nos desafios metodológicos dessa modalidade de ensino.

Como salientado anteriormente, neste capítulo faremos uma breve retomada histórica da EJA, no que tange o seu marco legal, e traremos alguns dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, para que reflexões, no que concerne às desigualdades no Brasil, sejam postas em destaque.

Tomamos como ponto de partida a seguinte indagação: quando pensamos sobre as políticas públicas para a modalidade da EJA, de qual público estamos falando?

A Constituição brasileira de 1824 não menciona os jovens e adultos. No período Imperial (1822-1889), surgiu a lei Decreto 15/10/1827, porém, na prática, ela não se efetivou. Com o advento da Proclamação da República em 1889, os debates acerca da instrução pública

se fizeram recorrentes. Nesse período, a escravidão acabara de ser abolida, e a educação iria ao encontro da resolução dos problemas nacionais marcados por opressão e violência contra determinados grupos.

De acordo com Rinaldi e Pereira (2015), os analfabetos foram excluídos da Constituição Republicana (1891), exclusão que ia ao encontro das intenções dos coronéis do café, que exerciam o poder e domínio sob as minorias, o que era de grande importância para a classe dominante. Esse período de poder da elite se estendeu pela Era Vargas (1930-1945). Ficamos sabendo que,

Resistindo a esse processo, figuraram as lutas por uma educação pública de qualidade e gratuita a todos os brasileiros, inclusive aos de classe popular, cuja expressão maior foi o “Manifesto dos Pioneiros da Educação” (1932). Reflexo da grande amplitude política alcançada pelas mobilizações dos pioneiros, foram incluídos artigos específicos na Constituição de 1943, reconhecendo a educação como um direito de todos, inclusive de jovens e adultos que não haviam estudado na idade prevista. (RINALDI; PEREIRA, 2015, p. 8).

As autoras acima citadas apontam que, mesmo havendo esses movimentos em prol da escolarização, os índices de analfabetismo permaneceram elevados. A pouca escolarização de alguns grupos torna-se um impedimento para o desenvolvimento industrial do país. A marginalização da EJA se estendeu durante o governo Dutra (1946-1951), e, com isso, a exclusão das pessoas pouco escolarizadas, no que concerne aos direitos políticos. No governo de Vargas (1951-1954), a modalidade de ensino foi esquecida. Já, no governo de Juscelino Kubstichek (1955-1960), a EJA foi lembrada novamente, porém com preocupações quanto à educação profissionalizante de nível médio. Mesmo que houvesse alguma preocupação por parte do Estado, ela se limitava à qualificação de mão de obra para o crescimento industrial.

No governo de João Goulart (Jango-1961-1964), a EJA foi retomada para o debate. Nesse contexto, a preocupação de que a população fosse alfabetizada era partilhada entre alguns políticos progressistas e educadores militantes. O voto era premissa das pessoas escolarizadas, e o debate sobre a práxis libertadora de Paulo Freire tornava-se recorrente.

De acordo com Rinaldi e Pereira (2015), a primeira política pública para a EJA, no Brasil, foi o Programa Nacional de Alfabetização criado por Jango, no ano de 1964, realizada por meio de uma campanha nacional para combater o que se nomeia analfabetismo. Entretanto, com o Golpe Militar e o regime ditatorial, o programa foi destruído, e Paulo Freire foi exilado do país, pois suas ideias eram consideradas subversivas.

Em 1967, no período ditatorial, uma nova Constituição foi promulgada, com a intenção de disseminar o autoritarismo do governo. Porém, surgiram as manifestações populares e estudantis. A LDB 5692/71 de 11 de agosto de 1971 contemplou as diretrizes e bases do ensino de 1º e 2º graus, através de um capítulo à parte; a lei que tratava do ensino supletivo e das discussões acerca das especificidades dele era tratada de forma superficial, sem reais preocupações com o público de jovens e adultos. Concomitantemente a essa lei, foram criados Centros de Estudos Supletivos no país, e a Educação de Jovens e Adultos conquistou seu espaço na legislação pública.

Nesse período, o governo ditatorial criou o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), pela lei 5.379. O principal objetivo do movimento era acabar com o analfabetismo e controlar as massas ideologicamente. Ficamos sabendo que,

O MOBREAL visava combater o analfabetismo e controlar ideologicamente as massas, além de recrutar eleitores que apoiassem o poder militar. Entretanto, o Mobreal resultou na redução de apenas 2,7% de analfabetos no país. Em 1970 o Brasil tinha mais de 18 milhões de analfabetos, um índice de 33,6% entre a população de 15 anos ou mais (IBGE, 2000). Daí que, em 1985, o Movimento fosse substituído pela Fundação Educar. (RINALDI; PEREIRA, 2015, p.10).

Após muitas lutas pró-democracia e movimentos populares contra a Ditadura Militar no país, o então presidente militar, Figueiredo (1979-1985), retomou o regime político-democrático no país. Já, no mandato do presidente Sarney (1985-1990), foi criada a Constituição Cidadã (1988), em que a educação passou a ser tratada como um direito de todos e dever do Estado. No que tange à democracia, podemos entender que, nesse período, ocorreram diversos avanços democráticos em uma realidade demarcada por opressões e ditadura. Vale ressaltar que a referida Constituição determinou o voto dos analfabetos como prerrogativa legal.

No governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), foi criada a LDB (Lei das Diretrizes e Bases da Educação), lei 9392/96, que se encontra em vigência atualmente. No que concerne à Educação de Jovens e Adultos, a referida lei indica que a educação deve ser ofertada de acordo com as possibilidades de frequência do público de jovens e adultos. Quanto às diretrizes para o ensino da EJA, no ano de 2000, o Conselho Nacional de Educação (CNE) regulamentou as Diretrizes Curriculares de Educação de Jovens e Adultos, por meio do Parecer 11/2000, que trata das especificidades e prevê a EJA como modalidade de ensino.

Vale ressaltar que, mesmo havendo o progresso legal para a EJA, enquanto uma modalidade de ensino que tem especificidades próprias, o seu financiamento foi vetado no governo do FHC. O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF) foi criado em 1996 e priorizava apenas o ensino fundamental como forma estratégica para conter os índices de analfabetismo.

Já no governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2006-2007-2010), foi criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), substituindo o FUNDEF. E nesse novo modelo, a Educação Infantil e a EJA apareceram no financiamento. Uma conquista para a modalidade, visto que, para que a lei se efetivasse na prática, era necessário o financiamento público.

Por meio do financiamento público, foram criadas, ao longo dos anos do governo Lula, diversas políticas, como: Proeja (educação acadêmica integrada à profissional); normatização e financiamento da educação em prisões; inserção da EJA nos programas de transporte e alimentação escolares e do livro didático; realização do Certific (certificação profissional; programas de formação continuada de professores em EJA e em EJA e Economia Solidária. (RINALDI; PEREIRA, 2015).

Rinaldi e Pereira (2015) apontam que, mesmo ocorrendo muitos avanços no campo da EJA, ao longo dos anos, no que tange às políticas públicas e financiamento público, isso ainda é insuficiente para suprir as altas demandas. O marco legal é de extrema importância, enquanto conquista para essa modalidade de ensino, porém as políticas públicas, de acordo com as autoras,

[...]Deveriam dar forma às tais leis são incoerentes com seus conteúdos enquanto prescrição de direitos. Ou seja, elas são políticas marginais, aligeiradas, pouco estruturadas e fragmentadas, que assim se estabelecem na medida em que os jovens e adultos analfabetos ainda são tratados como carentes e não como cidadãos. (RINALDI; PEREIRA, 2015, p.13).

Nessa direção, as autoras acreditam que a EJA se configura como um direito humano violado, pois, ao ser excluído da escola, o público que demanda a EJA é prejudicado no que tange à luta por outros direitos na sociedade.

Portanto, as políticas públicas dessa modalidade de ensino, devem ser pensadas com outras políticas de correção das desigualdades sociais. Aqui cabe a reflexão sobre a história do Brasil e sobre como a EJA pode ser (re-)pensada, de maneira que suas políticas possam ir ao encontro de outras políticas sociais. Nesse caminho, Miguel Arroyo (2001) afirma que

A educação de jovens e adultos- EJA- tem sua história muito mais tensa do que a história da educação básica. Nela se cruzaram e cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos. O tema nos remete à memória das últimas quatro décadas e nos chama para o presente: a realidade dos jovens e adultos excluídos. (ARROYO, 2001, p. 10).

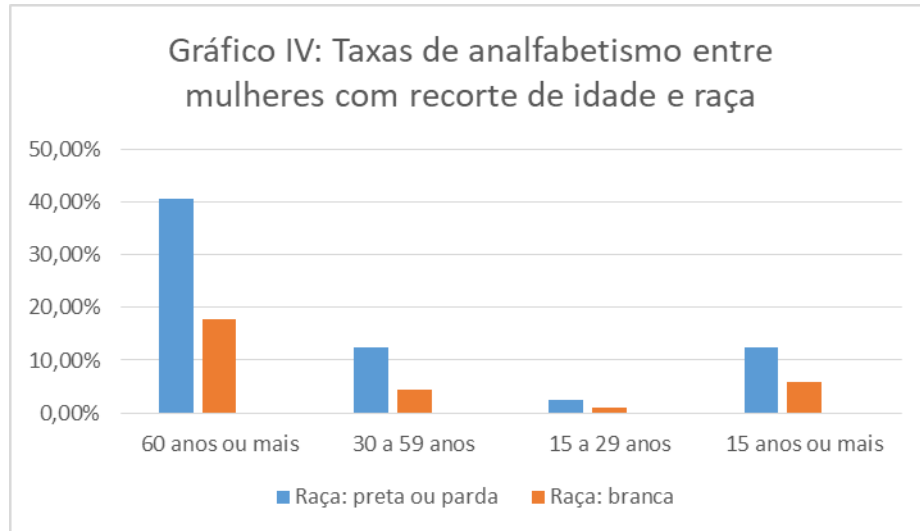
Nessa direção, Rinaldi e Pereira (2015), afirmam que a Educação de Jovens e Adultos no Brasil precisa ser pensada a partir da negação histórica do direito à educação para uma parcela significativa da nossa população.

Tais reflexões nos levam aos dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no que tange às taxas de pessoas pouco escolarizadas. A pesquisa foi realizada no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ⁵por meio da opção “estatísticas de gênero”. Ao selecionarmos essa opção, outra aba foi aberta, sendo possível filtrar as estatísticas que permeiam as desigualdades de gênero através de temas diversos: *domicílios, educação, famílias, migração, população, rendimento e trabalho*. Para encontrarmos alguns índices que vão ao encontro de discussões pertinentes à proposta do estudo que aqui se apresenta, optei por realizar a busca a partir do tema *educação*.

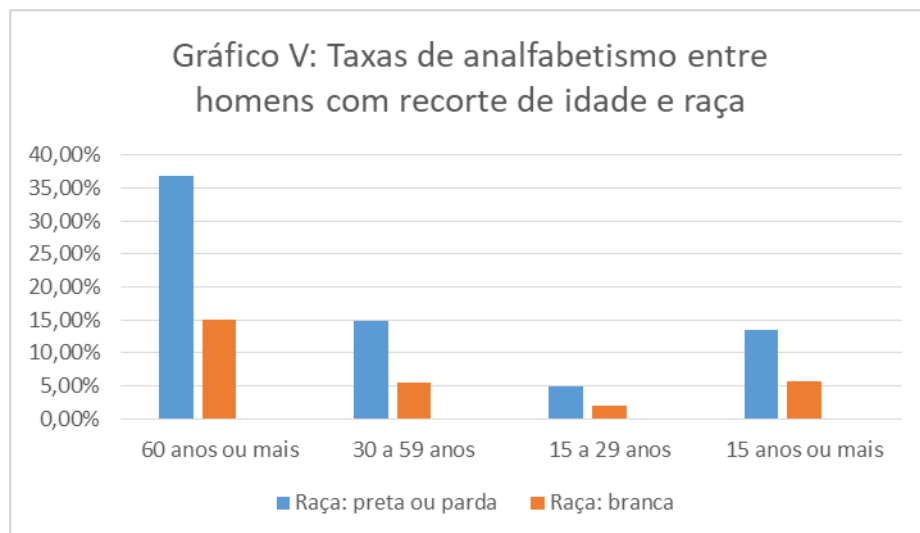
No referido tema, é possível selecionar os seguintes indicadores: *proporção de pessoas por nível de instrução, taxa de abandono escolar precoce, taxa de analfabetismo, taxa de frequência escolar bruta, taxa de frequência escolar líquida, total de analfabetos, total de pessoas com abandono escolar precoce, total de pessoas no nível adequado, total de pessoas que frequentam escola ou creche*. Ao escolher o indicador *taxas de analfabetos*, é possível filtrar as informações através de: *gênero, cor ou raça, grupos de idade, período e áreas*. Em *áreas*, podemos encontrar as seguintes opções: *país, regiões, unidades da federação, territórios da cidadania e municípios*. Busquei informações sobre os índices divididos por regiões.

Ao escolher o indicador *taxas de analfabetos*, pude novamente filtrar essas informações através de *gênero, grupos de idade, raça e áreas*. Seguem as informações detalhadas nos gráficos abaixo:

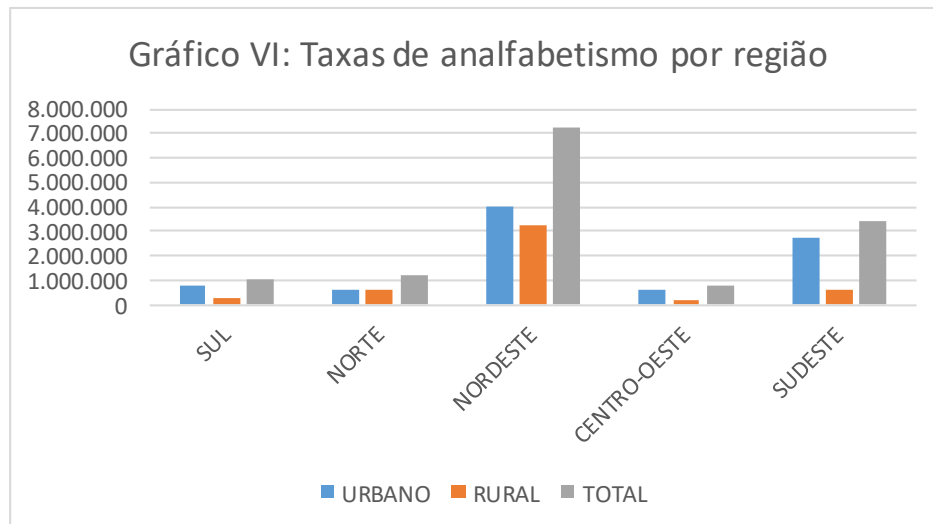
⁵ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4692>. Acesso em: 10 jun. 2019



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Organizado pela autora, 2019.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Organizado pela autora, 2019.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Organizado pela autora, 2019.

A partir da busca, algumas aproximações e reflexões acerca do panorama brasileiro, no que tange aos índices de pessoas pouco escolarizadas, foram possíveis. Na busca por gênero, com recorte de raça e idade, é notória a discrepância de escolarização, quando analisamos os dados. Entre as mulheres brancas e pardas ou negras, há uma grande diferença: relativas a mulheres com 60 anos ou mais, as taxas de analfabetismo são de 40,6%, entre mulheres pardas ou negras, e de 17,8%, entre mulheres brancas; a mulheres na faixa etária de 30 a 59 anos, as taxas são de 12,5%, entre mulheres pardas ou negras, e de 4,5%, entre mulheres brancas; as mulheres na faixa etária de 15 a 29 anos, as taxas são de 2,5%, entre mulheres pardas ou negras, e de 1,1%, entre mulheres brancas; mulheres na faixa etária entre 15 anos ou mais, as taxas são de 12,4%, entre mulheres pardas ou negras, e de 5,8%, entre mulheres brancas. Vale ressaltar que a idade é outro fator relevante, sendo que as mulheres, entre 60 anos ou mais, frequentaram menos a escola, como podemos visualizar nas informações descritas acima.

Com relação às cinco regiões do país, podemos visualizar as desigualdades regionais, que se distribuíram da seguinte maneira: No Sul, o total de analfabetos foi de 1.072.852, e esse resultado foi dividido entre zona rural, com 283.329, e zona urbana, com 789.522. Na região Norte, o total foi de 1.219.242, dividido entre 574.151 da população da zona rural e

645.091 da população urbana. No Nordeste, o total foi de 7.241.261, dividido entre 3.212.518 da população da zona rural e 4.028.743 da população da zona urbana. No Centro-Oeste, o total foi de 751.225, dividido entre zona rural, com 167.343, e zona urbana, com 583.882. Por fim, na região Sudeste, com um total de 3.375.587 dividido entre zona rural, com 624.263, e zona urbana, com 2.751.325.

Tais informações nos permitem avançar na discussão acerca da condição das mulheres, da condição de mulheres negras e dos homens negros, bem como no debate sobre faixa etária. Outra informação é possível por meio desses dados: as taxas de analfabetismo são discrepantes entre as regiões, com taxas maiores na região do Nordeste. Portanto, quando pensamos nas políticas públicas para a EJA, devemos levar todas essas informações em consideração, pois elas trazem um panorama do nosso país.

A discrepância racial se faz notória, bem como da idade: para os homens, na faixa etária entre 60 anos ou mais, as taxas são de 36,9%, entre homens pardos ou negros, e de 15%, entre homens brancos; na faixa etária entre 30 a 59 anos, as taxas são de 14,8%, entre homens pardos ou negros, e de 5,5%, entre homens brancos; na faixa etária entre 15 a 29 anos, as taxas são de 4,8%, entre homens pardos ou negros, e de 2%, entre homens brancos; na faixa etária de 15 anos ou mais, as taxas são de 13,4%, entre homens pardos ou negros, e de 5,7%, entre homens brancos. A questão da idade também se faz relevante, pois os índices de homens pardos ou negros, com 60 anos ou mais, pouco escolarizados, também são mais elevados, se comparados as outras faixas etárias e aos homens brancos.

A autora brasileira Djamila Ribeiro (2018), em sua obra *Quem tem medo do feminismo negro?*, aponta para a importância de pensarmos a questão interseccional, quando refletimos sobre a condição das mulheres negras e também sobre outras opressões: “Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis” (RIBEIRO, 2018, p.123). O conceito de interseccionalidade, segundo a autora, ganha força na academia com a tese de doutorado de Kimberlé Crenshaw, em 1989.

Outra questão que se faz preponderante é refletir sobre como a temática das mulheres negras vem sendo tratada ao longo dos anos. Segundo Ribeiro (2015), o silêncio com relação à temática das mulheres negras não as coloca como sujeitos políticos. Ficamos sabendo que

Um silêncio que, por exemplo, fez com que nos últimos dez anos o número de assassinatos de mulheres negras tenha aumentado quase 55%, enquanto o

de mulheres brancas caiu em 10%, segundo o Mapa de Violência de 2015. Falta um olhar étnico-racial para políticas de enfrentamento da violência contra a mulher. A combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática, que não negue identidades em detrimento de outras. (RIBEIRO, 2018, p. 125).

Nessa direção, ao dialogarmos com os dados do IBGE do último censo de 2010, indagamos sobre os diversos motivos que levaram as pessoas a não frequentarem a escola em período regular. Qual o motivo das taxas de analfabetismo entre as mulheres negras serem mais elevadas? Qual o motivo das taxas de analfabetismo entre homens negros serem mais elevadas?

Tais informações nos aproximam da história brasileira e sua herança escravocrata e patriarcal. Uma herança de dor, exclusão, medo e resistência...

Djamila Ribeiro (2018), ao citar Grada Kilomba, nos leva à reflexão sobre o rompimento da universalidade em relação aos homens, em que a realidade dos homens brancos não é a mesma que a dos homens negros. Nessa direção, o questionamento sobre a realidade de vida das mulheres negras torna-se imprescindível:

Kilomba, além de mostrar que mulheres possuem situações diferentes, rompe com a universalidade em relação aos homens também mostrando que a realidade dos homens brancos não é a mesma da dos homens negros, e que em relação a estes deve-se fazer a pergunta: de quais homens estamos falando? Reconhecer o status de mulheres brancas e homens negros como oscilante nos possibilita enxergar as especificidades e romper com a invisibilidade da realidade das mulheres negras. (RIBEIRO, 2018, p. 126).

Refletir sobre as diversas opressões que determinados grupos enfrentam, pode ser uma maneira de rompermos com discursos universalizantes sobre elas. Um exemplo disso é resumir a luta das mulheres à categoria mulher. A condição de vida das mulheres brancas é diferente da condição de vida das mulheres negras, bem como do público LGBT. Portanto, quando trazemos alguns dados sobre taxas de analfabetismo, podemos compreender que, mesmo em se tratando de uma mesma classe social, a discrepância racial e de faixa etária se faz notória, como salientado anteriormente.

A partir de tais reflexões, retomo a indagação inicial desse capítulo: quando trazemos a EJA para o debate, de qual público estamos falando? A Constituição Federal, no capítulo III, artigo 208, afirma os deveres do Estado com a população e os direitos dos cidadãos, no que concerne ao ensino:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. § 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º - O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º - Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela freqüência à escola. (BRASIL, 1988).

Quando nos deparamos com a lei, constatamos que a educação é um direito público subjetivo, ou seja, ela se estende a qualquer brasileiro e brasileira. Ao analisarmos os dados do último censo do IBGE, podemos questionar se esse direito tem se efetivado na prática para todos os grupos. Nessa direção, é de extrema importância pensar nas políticas públicas para a EJA intersetorialmente com outras políticas de correção das desigualdades sociais. Nesse caminho, Rinaldi e Pereira (2015) apontam que

O aspecto da igualdade de diferenças apontado por Cury (2002), incita um último apontamento: o de que a democracia educacional, que está na base da efetivação da educação como um direito humano, não se separa da democracia social. Portanto, para que o Estado garanta este direito efetivamente, as políticas de EJA necessariamente devem ser pensadas, intersetorialmente, com outras políticas de correção das desigualdades sociais. (RINALDI; PEREIRA, 2015, p. 15).

Portanto, a luta dos sujeitos coletivos pela educação torna-se primordial para a construção de novas políticas públicas que atendam aos diversos públicos. Nesse caminho, o questionamento acerca do inacabamento da democracia educacional torna-se imprescindível. Podemos ainda afirmar que a democracia educacional está consumada, sendo que sabemos que diversas pessoas ainda estão fora das escolas?

DEVANEIOS CAMINHANTES *****

Caminhando, poetizando e devaneando com Chico e Elis... (Débora Sara Ferreira)

Apesar de você

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar

Quando chegar o momento
Esse meu sofrimento
Vou cobrar com juro, juro
Todo esse amor reprimido
Esse grito contido
Este samba no escuro
Você que inventou a tristeza
Ora, tenha a fineza
De desinventar
Você vai pagar e é dobrado
Cada lágrima rolada
Nesse meu penar

(Composição e interpretação: Chico Buarque)

Como nossos pais

Não quero lhe falar meu grande amor
Das coisas que aprendi nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei
Que qualquer canto é menor do que a vida
De qualquer pessoa

Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal
Está fechado pra nós
Que somos jovens...

Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina, na lua
É que se fez o seu braço,
O seu lábio e a sua voz...

Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantada como uma nova
invenção
Eu vou ficar nesta cidade não vou voltar pro
sertão
Pois vejo vir vindo no vento cheiro da nova
estação
Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração...
Já faz tempo eu vi você na rua
Cabelo ao vento, gente jovem reunida
Na parede da memória essa lembrança
É o quadro que dói mais...
Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais...
Nossos ídolos ainda são os mesmos
E as aparências não enganam não
Você diz que depois deles não apareceu mais
ninguém
Você pode até dizer que eu tô por fora
Ou então que eu tô inventando...
Mas é você que ama o passado e que não vê
É você que ama o passado e que não vê
Que o novo sempre vem...

(Composição: Belchior; Interpretação: Elis Regina)

[...] É que se sensibilizara toda. Partes do corpo de que não tinha consciência há longo tempo reclamavam agora a sua atenção. E de súbito – mas que fome furiosa! Alucinada, levantou-se, desamarrou a pequena trouxa, tirou um pedaço de pão com manteiga ressecada que guardara secretamente há dois dias. (Clarice Lispector, 1998, p. 32).

5 A EJA NA CIDADE DE RIO CLARO-SP: PRIMEIROS MOVIMENTOS

A Educação de Jovens e Adultos, na cidade de Rio Claro-SP, é realizada em seis escolas. Todas elas contam com a EJA I, que corresponde às séries iniciais do ensino fundamental, e a EJA II, que corresponde ao ensino fundamental II. Na EJA I, 148 alunos matricularam-se no ano de 2018. Já, no ensino fundamental II, a Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro-SP contabilizou: 76 alunos matriculados no 5º ano; 99, no 6º ano; 128, no 7º ano; e 160, no 8º ano. A referida Secretaria Municipal contabilizou um total de 463 alunos matriculados no ano de 2018.

No mês de março de 2018, o meu projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa em Seres Humanos, IB - Unesp, Rio Claro-SP. Após a aprovação, levei os documentos à Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro-SP, para que fossem avaliados e autorizados.

Assim que foi aprovada a documentação, a Secretaria de Educação de Rio Claro-SP autorizou a minha entrada na escola escolhida, campo empírico da pesquisa, bem como a realização de um primeiro contato com a instituição escolar. Ao ligar para a escola, a diretora da Instituição me convidou para participar de uma reunião de HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), para que apresentasse o projeto à equipe escolar.

Iniciei com a apresentação dos objetivos gerais do estudo, bem como das contribuições almejadas para o fim do trabalho, tais quais: possíveis apontamentos para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, bem como para o campo da Educação, e as contribuições pertinentes e necessárias para a temática das mulheres.

Explicitarei à equipe que, no projeto, fora previsto trabalhar com músicas que refletissem sobre a condição da mulher; com imagens de mulheres ocupando diversos papéis na sociedade, e com a literatura feminina, mais especificamente, com as autoras Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus.

Fui bem recebida pelo corpo docente, e o professor de Língua Portuguesa me indicou um conto da Clarice Lispector intitulado “Uma galinha”, que se encontra no livro “Laços de família”. Ele me disse que esse conto já havia sido trabalhado em sala de aula. Como o projeto envolvia rodas de leitura e o trabalho de escritas cotidianas em um caderno individual, os professores demonstraram interesse pela proposta, visto que o projeto ia ao encontro do planejamento escolar daquele período.

Após a aprovação do corpo docente e da equipe gestora, pude então iniciar o trabalho.

5.1 A escola

A escola em que o estudo foi realizado está localizada no bairro São Miguel, na cidade de Rio Claro-SP. No ano de 2018, a escola contava com nove (9) salas, no período da manhã, e, com nove (9), no período da tarde, distribuídas entre educação infantil e ensino fundamental. No período noturno, a escola ofereceu cinco (5) salas de EJA, no primeiro semestre, e, quatro (4), no segundo semestre.

A sala multisseriada correspondia ao ensino fundamental I, onde participaram 23 alunos, no primeiro semestre, e, 20, no segundo. No ensino fundamental II, a quantidade de educandos do período noturno distribui-se da seguinte maneira, no primeiro trimestre: 5º ano - 22 educandos; 6º ano - 21 educandos; 7º ano - 36 educandos; 8º ano - 43 educandos. Já, no segundo semestre, observamos que a quantidade dos educandos diminuiu. A distribuição por sala ocorreu da seguinte maneira: 6º ano - 16 educandos; 7º ano - 18 educandos; 8º ano - 41 educandos.

5.2 O planejamento das oficinas

Oficina: Imagens que produzem história, que produzem vida...

Objetivo da oficina:

- discutir sobre os diversos papéis que as mulheres ocupam na sociedade atual, e refletir sobre a sua condição.

Descrição dos recursos didáticos:

- televisão, gravador, imagens, papel sulfite e caderno.

Descrição da situação didática:

Em um primeiro momento, conversaremos sobre o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Após esclarecerei sobre possíveis dúvidas, com relação ao desenvolvimento do estudo. Em um segundo momento, serão apresentadas as imagens selecionadas para o encontro, e realizarei a contextualização das imagens: Tais Araújo, Ellen Pompeo, Thaísa Bergmann. Após a apresentação das imagens, será abordada a questão da presença feminina, atualmente em diversos setores da sociedade, diferentemente do passado. Para nortear o encontro, realizarei as seguintes perguntas: a partir das imagens, o que mais chama a atenção de vocês? É possível perceber a mudança entre as mulheres de antigamente e as mulheres da atualidade?

Vale ressaltar que os encontros serão registrados por meio de gravador.

Oficina: Imagens que vazam: histórias contadas por mulheres

Objetivo da oficina:

- compreender a luta cotidiana de mulheres que ocupam diversos papéis na sociedade, por meio de imagens de mulheres, bem como refletir sobre a própria condição.

Descrição dos recursos didáticos:

- televisão, gravador, imagens, papel sulfite e caderno.

Descrição da situação didática:

Nessa oficina, continuaremos o debate por meio de imagens. Em um primeiro momento, apresentarei as imagens para as educandas e as contextualizarei, falando sobre a vida de cada uma das mulheres presentes nas imagens: Rosineia Apda Maximiano, Simone de Beauvoir, Manuela D´Avilla, Clarice Lispector, Dilma Rousseff e Anitta. Após esse momento, faremos o diálogo sobre as imagens. Vale ressaltar que foram realizadas perguntas, como: o que vocês acham das mulheres presentes nas imagens? O que mais chama a atenção de vocês?

Outras perguntas norteadoras poderão surgir durante o decorrer do encontro, mas o objetivo principal é o de compartilhar vida e poesia.

Vale ressaltar que os encontros serão registrados por meio de gravador.

Oficina: Um olhar-vida para o conto *Uma galinha* de Clarice Lispector

Objetivo da oficina:

- ler, de forma autônoma, relacionando questões do conto *Uma galinha* com questões da própria vida;

- conhecer a autora Clarice Lispector, bem como sua importância para a literatura brasileira.

Descrição dos recursos didáticos:

- o livro: *Laços de família* de Clarice Lispector; gravador; papel sulfite e caderno.

Descrição da situação didática:

Em um primeiro momento, farei a contextualização da obra e vida da autora Clarice Lispector. Em um segundo momento, será distribuído um trecho do livro para cada educanda, visto que elas relataram que não gostam de realizar leituras muito longas. Cada trecho do conto “Uma galinha” estará numerado na sequência, para que possamos ler o conto inteiro. Não haverá perguntas norteadoras nesse encontro, mas o diálogo se fará potente em todo o encontro.

Vale ressaltar que os encontros serão registrados por meio de gravador.

Oficina: *Desconstruindo Amélia, desconstruindo-me...*

Objetivo da oficina:

- dialogar sobre a condição da mulher a partir da música “Desconstruindo Amélia” da cantora Pitty;

- partilhar vida e amizade por meio de imagens dos Sê-los (imagens-poesias confeccionadas por Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José).

Descrição dos recursos didáticos:

- imagens, a música “Desconstruindo Amélia”, gravador, papel sulfite e caderno.

Descrição da situação didática:

Em um primeiro momento, distribuirei o conjunto de imagens “Sê-los” e pedirei a cada uma que escolha uma imagem. A seguir, cada uma deverá falar um pouco sobre si a partir das imagens, e falar os motivos de estar na EJA;

Em um segundo momento, ouviremos a música. Após o momento da leitura musical, realizarei as seguintes perguntas: o que essa música diz, na sua opinião? O que mais lhe marcou na música?

Algumas perguntas poderão ser realizadas durante o encontro, tais quais: por que escolhemos essa imagem? Por que estou aqui (na EJA)?

Vale ressaltar que os encontros serão registrados por meio de gravador.

Oficina: *Respeita as mina: uma reflexão sobre a música*

Objetivo da oficina:

- dialogar sobre a condição da mulher a partir da música “Respeita as Mina” de Kell Smith;
- partilhar vida e amizade por meio de imagens dos Sê-los (imagens-poesias confeccionadas por Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José).

Descrição dos recursos didáticos:

- imagens, a música “Respeita as Mina”, gravador, papel sulfite e caderno.

Descrição da situação didática:

Em um primeiro momento, distribuirei o conjunto de imagens “Sê-los” e pedirei a cada uma que escolha uma imagem. Em seguida, cada uma deverá falar um pouco sobre si a partir das imagens, e falar os motivos de estar na EJA. (Essa atividade foi colocada novamente no plano, devido a pouca frequência das educandas no encontro anterior).

Quanto às educandas que já realizaram a dinâmica na semana anterior, elas poderão compartilhar algo que as afeta, ou alguma história. Em um segundo momento, ouviremos a música. Após o momento da leitura musical, realizarei as seguintes perguntas: o que vocês acharam da música? Qual reflexão a cantora quis trazer, na sua opinião?

Outras questões norteadoras poderão surgir durante o encontro.

Vale ressaltar que os encontros serão registrados por meio de gravador.

Oficina: Partilhando afetos: *Quarto de despejo*

Objetivo da oficina:

- ler de forma autônoma e relacionar questões do livro com questões da própria vida;
- conhecer Carolina Maria de Jesus e sua contribuição para a literatura brasileira.

Descrição dos recursos didáticos:

- o livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, gravador, papel sulfite e caderno.

Descrição da situação didática:

Em um primeiro momento, as educandas serão convidadas a escrever um relato sobre a própria vida. Em um segundo momento, a partir de trechos selecionados da obra Quarto de Despejo, realizaremos a leitura. A leitura será realizada sequencialmente, de acordo com a ordem. Após o momento de leitura, as seguintes perguntas poderão ser realizadas: o que mais chama a atenção no texto lido? Na sua opinião, como era a vida de Carolina? Na sua leitura, por que Carolina não quis se casar? O que era a escrita, para Carolina?

Questões outras poderão surgir no decorrer do encontro.

Vale ressaltar que os encontros serão registrados por meio de gravador.

5.3 As educandas e as observações

Nos dois primeiros encontros, como estava previsto no cronograma da pesquisa, realizei observações.

As observações que serão relatadas aqui têm relação com minhas afetações e com o meu olhar para o grupo de educandos. Questões que me saltaram aos olhos, e que ajudaram na construção deste estudo, serão trazidas à reflexão.

Era uma sala comum. Lousa e giz, cadeiras e carteiras, ventiladores e luzes. Mesa do professor, no centro, e carteiras enfileiradas. Nada de diferente, em uma sala de estrutura física tradicional. Bateu o sinal, um som divertido, e todos entram rindo e fazendo brincadeiras na sala. Senti um momento de descontração, visto que estava ansiosa.

Entrei após todos e me sentei no canto, pois pensei que seria interessante me sentar naquele lugar para visualizar a sala toda. Um jovem, de aproximadamente quinze anos, convidou-me para me sentar em seu lugar. Nesse momento, todos da sala ficaram me olhando, afinal, sou uma estranha naquele lugar. E já estávamos no dia 24 de abril...

Um misto de sentimentos me transpassava, afinal, esperei muito por esse momento e já havia imaginado como seria a turma, inúmeras vezes.

Quando escrevi o projeto de pesquisa, imaginei que encontraria pessoas mais velhas, mas encontrei uma sala de pessoas com idades variadas.

Uma questão saltou-me aos olhos, nesse primeiro momento: quase todas as mulheres já estavam na idade adulta.

Percebi, nesse encontro, uma multiplicidade de comportamentos na sala. Os meninos, que sentavam no fundo, com idades que variavam entre quinze e vinte anos, comportavam-se como alunos do ensino médio. As mulheres e homens de idade mais avançada sentavam-se à frente e ficavam compenetrados na aula. Era a aula de inglês, e, entre reclamações e atividades, a sala desenvolvia o solicitado pela professora.

Confesso que não imaginara ser tão bem recebida por todos. A professora me apresentou, explicitando à turma que eu estava desenvolvendo minha pesquisa de mestrado.

Após a explicação da professora acerca dos pronomes da língua inglesa, ela solicitou que os educandos realizassem uma atividade, em que deveriam recortar figuras de revistas e relacioná-las aos pronomes pessoais, colando-as em uma folha sulfite.

Chamou-me a atenção, nesse encontro, um educando com idade aproximada de quinze anos. Ele perguntou a minha idade, e respondi que tinha vinte e seis anos. Espantado, disse que era estranho encontrar uma professora muito nova e, em tom de preocupação, relatou acerca da história de sua irmã, que largou os estudos por conta do namoro.⁶

A história desse aluno me chamou a atenção, devido à condição das mulheres e de todos os entraves que tiveram, e ainda têm, no que concerne aos estudos. Pergunto: o que levou a irmã desse educando a abandonar os estudos?

Em um segundo encontro, ainda nas observações, cheguei na sala de aula, antes que todos chegassem. Sentei-me no último lugar e aguardei a chegada de todos.

A primeira aula era de Geografia, e o professor começou com a explicação e a definição de êxodo rural e solicitou à turma que realizasse as atividades do livro didático.

Percebi que a sala se envolvia com as atividades e realizava o solicitado pelos professores. Uma educanda relatou, nesse encontro, o seu incômodo em relação às críticas que recebe devido ao seu dialeto nordestino, e que o sujeito que a critica diz que inexistente a expressão “tu”.

Uma questão ficou forte para mim: qual é a história de vida dessas pessoas? O que compõe a história de cada um?

No mesmo encontro, outra educanda relatou a dificuldade de estudar e ter a função de cuidar dos netos.

⁶ Destaco que o material empírico desse estudo é constituído pela produção de pessoas a partir de 18 anos, conforme aprovado pelo comitê de ética. Nos primeiros contatos com a potencial turma da pesquisa, foram envolvidos todos os alunos.

Percebi, durante os encontros, que há uma relação saudável, diga-se amigável, entre os professores e a turma de alunos. Uma particularidade pode ser notada: as educandas compartilham histórias, sempre que há uma oportunidade.

5.4 Os registros: fontes variáveis

O estudo foi dividido em três etapas: as observações em sala de aula, as oficinas de leitura e escrita e as entrevistas.

No decorrer do estudo, realizamos o “Questionário organizado para uma turma de 7^ªEJA”, cujo objetivo era: fazer um diagnóstico das práticas de leitura e escrita com alunos, em classes de Jovens e Adultos. Na etapa das observações, os registros foram realizados no meu caderno de anotações. Para tal procedimento, aponto-me em Bogdan e Biklen (1994), que retratam acerca da importância do trabalho com o registro minucioso das observações, que, de acordo com os autores, deve ser realizado em duas etapas: a descritiva, que envolve os fatos descritos minuciosamente pela pesquisadora e a parte reflexiva, no que concerne às reflexões e indagações. Portanto, para o início do trabalho, a observação foi um instrumento fundamental.

Na etapa das oficinas, utilizamos o recurso do gravador, e, em seguida, as gravações foram transcritas. No fim do estudo, foram realizadas entrevistas, e o recurso do gravador foi novamente utilizado. Para compor a parte escrita, as educandas participantes realizaram anotações nos cadernos que foram distribuídos no início do estudo.

Vale ressaltar que, nesse momento do estudo, utilizamos apenas as narrativas das educandas a partir das oficinas poéticas.

5.5 As mulheres participantes da pesquisa

Para compor informações relevantes sobre a caracterização socioeconômica da escolarização e de práticas de ler e escrever, foi realizado um questionário com as mulheres

⁷ O questionário coleta informações relevantes para a caracterização socioeconômica da escolarização e das práticas de ler e escrever cotidianas.

participantes do estudo. Tais informações são preponderantes e podem nos levar a um diagnóstico sobre as práticas de ler e escrever e de escrita com alunas da EJA.

Naná considera-se parda e tem 32 anos; é mãe de três filhos e nasceu em Bom Conselho-PE. Mora em Rio Claro-SP, nos dias atuais. Começou a trabalhar aos dezesseis anos e atualmente é monitora de ônibus trabalhando quatro horas por dia. Naná alega que deixou de estudar no período regular, porque engravidou.

Ágata tem 33 anos e nasceu em União dos Palmares-AL. Seu único filho tem treze anos. Atualmente mora em Rio Claro-SP. Começou a trabalhar aos doze anos e hoje é revendedora de catálogos. Ela diz que deixou de estudar no período regular, porque teve de trabalhar.

Franciele tem 39 anos e nasceu em Santo Amaro-SP. Ela é mãe de quatro filhos homens com idades de vinte e dois, vinte e um, vinte e dezessete anos. Atualmente mora em Rio Claro-SP. Começou a trabalhar aos doze anos e, nos dias atuais, exerce a profissão de doméstica. Ela alega que interrompeu os estudos devido às mudanças de endereço de sua família.

Eliana tem 49 anos e nasceu em Rio Claro-SP. Ela é mãe de três filhos com idades de vinte e sete, vinte e um e oito anos. Mora atualmente em Rio Claro-SP, cidade de seu nascimento. Começou a trabalhar com treze anos e alega que interrompeu os estudos para trabalhar.

Jhenifer tem 19 anos e nasceu em Rio Claro-SP. Ela é mãe de um menino de quatro anos. Mora atualmente em Rio Claro-SP, cidade de seu nascimento. Começou a trabalhar com treze anos e alega ter interrompido os estudos, porque tinha intenção de fazer o supletivo, porém engravidou e não voltou.

DEVANEIOS CAMINHANTES *****

Clarice e Carolina:

Mulheres;

Poetas.

Poesia-vida.

Encontros poéticos de vida.

O que pode a escrita?

O que pode uma escrita feminina?

Mulheres: Carolinas e Clarices...

Narrar a própria história;

Movimentos poéticos;

Poesia, vida, (re-)encontros;

Escrever a história das mulheres.

Clarice e Carolina foram mulheres e escritoras.

Deixaram-nos um legado:

Continuar (re-)escrevendo a nossa história.

E continuamos...

(Débora Sara Ferreira).

Navio Negroiro (Slim Rimografia)

Somos sonhos, somos luta

Fomos mão de obra barata

Somos arte, somos cultura

Somos ouro e somos prata

Somos índios, Somos negros

Somos brancos, somos

afrodescendentes

Somos raça, somos povo

Somos tribo, somos gente

Somos sonhos, somos luta...

*Sou um coração batendo no mundo.
 Você que me lê que me ajude a nascer.
 Espere: está ficando escuro. Mais.
 Mais escuro.
 O instante é de um escuro total.
 Continua.
 Clarice Lispector (1998, p. 36)*

6 NARRATIVAS (DE VIDA): A EXPERIÊNCIA DE OFICINAS COM MULHERES

Neste capítulo, trarei a descrição das oficinas realizadas, bem como algumas falas das mulheres participantes do estudo. Para o desenvolvimento das atividades, foram utilizados recursos, como: as músicas “*Desconstruindo Amélia*”, da cantora Pitty, e “*Respeita as mina*”, da cantora Kell Smith; o conto “*Uma galinha*”, de Clarice Lispector; e trechos da obra “*Quarto de Despejo*”, da autora Carolina Maria de Jesus. Para as reflexões dos primeiros encontros, utilizamos imagens de mulheres em diversos setores da sociedade.

Quando começamos um estudo, são vários os sentimentos que nos permeiam. Conhecer Franciele, Nana, Ágata, Jhenifer e Eliana⁸, sensibilizar-me com suas histórias de vida, e traçar reflexões para este estudo, era o que me trazia ânimo em dias difíceis. E estar com essas mulheres, além de toda a obrigatoriedade das etapas de uma pesquisa científica, a meu ver, foi um ato político. Compartilhar saberes, poesia e vida foi o movimento político-poético dessa experiência.

6.1 Imagens que produzem história, que produzem vida...

Este foi o primeiro encontro. Para início do diálogo, relatei minha experiência no PEJA da Unesp de Rio Claro; apresentei a proposta do estudo; e relatei brevemente os motivos que me levaram ao estudo da temática apresentada.

Nesse primeiro dia, todos do quinto ano da EJA participaram. Em um segundo momento, explicitarei as informações acerca do estudo e realizei a leitura do TCLE (Termo de

⁸ Optou-se por utilizar codinomes escolhidos pelas participantes do estudo, para preservar-lhes a identidade. Foi utilizado o nome de registro a pedido de Jhenifer e Eliana. As outras participantes optaram por manter o sigilo da identidade.

Consentimento Livre e Esclarecido). Uma educanda indagou-me acerca da identidade, preocupada com a exposição que poderia sofrer, caso participasse. Informei a não obrigatoriedade da participação no estudo, o direito de sair em qualquer etapa, bem como a preservação do sigilo da identidade pelo codinome.

Cinco educandas interessadas preencheram os termos, mas os homens não quiseram participar, ou não tinham idade mínima de dezoito anos. Apenas um senhor assinou o termo, porém não participou devido à ausência nos dias das oficinas.

Para a discussão inicial, levei algumas imagens de mulheres, com o objetivo de refletirmos sobre os diversos papéis que elas ocupam na sociedade.⁹

Apresentei as imagens para as educandas, que participaram efetivamente do diálogo:

Figura 1 - Taís Araújo



Fonte: Revista Trip. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-tais-araujo-na-tpm-carreira-casamento-racismo-e-feminismo>. Acesso em: 30 mar. 2018

Figura 2 - Ellen Pompeo



⁹ A seleção de imagens de mulheres em diversos setores da sociedade (ciência, cinema, novelas, música etc) foi realizada em sites, em que elas concederam entrevistas, bem como suas imagens.

Fonte: El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/17/cultura/1516207923_670949.html. Acesso em: 30 mar. 2018

Figura 3 - Thaís Bergmann



Fonte: Revista Exame. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/ciencia/como-e-ser-mulher-na-ciencia-segundo-4-pesquisadoras-brasileiras/>. Acesso em: 30 mar. 2018

Após a breve apresentação das imagens, conversamos acerca dos papéis que as mulheres atualmente ocupam na sociedade. Perguntei às educandas se elas percebiam mudanças nas atividades que as mulheres realizam nos dias atuais, quando pensamos no passado e fazemos uma comparação. Mais que depressa, Franciele se manifestou:

Em Minas Gerais, tem uma região no Sul, que as mulheres saem lá de Minas Gerais e vem trabalhar no cafezal, tudo braçal. Eu sei disso aí, porque eu morava lá e eu vinha no ônibus, é tudo braçal. Onde a máquina não vinha, elas vêm e trabalham. Quer dizer, mudou muita coisa? Não mudou tanto assim, né? (Franciele, 2018).

Naná também expressou sua opinião sobre as mudanças atuais nas atividades das mulheres:

Que agora eles estão dando mais oportunidade para a mulher, né? Porque tem muitas empresas que não dá oportunidade pra mulher: “ah!, mulher não sabe fazer isso”, e, se for ver, a mulher se dedica mais que certos tipos de homens, né? Eu acho. Porque, tipo lá atrás, no tempo da minha avó e da minha mãe, era difícil encontrar uma mulher dirigindo transporte. Hoje tá mais fácil; de vez em quando você vê uma mulher no ônibus, uma mulher na carreta; já tá mais. Mas não é bem fácil de chegar até aonde elas tão. Aí você vê um carro ali que não sabe nem estacionar numa vaga, e cabe dois carros, você olha e é um homem. Aí falam: aí eu achei que era uma mulher! Aí, dá uma raiva! Aí, teve um acidente! Só podia ser mulher, né? (Naná, 2018).

Após a reflexão de Naná, o professor Carlos, que leciona a disciplina de matemática, disse: “proporcionalmente existem menos acidentes com mulheres, porque elas são mais cuidadosas mesmo”. (Carlos, 2018). Mais que depressa, Naná manifestou-se novamente:

Eu troquei a minha carta para ônibus e caminhão. Meu marido, ele apostou que eu não tinha capacidade de dirigir um ônibus. E eu levei ele nas aulas, pedi para o instrutor: Eu posso levar meu marido? Ele disse: "pode". Aí meu marido foi comigo, no dia último, ele disse: “Nossa, vai errar”! Porque para estacionar o ônibus é bem maior, né? A baliza é bem maior do que um carro. E ele falava: já perdeu, já perdeu! Já reprovou. Eu, eu saí de letra! E eu só não vou trocar pra carreta, porque as minha condições não dá, porque tudo vai dinheiro, né? (Naná, 2018).

Nesse momento, Franciele complementou seu relato compartilhando a história de sua avó:

Eu comecei a trabalhar, professora, quando eu tinha 12 anos! Você conhece Rio Claro? Você conhece na Av. 03 a casa de sucos do Seu Moço? Eu trabalhei muito tempo pra eles, até eu casar. Aí eu fui embora, quando foi em 2010, eu voltei e trabalhei pra filha dele. Quer dizer, com 12 anos a gente começa, mas com nove anos eu já trabalhava, ajudava meu pai com reciclagem. Minha mãe contou a história da minha vó, que meu vô traía a minha vó, e minha vó não podia reclamar! Se reclamasse, apanhava! Minha mãe diz que cansou de ver ele com a outra mulher; os meninos chegavam e contavam pra minha vó, mas se minha vó abrisse a boca, para reclamar, ela apanhava. Não podia, tinha que aceitar ele do jeito que ele é. Era obrigada a suportar ele do jeito que ele era. Hoje em dia, se souber que o marido está traindo, é pegar as bolsas e sumir. (Franciele, 2018).

Ao indagar acerca das oportunidades para as mulheres, percebe-se que há várias leituras por parte das participantes, como os trechos transcritos acima apontam. Franciele acredita que não mudou muito, e Naná entende que os tempos são outros, bem como as oportunidades para as mulheres.

Ressalto que, nesse primeiro encontro, fiquei satisfeita com a participação das mulheres, bem como com o envolvimento a partir das questões trazidas para a discussão.

A possibilidade de aproximarmos leituras que potencializam encontros em sala de aula, a meu ver, é um caminho fértil para a emancipação do pensamento e a reflexão da própria condição.

6.2 Imagens que vazam: histórias contadas por mulheres

Figura 4 - Rosinéia Aparecida Maximiano



Fonte: Jornal Tribuna do Paraná. Disponível em: www.tribunapr.com.br/arquivo/mulher/mulheres-enfrentam-preconceito-em-profissoes-para-homens/. Acesso em: 30 mar. 2018

Figura 5 - Simone de Beauvoir



Fonte: Revista Prosa Verso e Arte. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/nesta-rara-entrevista-simone-de-beauvoir-fala-sobre-existencialismo-religiao-casamento-amor-livre/>. Acesso em: 30 mar.

2018

Figura 6 - Manuela D Ávilla



Fonte: Revista Fórum. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/entrevista-exclusiva-com-manuela-davila-e-tempo-de-reinventar-politica/>. Acesso em: 30 mar. 2018

Figura 7 - Clarice Lispector



Fonte: Fãs da psicanálise. Disponível em: <https://www.fasdapsicanalise.com.br/uma-entrevista-com-clarice-lispector/>. Acesso em: 30 mar. 2018

Figura 8 - Dilma Rousseff



Fonte: Jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-entrevista-dilma-compara-momento-atual-do-pais-ao-do-golpe-de-64,70002243186>. Acesso em: 30 mar. 2018

Figura 9 - Anitta



Fonte: Revista Trip. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/trip/paginas-negras-entrevista-com-a-cantora-anitta-uma-das-maiores-artistas-pop-do-brasil-e-que-esta-planejando-carreira-internacional>. Acesso em: 30 mar. 2018

Dando prosseguimento na atividade da leitura-conversa acerca das imagens, levei algumas a mais para nortear o encontro.

Para aguçar a discussão, após a apresentação das imagens, perguntei o que as participantes achavam delas. Mais que depressa, Franciele se manifestou compartilhando um pouco mais de sua leitura de mundo. E, assim, as outras mulheres se sentiram encorajadas a participar...

O objetivo do encontro era compartilharmos nossas percepções acerca dos diversos papéis que as mulheres exercem na sociedade. Mas, na realidade, cada uma compartilhou sua história: o motivo de ter abandonado os estudos e, até mesmo, questões de outras ordens. Confesso que não estava preparada para ouvir tantas histórias tristes e que não esperava ouvir que uma mulher sofrera agressão física na gravidez...

E uma pergunta tornava-se pulsante, em meus devaneios: em que momento essas histórias se teciam?

Ao conversarmos sobre as imagens, Franciele disse:

As imagens foram boas para a gente aprender alguma coisa, né? Mostra que as mulheres têm de ter lugar na sociedade, não é só os homens. Tem mulheres que não sabem aonde elas podem ser colocadas, o local que elas podem conseguir alguma coisa, por isso elas sofrem. Pois se todos tivéssemos nossos direitos e tentar, elas conseguiriam as coisas! Eu penso assim: não é só para quem tem dinheiro, filhinho de papai; todo mundo que tentar consegue alguma coisa! Eu nunca me imaginava em uma sala de aula; como eu nunca tive a oportunidade, eu nunca sabia o que era uma sala de aula, porque eu só estudei até a primeira série. Só! Eu nunca mais fui a uma escola. Eu sei ler e sei escrever, porque eu pegava muito livro na biblioteca, lá no Ceará, onde eu morava, e três vezes por semana eu pegava livro para ler. A biblioteca, onde meus filhos estudavam, liberaram para eu pegar livro. A menina da biblioteca viu que eu gostava de ler. Acho que li a biblioteca inteirinha, toda semana eu pegava livro para ler. E por intermédio dos livros de escola dos meus filhos, eu aprendi as coisas. (Franciele, 2018).

Jhenifer também compartilhou um pouco de sua história e os motivos de não ter concluído os estudos em período regular:

Eu cansei cedo! Eu fiquei quatro anos com o pai do meu filho e já larguei. Tenho dezoito anos, comecei a namorar com doze anos. Engravidei com 14 anos. (Jhenifer, 2018).

Nesse momento, perguntei à Jhenifer se ela havia saído da escola devido à gravidez, e ela respondeu:

Não, eu saí da escola antes, por besteira, e não quis mais estudar. Na verdade, eu não saí, estava indo tudo normal, no tempo certo, aí eu comecei a faltar bastante, e minha mãe não deu importância nenhuma de eu estar faltando, e fiquei um mês sem ir para a escola, eu acho. E aí, quando eu voltei e falei: "agora vou terminar", o professor falou que não adiantava mais eu ficar lá, que já era para emendar tudo, porque eu ia repeti. Era professora de história, por isso que eu não gosto de história. (risos) Aí eu falei: "beleza, né!, já que não dá mais, eu vou pegar, vou sair e volto no outro ano!" Aí, quando pensei em voltar no outro ano, acabou a quinta série, na escola que

eu estudava, e daí foi quando começou a ter quinta série nesta escola, só que era com um monte de criança. Já não era mais do mesmo tamanho, e eu sempre fui maior. Aí fiquei esperando para fazer o EJA. Comecei a cuidar dos meus sobrinhos, e minha irmã pagava pra mim: eu olhava três crianças à tarde inteira, tinha o meu dinheiro. Comecei a trabalhar com a minha tia na mercearia dela, comecei a namorar também; meu pai aceitou tudo. Comecei a trabalhar com treze anos, fiquei um ano na marcenaria da minha tia e acabei engravidando! Eu estava esperando os quinze anos para começar a fazer o EJA, né? Aí acabei engravidando e não contei para ninguém que eu estava grávida. (Jhenifer, 2018).

Naná, ao ouvir a história de suas colegas, sentiu-se encorajada a contar um pouco sobre sua vida:

A minha vida é um pouco de cada uma que já contou; misturando vai dar a minha, certinho. Com treze anos me envolvi com um homem casado. Esse meu marido entrou para trabalhar na fazenda (referindo-se ao marido atual) e ele é muito esperto, e eu era muito boba ainda. Hoje eu entendo que ele (referindo-se ao homem com quem se envolveu) era pedófilo. Porque aquela época eu ficava com ele por algum presente que me dava, e não podia aparecer em casa com isso. Esse homem faleceu em janeiro, e em fevereiro eu conheci meu marido, ele entrou na fazenda como tratorista. Não sei se ele sabia, ou não sabia, mas ele começou a fazer tipo uma chantagem comigo, se não se envolvesse com ele; o mesmo contaria aos meus pais do meu passado. Lá, para nós (referindo-se ao lar onde foi criada), a moça, que não é mais virgem, não pode ficar dentro de casa. Então eu pensei assim: "ele vai abrir a boca, meus pais não vão me querer mais dentro de casa." No momento, eu não tive como escolher, como pensar, como eu ia resolver isso, eu não tive chance. (Naná, 2018).

O envolvimento de Ágata, Naná, Jhenifer, Eliana e Franciele na oficina foi significativo. A partir de cada história, podemos aprender, ir ao encontro da amizade-leitura e partilhar vida e poesia. Nesse sentido, cabe a indagação: o que vem a ser a condição da mulher, revelada a partir dessas histórias?

6.3 Um olhar-vida para o conto *Uma galinha* de Clarice Lispector

Nessa oficina, realizamos a leitura do conto *Uma galinha* da Clarice Lispector. As educandas haviam relatado que não gostavam de realizar leituras muito extensas, portanto levei o conto dividido em partes, para que cada uma pudesse realizar a leitura de um pequeno fragmento textual.

UMA GALINHA

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutra pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos. Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solevava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:

— Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

— *Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.*

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícius da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos. Clarice Lispector (2009, p. 30).

Em um primeiro momento, houve a distribuição dos trechos, que estavam numerados na sequência para facilitar a leitura. Nesse encontro, Naná e Franciele compartilharam um pouco mais de suas histórias.

Quando refletimos sobre a analogia presente no conto *Uma galinha*, da Clarice, muitas questões surgem. A galinha tinha fugido, porém foi capturada para servir de almoço. Quando, com medo da situação, bota um ovo, tudo muda, e a família começa a valorizá-la. Podemos pensar na questão da maternidade, em que a sociedade, por meio dos discursos, supervaloriza aquelas mulheres que se tornam mães. As mulheres que optam por não ser mães sofrem o preconceito de uma sociedade com raízes patriarcais.

Franciele compartilhou a sua história e a opressão que sofria do ex-marido, comparando-as à situação de prisão da galinha. Ela também compartilhou um pouco mais da história de sua família:

Estou escrevendo uma história para o professor de português, e eu estou escrevendo a história da minha mãe, pensando a vida da minha mãe, que aconteceu na vida da minha mãe. Minha mãe, até de facão ele (referindo-se ao ex-marido de sua mãe) batia na minha mãe. A minha mãe tinha marca nas costas dela, atrás, de facão, ela mostrava pra nós. Quando ele tinha raiva dela, sabe aqueles facão? Não era facão, era podão, que falava aquela época,

aquele mais largo assim, né? Porque era assim: na época ela casou com ele, tinha treze anos. E aí só foi tendo filho, filho, filho... Ela teve onze filhos com ele. E ele era assim: ele saía para as farras, ele era cantador de viola, ele ia, fazia as cantorias dele, lá ele arrumava duas, três muié, ficava com elas e quando enjoava, voltava pra dentro de casa. A minha mãe era obrigada a aceitar, se ela não aceitasse, ela apanhava, ele batia nela! E assim foi, até ela inteirar os onze filhos; quando ela inteirou os onze filhos, que ela viu que a situação dela estava muito difícil: ela perdeu dois casal de gêmeos, de fome, porque ele não trazia comida pra dentro de casa, dava para as outras mulheres, mas não dava pra eles, né? Aí o que ela fazia? Para não ter mais filho, que não tomava remédio naquela época nada, né?; aí era assim: eles dormiam em rede, lá no Ceará a maioria não tem cama, é só na cidade, você vai na roça, lá é tudo rede. Aí o que ela fazia: quando era dia, que os meninos falavam assim: "mamãe, eu vi papai na cidade"; aí, o que ela fazia: ela catava todas as redes dos filhos dela, colocava tudo dentro das bacia com água e colocava tudo os menino pra dormir com ela, pra ele não dormir com ela. Para ela não poder ter mais filho. (Franciele, 2018).

Após a leitura de mais um trecho do conto, ressaltai a sua importância para pensarmos em alguns aspectos preponderantes sobre a condição da mulher e a vida que vivemos em sociedade. Nesse momento, Franciele compartilhou um pouco mais de sua história:

Olha, tipo isso aí que vc estava falando, lá em Minas Gerais, igual meu marido, o jeito que ele era. Ele é muito machista. Tinha uma irmãzinha lá que gostava de ajudar, mas ela gostava de ajudar mais no pesado, não gostava muito de cozinha, essas coisas, e pela visão de hoje em dia, uma pessoa que começa querer fazer uma coisa mais pesada, pra eles é sapatão, né?, não é mulher, né?, mas não tem nada a ver, eu acho. E ela gostava assim: na hora que a gente ia pra cozinha fazer comida, essas coisas, para os irmãos, ela gostava de subir escada e entregar os tijolos para os irmãos lá em cima; era o que ela gostava de fazer. Pois você acredita que meu marido brigou com ela, fez ela descer de lá, e falou que aquilo não era serviço de mulher, era serviço de homem, e fez ela descer de lá e ir pra cozinha? Não é um machismo isso aí? Eu acho que o que é que tem de mais? (Franciele, 2018).

Após a leitura compartilhada do conto, perguntei às educandas: saberia a mulher, naquela época, lidar com a própria liberdade? Franciele, mais que depressa, respondeu:

Eu acho que não, ela está tão acostumada com aquilo, tipo: quando a gente fica muito presa a uma coisa e fala assim: "que a gente não consegue!" Eu, por exemplo, meu filho fica brigando comigo: "mãe, vc tem de resolver a vida da senhora!" Mas é que eu não tenho o costume, tudo era meu marido que fazia. E como que a mulher faz? Aí, agora, de pouquinho em pouquinho, que a gente vai pegando, lá atrás (referindo-se ao passado), era também desse jeito elas não dariam conta! Porque elas não tinham nem pra onde ir, não sabiam nem o caminho que tinham de tomar para começar a vida delas. (Franciele, 2018).

Ao ouvir o relato de Franciele, perguntei às participantes: qual será a liberdade de que Clarice falava no texto? Franciele, mais que depressa, respondeu:

Elas não conseguiriam, né? (referindo-se às mulheres do passado), com aquilo ali, né? É tipo um passarinho, o passarinho que é criado na gaiola? Você solta ele, e ele morre e nem consegue sobreviver, então eu acho que a mulher é mais ou menos por aí; ela é tão acostumada com aquilo ali, que ela já se acostumou com aquela vida. (Franciele, 2018).

Naná, nesse momento, manifesta-se:

No meu caso, meus pais me prenderam, mas segurar filho não evita nada não. Hoje eu vivo muito bem, solteira, acho que eu saí de um cativo. As pessoas às vezes dizem que sou tão carente, que brinco tanto, mas é porque eu não tive isso. Eu estou tentando recuperar o que eu perdi, brincar com alguém, sabe? Se casar fosse uma liberdade, é uma responsabilidade, mas para a diferença de solteira para casada, eu sou mais casada. Porque hoje eu saio, eu vou em churrasco, eu vou onde quero, vou na igreja, me arrumo, compro o que eu quero. E lá na casa dos meus pais não, só usava o que eles dava, era muito difícil. Eu não saía de casa. (Naná, 2018).

Percebe-se que o conto *Uma galinha* foi o disparador de reflexões sobre a própria condição. Essas reflexões, como apontado anteriormente, se fazem caminho fértil para a emancipação do pensamento, bem como para a reflexão dos modos de ser mulher.

Nessa direção, compreendemos a importância do encontro com a literatura em sala de aula.

Pode a literatura ser um instrumento de reflexão e emancipação?

6.4 Desconstruindo Amélia, desconstruindo-me...

Esse encontro teve por objetivo refletir acerca da condição das mulheres a partir da música. Portanto, levei a seguinte: *Desconstruindo Amélia* da cantora Pitty, para compartilharmos reflexões.

Em um primeiro momento, a partir de um conjunto de imagens (que serão detalhadas logo abaixo) que disponibilizei, pedi a cada participante que escolhesse a imagem que mais lhe afetasse. A partir da imagem, elas poderiam falar sobre si e dos motivos que as levaram à EJA. Segue, abaixo, a letra da música:

Desconstruindo Amélia

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende porque
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

(Composição e interpretação: Pitty)

Eliana, até então muito tímida nos encontros, resolveu compartilhar sua afetação. Por uma imagem que simbolizava uma família unida, Eliana disse que a sua era muito unida, e que a imagem produziu essa lembrança.

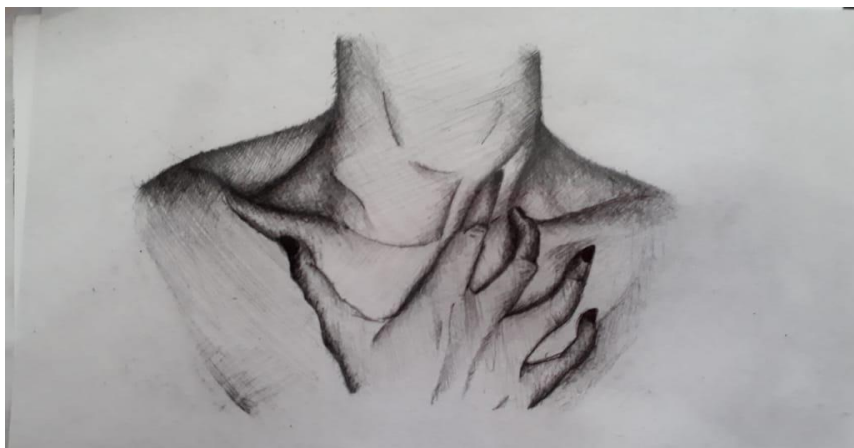
Figura 10 - Arte de Polyane Andrade



Fonte: *Sê-los* (Remetentes: Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José).

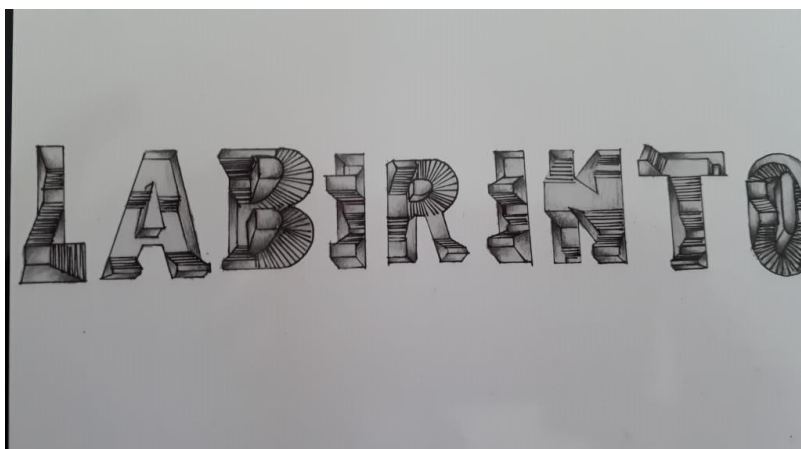
Jhenifer escolheu uma imagem que simbolizava sufocamento e disse que se sentia sufocada pela pressão da família. Após, falou da escolha da outra imagem, e que para ela simbolizava um labirinto, e relatou que se sentia assim, sem ter uma saída...

Figura 11 - Arte de Matheus Azolla



Fonte: *Sê-los* (Remetentes: Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José).

Figura 12 - Arte de Matheus Azola



Fonte: *Sê-los* (Remetentes: Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José).

Após o momento da partilha das imagens, ouvimos a música. Muitas questões saltaram-me aos olhos, nesse dia. Jhenifer e Eliana pouco participaram dos encontros anteriores. Conversamos a respeito da participação das mulheres na música, sobre os movimentos feministas, bem como sobre as afetações que a música produziu em cada uma. Questões, no que concerne à maternidade e à religião, foram preponderantes na discussão.

Após o momento de apreciação musical, perguntei às educandas sobre qual parte da música lhes havia chamado a atenção, e Jhenifer respondeu:

A minha tem que ser a parte do, bom vou falar de agora, das mulheres que conheço. As meninas aqui (referindo-se às educandas do projeto), pois eu nunca tive comunicação com pessoas mais velhas que eu, aqui tive a oportunidade de conhecer a história delas que é de deixar a gente de boca aberta (risos). O que chamou atenção foi o trecho “hoje aos trinta é melhor que aos dezoito, nem Balzac poderia prever”, que de fato é o que está acontecendo hoje em dia: as mulheres cuidam dos filhos e fazem o que tem de fazer, mas ainda tem um tempo para se divertir, de pensar nelas mesmas, de se cuidar. Não é como antes; antes era só filho, casa e marido, e não tinha tempo nem para elas, direito. (Jhenifer, 2018).

Mais que depressa, Eliana manifestou sua afetação:

Essa parte aqui que diz “que vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se cuidar”; gostei dessa frase. Porque tem muitas mulheres que não podem fazer nada disso, até hoje tem marido que não deixa, não pode se arrumar, porque acha que vai se arrumar para outro, que vai arrumar outro, essas coisas. Não pode sair, não pode fazer nada. Só o homem pode sair, porque é homem, mulher tem que ficar dentro de casa, acha que só tem de cuidar da

casa e de filho só. Graças a Deus que meu marido é assim, essa parte ele não gosta de sair, ele não sai de jeito nenhum, só que ele nunca me proibiu e me deixa ir onde eu quiser. Ele sempre cuidou do meu filho mais novo pra eu sair ainda. (Eliana, 2018).

Após o relato de Eliana, Jhenifer manifestou-se novamente: “É revoltante você ver uma mulher que não se dá ao valor, se deixa ser mandada pelo marido”. Nesse momento, Eliana disse que: “sair para trabalhar pode, mas para passear não pode?” Ao ouvir o questionamento de Eliana, Jhenifer, emocionada, conta a história de sua família:

Eu convivi com isso, porque a minha mãe sempre foi muito “capacho” do meu pai, mesmo ela sendo evangélica, não que evangélico seja perfeito, mas assim ela ia para a igreja e meu pai ia atrás dela, fazia barraco na frente da igreja, porque falava que ela saía com o pastor que estava “pegando” o obreiro e tal. Fazia um barraco e chegava em casa e batia nela. Com sete anos, eu vivia isso, e foi uma coisa assim que me marcou muito, assim foi um momento difícil pra mim, ter de ver várias vezes a minha mãe apanhando do meu pai, mas hoje eu levo como aquilo que eu não quero para a minha vida. E quando eu estava com o pai do meu filho, a gente acabou discutindo, e ele veio e me deu um tapa na cara. Foi a última vez que estive perto dele. Claro que a gente convive, porque temos um filho, mas eu disse que não queria mais; ele chorou e me enche o saco até hoje querendo voltar, mas eu falei que não quero um homem que bate em mim, nem se for por brincadeira. Tenho uma mágoa até hoje com o meu pai, por causa disso; ele aparece em casa só à noite, porque de dia ele fica com a outra família dele. É uma coisa que não aceito ser mandada por homem! Eu não sirvo para namorar. (Jhenifer, 2018).

Ao encontrarmos-nos com a música, aproximamos reflexões sobre a condição de vida das mulheres. Ao partilharmos vida, poesia e imagens, podemos refletir sobre tornar-se mulher em uma sociedade com o patriarcado arraigado na cultura.

6.5 *Respeita as mina*: uma reflexão sobre a música

Nesse encontro, conversamos acerca da música *Respeita as mina* da cantora Kell Smith. Iniciei o encontro falando sobre um conjunto de imagens e pedi a cada participante que escolhesse a que mais lhe marcasse. Segue, abaixo, a letra da música:

Respeita As Mina

Short, esmalte, saia, mini blusa
 Brinco, bota de camurça, e o batom? tá combinando!
 Uma deusa, louca, feiticeira, alma de guerreira
 Sabe que sabe e já chega sambando

Calça o tênis, se tiver afim, toda toda
 Swag, do hip hop ao reggae
 Não faço pra buscar aprovação alheia
 Se fosse pra te agradar a coisa tava feia
 Então mais atenção, com a sua opinião
 Quem entendeu levanta a mão

Respeita as mina
 Toda essa produção não se limita a você
 Já passou da hora de aprender
 Que o corpo é nosso nossas regras
 Nosso direito de ser
 Respeita as mina
 Toda essa produção não se limita a você
 Já passou da hora de aprender
 Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de ser

Sim respeito é bom bom
 Flores também são mas não quando são dadas
 Só no dia 08 03
 Comemoração não é bem a questão
 Dá uma segurada e aprende
 Outra vez saio e gasto um din, sou feliz assim
 Me viro ganho menos e não perco um rolezin
 Cê fica em choque por saber
 Que eu não sou submissa
 E quando eu tenho voz cê grita: "ah lá a feminista! "
 Não aguenta pressão arruma confusão
 Para que tá feio irmão!

Não leva na maldade não
 Não lutamos por inversão
 Igualdade é o "x" da questão, então aumenta o som!
 Em nome das marias, quitérias, da penha silva
 Empoderadas, revolucionárias
 Ativistas, deixem nossas meninas serem super heroínas!
 Pra que nasça uma joana d'arc por dia!
 Como diria frida: "eu não me kahlo! "
 Junto com o bonde saio pra luta e não me abalo
 O grito antes preso na garganta já não me consome
 É pra acabar com o machismo
 E não pra aniquilar os homens
 Quero andar sozinha porque a escolha é minha
 Sem ser desrespeitada e assediada a cada esquina
 Que possa soar bem, correr como uma menina
 Jogar como uma menina
 Dirigir como menina, ter a força de uma menina
 Se não for por mim, mude por sua mãe ou filha!

(Composição: Kell Smith/Rick Bonadio; Interpretação: Kell Smith)

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/kell-smith/respeita-as-mina.html>

Franciele escolheu duas imagens: uma, com coração e pessoas unidas, e disse que essa imagem fazia com que se lembrasse de uma família que conhecera em Minas Gerais, portanto, a imagem simbolizava o respeito; a outra, escolhida por ela, foi a de um homem na plantação, e disse que se lembrava do pai, quando ele trabalhava na plantação de arroz, e ela o ajudava.

Figura 13 - Arte de Aya Andrade sob fotografia de Derossy Araújo



Fonte: *Sê-los* (Remetentes: Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José).

Ágata escolheu uma imagem semelhante a fotos de pessoas antigas e, outra, com cores vivas e uma flor, mas não falou sobre os motivos da escolha.

Figura 14 - Fotografia de Derossy Araújo



Fonte: *Sê-los* (Remetentes: Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José).

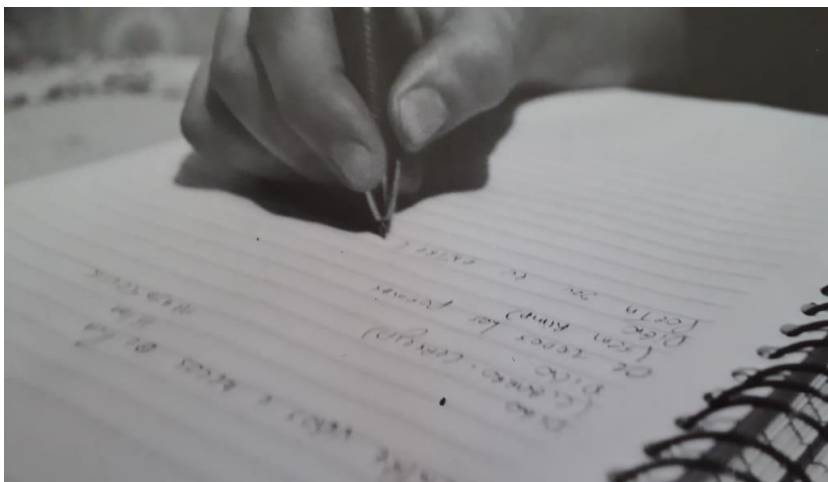
Figura 15 - Arte de Matheus Azola



Fonte: *Sê-los* (Remetentes: Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José.

Eliana escolheu a imagem de uma pessoa escrevendo e disse que simbolizava a sua conquista: voltar aos estudos!

FIGURA 16 - Autor desconhecido



Fonte: *Sê-los* (Remetentes: Daniel Leão, Derossy Araújo, Glauber Júlio, Isadora Gomes, Maíra Sampaio e Márcio José.

Esse encontro foi diferente dos outros, porque as participantes relataram suas histórias, sem terem ouvido a música. Após os relatos, ao final do encontro, escutamos e conversamos sobre a música. Franciele relatou a dificuldade de diálogo com o ex-marido, e que ele dizia que tinha sido criado assim. Ficamos sabendo que,

A maioria dos homens, por ser machista, eles não dá lado pra gente, eles não dão o direito da gente passar o que a gente sente. Em casa, eles não dão esse direito pra gente, é muito difícil um marido que senta e fala assim: amor, fala o que você está sentindo. O que aconteceu com você, por que você está chateada? Muito difícil um marido que é desse jeito. E isso aí, acaba acontecendo o que aconteceu comigo. (Franciele, 2018).

Após o relato de Franciele, falei acerca das questões que são passadas para a gente e de como a cultura influencia o nosso modo de pensar. Portanto, o machismo é arraigado e reforçado em nossa cultura. Nesse momento, Franciele complementou o seu relato dizendo:

Mas essa parte que você está falando, o que eu entendi sobre o que você está falando. É que é assim, ele foi criado neste sistema, lá na casa dele, antes de casar, né? Isso aí eu entendi. Porque lá na família do meu ex-marido, todos eles são iguais nesta parte (referindo-se ao machismo); realmente vem de lá, o próprio pai e a própria mãe ensinou isso. Foi aquele pai que não abraçava, não beijava. Por exemplo, eu e ele (referindo-se ao ex-marido), nós fomos casados vinte e três anos, e eu sou muito carinhosa. Quando só casa, arruma uma família, tipo meus filhos eu não planejei, eu era muito nova e, como o povo fala, eu não tinha televisão para se divertir. Eu tinha dezesseis anos e fui tendo um filho atrás do outro. (Franciele, 2018).

Mais que depressa, Ágata compartilhou sua opinião:

Eu aceitei tanta coisa para viver com o meu marido. A situação que a gente enfrenta dentro de casa, a gente aceita, né? Infelizmente é isso. Já deixei ele duas vezes, mas voltei. Agora, se eu deixar ele, eu não volto mais. É muita coisa, eu fui morar com ele, com dezesseis anos; ele tinha uns trinta e pouco. Ele veio pra cá, depois eu vim (referindo-se à mudança para Rio Claro), mas ele chegou aqui e arrumou uma “piriguete”. Todo mundo sabia, menos eu. Aí começou a discussão, ele chegou a me bater. Eu fiz B. O. contra ele. Eu sei que passou, né? Eu fui para a casa de uma colega, e depois tivemos uma outra briga, ele me cortou, e tive de levar cinco pontos na mão. (Ágata, 2018).

Quantas mulheres próximas de nós têm uma situação parecida com a de Ágata?

Após esse momento, ouvimos a música. Mais que depressa, Ágata disse: "essa música me lembra o programa: Manos e Minas, que fala essas mesmas letras, de igualdade de direitos." (Ágata, 2018).

Após a fala de Ágata, relatei acerca dos movimentos feministas:

Nesta época, as mulheres começaram a perceber que eram tratadas com inferioridade. Não tinham direito de votar, chegavam em casa e tinham que fazer todo o serviço doméstico, e, neste momento, originou-se o movimento das sufragistas, que foi a luta de um grupo de mulheres pelo direito ao voto. Elas enfrentaram preconceito por manifestarem e reivindicarem seus

direitos. O que é uma feminista? A mulher que luta pela igualdade de direitos.

Após concluir minha fala, Ágata disse: “Ainda hoje a mulher ganha menos que o homem, né?” (Ágata, 2018). Franciele, mais que depressa, disse:

Eu penso assim, não os direitos iguais, iguais, iguais. A mulher nunca vai ter. Nem na parte do trabalho, porque, tipo assim, se a gente for ver com uma visão, tem muita mulher hoje em dia que faz musculação e tudo e acaba chegando até o nível de força igual de homem; a mulher nunca tem uma força igual do homem, isso é de natureza divina de Deus, isso aí é do tempo dos antepassados, pois foi criado por Deus. Quem crê na bíblia e pega ela pra ler, vai entender essa parte aí, quando foi feito o homem e a mulher. Por exemplo, quando Adão e Eva traíram a confiança de Deus, quando a serpente apareceu e fez Eva comer a maçã, e Adão acabou comendo, e Deus falou pra Adão que ele trabalharia de dia e de noite, sol a sol, para não ser pesado a ninguém a vida dele, e Eva por ter acreditado na serpente, ela teria dores de parto, e a serpente seria rastejante. (Franciele, 2018).

Perguntei para as participantes sobre qual a parte da música que mais as havia marcado. Franciele disse: “eu achei importante a parte que ela fala que o que ela faz não é para os outros, mas pra ela. Tipo: ela se arruma pra ela, ela se sente bem pra ela, não é para os outros, que ela está fazendo isso aí. Ela luta por ela”. (Franciele, 2018).

Eliana disse que o trecho “respeito é bom, flores também” foi marcante, porque isso é uma verdade: “mulher tem de respeitar todo tempo, não só nas datas de dia da mulher, aniversário”.

É forte ouvir esses relatos de vida. A construção deste trabalho pode ser a possibilidade de refletirmos na história da mulher contada por essas mulheres. Quanto ao encontro, percebemos que a música disparou reflexões, e as mulheres puderam partilhar um pouco mais de suas histórias.

6.6 Partilhando afetos: *Quarto de despejo*

Nesse encontro, através da leitura de trechos da obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, partilhamos afetos e leituras de mundo.

Primeiramente, selecionei alguns trechos da obra e entreguei às educandas. Relatei sobre ela e acerca de como o livro foi publicado, e que Carolina escrevia em seu diário

cotidianamente e que nunca teve intenção de publicá-lo. Os diários foram descobertos pelo jornalista Audálio Dantas, que resolve publicá-los.

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. Eu não ia comer, porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu, quando estou com fome, quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. (JESUS, 2014, p. 33).

Acima, na leitura do trecho do diário de Carolina, realizada por Ágata, Franciele demonstrou espanto, ao ouvir que Carolina passava fome, e disse que, quando criança, ela e seus irmãos recolhiam a comida do lixão para se alimentarem. Após Franciele contar mais um pouco de sua história, Naná realizou a leitura do trecho abaixo:

Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão, eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela, que levam a vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes, e as condições que eles me impunham eram horríveis. (JESUS, 2014, p. 16)

Ao terminar a leitura do trecho, Naná complementou dizendo: “Meu Deus, que vida é essa?”. Ágata alegou que a violência física acontecia com a maioria das mulheres e que já acontecera com ela.

Após a leitura de todos os trechos, realizei a pergunta: na opinião de vocês, como era a vida de Carolina?

Franciele disse: “Eu acho que em partes, ruins, e em partes, não muito ruins”. Após, Jhenifer disse: "Não, na parte do jeito que ela vive é horrível, mas o fato que ela falou que era melhor ser solteira do que mal acompanhada." (Jhenifer, 2018). Nesse momento, Franciele complementou:

Ela comenta que as outras mulher era escrava dos marido e ela não era escrava, pelo menos isso ela não era. Ela era dona de si, mandava em si, era sofrida a vida dela, porque tinha os filhos e tinha que manter os filhos dela, mas ela não era escrava de marido! Ela podia viver a vida dela sossegada. (Franciele, 2018).

Ao refletir sobre a vida de Carolina, Jhenifer disse que: "era liberdade isso! Ela era livre, e a nossa liberdade ninguém compra." (Jhenifer, 2018). Nessa direção, Franciele

complementa: "Não tinha homem pra bater nela, pra judiar dos filhos dela, pra obrigar ela a fazer as coisas."

Ao ouvir as participantes falarem sobre a vida de Carolina, comentei que a própria autora dizia que não gostaria de se casar, pois suas vizinhas sofriam violência física. E perguntei a elas sobre quais trechos lidos lhes chamaram a atenção. Franciele respondeu: "eu acho que é porque ela tinha que trabalhar todo dia, ela não podia ficar em casa nenhum dia, porque ela tinha que cuidar dos filhos dela. E dependia dela, né, o que mais marcou que ela não tinha ninguém para fazer por ela." Ágata disse: "não tinha trabalho fixo, tinha que trabalhar todos os dias. Nessa direção, Franciele complementa suas reflexões:

Por ser negra, talvez ela não arrumaria serviço também, porque naquele tempo, hoje tem racismo, mas tem lei que tem que dar trabalho para as pessoas negras; naquele tempo tinha racismo, a única coisa que elas faziam talvez era lavar roupa em casa, que as madames dava para elas, então ela não conseguiria nunca um emprego, né? Aí que ela tinha que fazer era reciclagem, ou ser prostituta, coisa que ela não quis e preferiu uma vida honesta trabalhando para tratar dos filhos dela. Que ela poderia vender o corpo dela se ela quisesse, né, mas ela não quis isso daí né? (Franciele, 2018).

A partir das reflexões das educandas, percebemos que questões de várias ordens podem ser elencadas, para refletirmos sobre o que foi apontado pelas participantes, nesse encontro. A questão da fome se fez marcante, e elas pontuaram uma questão relevante, quando lemos a obra: Carolina não tinha marido e não sofria violência. As concepções acerca da prostituição e de como vemos essas mulheres foram apontadas pelas participantes, em que o ato de prostituir-se não era considerado como um exemplo de vida honesta.

Franciele pontuou a questão de Carolina ser uma mulher negra, motivo pelo qual não arrumava um emprego fixo. As mulheres se identificaram com a obra, rememoraram o passado e poetizaram a vida. O que pode o encontro com uma obra que nos afeta?

Nessa direção, Larrosa (2003), ao trazer a reflexão sobre a leitura, afirma que:

Na leitura da lição não se busca o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar. Por isso, depois da leitura, o importante não é que nós saibamos do texto o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto- nós sejamos capazes de pensar. (Larrosa, 2003, p. 142).

Compreendemos que o encontro com a leitura não é a busca pelo que o texto sabe, mas a reflexão sobre o que o texto nos leva a pensar. Podemos observar esse processo no

trabalho que aqui se apresenta. Os textos literários trabalhados nas oficinas possibilitaram que as mulheres participantes refletissem sobre a própria condição, no exercício do movimento do pensamento.

6.7 Oficinas poéticas na Educação de Jovens e Adultos: proposta metodológica

A partir das leituras realizadas e músicas compartilhadas, algumas reflexões se fizeram essenciais na elaboração deste capítulo. A possibilidade da (re-)invenção de si, no encontro com a leitura, e da música e da imagem, com a reflexão da própria condição, foram os movimentos poéticos deste estudo. Nessa direção, alguns apontamentos metodológicos para o ensino na EJA se fazem primordiais, enquanto caminhos propositivos e possibilidades.

Em um primeiro momento, ressalto a importância da preparação e do estudo que antecedem o momento das oficinas. A professora, nesse espaço, tem um papel fundamental: é quem prepara, estuda e propõe. Nesse caminho, Larrosa (2003) aponta que o professor é aquele que seleciona o texto para a lição e, ao abrir o livro, o remete, assim como uma carta ou um presente. Ficamos sabendo que,

Da mesma forma que aquele que remete um presente ou uma carta, o professor sempre está um pouco preocupado para saber se seu presente será aceito, se sua carta será bem recebida e merecerá alguma resposta. Uma vez que só se presenteia o que se ama, o professor gostaria que seu amor fosse também amado por aqueles aos quais ele o remete. (LARROSA, 2003, p. 140).

Ao preparar as oficinas, pude ir ao encontro do conhecimento e das reflexões pertinentes à condição da mulher. Enquanto professora-pesquisadora, acredito que a preparação e o planejamento, no exercício da docência, são um ato de conhecimento e de pesquisa. A professora é a profissional que forma, ao apontar caminhos e direções, e se forma, no exercício constante da reflexão sobre a própria prática.

Ao nos depararmos com as reflexões de Larrosa (2003), compreendemos que o professor, ao selecionar um texto para leitura, assim como no envio de uma carta, espera respostas dos que receberão o presente. Ler não é uma obrigação e, sim, uma dívida e uma tarefa que acontecem por intermédio da ação docente. No presente estudo, realizamos as oficinas poéticas com mulheres na EJA, portanto, e nessa direção, defendo o papel intelectual da professora ao viabilizar esse encontro leitura, com vistas à emancipação intelectual dos alunos.

Outro apontamento possível, a partir do trabalho realizado, é o de que a professora pode indicar caminhos e direções, com vistas à emancipação intelectual dos alunos. No ensino-aprendizagem, tal postura docente pode transformar os processos didáticos em sala de aula. Acredita-se que emancipar é deixar que nossos educandos possam ir ao encontro do conhecimento. Nessa direção, Rancière (2002), em sua obra *O mestre ignorante*, traz reflexões importantes para indagações sobre aquilo em que já estamos acostumados a acreditar, quanto aos moldes do ensino-aprendizagem. O autor, ao elucidar a história de Joseph Jacotot, nos traz preciosas reflexões, com vistas às práticas de emancipação e libertação. Ficamos sabendo que

A experiência pareceu suficiente a Jacotot para esclarecê-lo: pode-se ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno; isso é, que se force o aluno a usar sua própria inteligência. Mestre é aquele que encerra uma inteligência em um círculo arbitrário do qual não poderá sair se não se tornar útil a si mesma. Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos, emancipados; isso é conscientes do verdadeiro poder do espírito humano. (Rancière, 2002, p. 27).

Nesse sentido, cabe a indagação: pode a professora ser aquela que emancipa? Ao negar respostas prontas, com vistas à explicações, pode a professora ser aquela que aponta caminhos? A mestra que emancipa? Podemos considerar tais reflexões para o ensino na EJA?

As coisas estavam, portanto, muito claras: não se tratava aí de um método para instruir o povo, mas da graça a ser anunciada aos pobres: eles podiam tudo o que pode um homem. Bastava anunciar. Jacotot decidiu consagrar-se a isso. Ele proclamou que se pode ensinar o que se ignora e que um pai de família pobre e ignorante é capaz, se emancipado, de fazer a educação de seus filhos sem recorrer a qualquer explicador. E indicou o meio de se realizar esse Ensino Universal: aprender qualquer coisa e a isso relacionar todo o resto, segundo o princípio de que todos os homens têm igual inteligência. (Rancière, 2002, p. 30).

O autor ainda afirma: “Quem ensina sem emancipar, embrutece. E aquele que emancipa, não tem que se preocupar com aquilo que o emancipado deve aprender” (2002, p. 30). Trazendo essa reflexão para o ensino na EJA, temos que a educadora pode ser aquela que possibilita o encontro da educanda com o conhecimento. Pode ser a mestra que emancipa...

Nos limites deste estudo, o trabalho com oficinas indica alguns caminhos de emancipação intelectual e movimento do pensamento. As mulheres participantes do estudo, ao se encontrarem com a música, a literatura e as imagens, puderam refletir sobre a própria condição. Rancière (2002) afirma que é possível ensinar o que se ignora, desde que se

emancipe o aluno. Nessa direção, compreende-se que quem viabiliza o encontro com o conhecimento é a professora. A partir da leitura, temos que a docente indica caminhos e mostra direções, tornando-se emancipadora, enquanto aquela que explica gera a ordem do embrutecimento, ligando uma inteligência a uma outra inteligência. Nesse caminho, reconhecer a tarefa docente como emancipatória é compreender a complexidade dessa atividade profissional e os seus desafios metodológicos.

Acrescenta-se a isso Paulo Freire (1996) e suas reflexões e apontamentos acerca da docência e discência. Do ponto de vista democrático, o autor aponta a interdependência do processo de ensinar e aprender. Consta que

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (FREIRE, 1996, p. 23).

Portanto, embasando-me em reflexões freirianas, acredito e defendo que quem ensina aprende, e quem aprende sempre ensina algo. Essa relação democrática e política que se estabelece em um ensino possibilita a emancipação e se faz primordial nas reflexões e currículos para as turmas da EJA no Brasil. Nessa direção, se faz necessária a mobilização, para que os currículos municipais de EJA (re-)pensem suas práticas e concepções, com vistas a um ensino que emancipa. Nessa direção, Paulo Freire (1996) salienta a importância de que os educandos mantenham vivo em si o gosto pela rebeldia. Ficamos sabendo que

O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto pela rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar. (FREIRE, 1996, p. 25).

Compreende-se que as oficinas realizadas indicam caminhos e possibilidades metodológicas para o ensino na EJA e vão ao encontro do que entendemos por uma educação outra, em que o diálogo acontece, em que as perguntas se movimentam em um constante arriscar-se, e aventurar-se...

Nessa direção, Miguel Arroyo (2001) aponta que a educação de jovens e adultos reflete os movimentos populares e culturais da época. Sendo assim, o objetivo dos educadores

progressistas foi o de captar, nesses movimentos, os sentidos humanos, culturais e pedagógicos. Miguel Arroyo aponta que

Os saberes e competências escolares não são ignorados. Eles reencontram outro horizonte quando vinculados aos processos de humanização, libertação, emancipação humana. Os conteúdos curriculares não são os mesmos. A alfabetização, por exemplo, adquire outra qualidade, onde a apropriação da leitura se vincula com uma nova condição humana, com a capacidade de se envolver e participar em novas práticas políticas, sociais e culturais. (ARROYO, 2001, p. 19).

Portanto, o entrelaçamento entre alfabetização de adultos, libertação e emancipação é a marca do ensino na EJA. A realidade de exclusão dos educandos da EJA, no Brasil, possibilitou que as experiências e os conteúdos em salas de aula pudessem embasar-se na realidade dos sujeitos. Tal afirmação permite que possamos considerar as oficinas temáticas, realizadas neste estudo, como um trabalho pedagógico que pode se aproximar da realidade das educandas, com vistas a um ensino que emancipa e liberta.

DEVANEIOS-CAMINHANTES *****

UM CORDEL A CAROLINA

*Nesses versos vou falar
De Carolina Maria
de Jesus, negra escritora,
mulher que desbravaria
o mundo pela palavra:
duro lirismo traria.*

*Começava a Primeira
Grande Guerra Mundial
Quando nasceu Carolina
Num Brasil bem desigual:
Poucos eram muito ricos
E os demais ganhavam mal.*

*Nasceu em Minas Gerais,
Cidade de Sacramento;
os pais não sabiam ler,
mas ganhavam pro sustento.
Irrequieta, Carolina
não parava um só momento.*

*Começou os seus estudos
Quando tinha 7 anos;
Aprendeu depressa a ler
e a escrever sem enganos,
mas ficou pouco no escola:
a vida tinha outros planos...*

(BARJA, Paulo Roxo. 2017, p. 7)

Aquilo que ainda vai ser depois – é agora. Agora é o domínio de agora. E enquanto dura a improvisação eu nasço. E eis que depois de uma tarde de “quem sou eu” e de acordar à uma hora da madrugada ainda em desespero – eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei. Fui ao encontro de mim. Calma, alegre, plenitude sem fulminação. Simplesmente eu sou eu. E você é você. É vasto, vai durar. O que te escrevo é um “isto”. Não vai parar: continua.
(Clarice Lispector 1998, p. 95)

7 LINHAS POÉTICAS DE VIDA: COSTURANDO NARRATIVAS

Neste capítulo trouxemos algumas das narrativas de Franciele, Jhenifer, Ágata, Naná e Eliana, com a intenção de aproximarmos sentidos, significados e leituras sobre a condição da mulher, bem como o olhar de cada participante sobre os modos de ser mulher.

A nossa história, a forma de olhar para o mundo e a maneira de percebê-lo revelam a nossa singularidade, o nosso encontro com o que nos afeta e nos perpassa...

A leitura de mundo (FREIRE, 1989) se fez poética nas oficinas, em que as mulheres puderam contar suas histórias e revelar suas percepções. Portanto, as oficinas foram momentos de criação e (re-)invenção...

Narrar a própria história, refletir acerca da vida, escrever sobre si. Quantas mulheres, no passado, puderam revelar sobre si?

Um dos fios políticos que se tece e se costura nesse estudo, dentre tantas fontes de informação e reflexão, é o direito de contar a própria história. Se observamos a presença das mulheres nos textos, também notamos a sua invisibilidade, que se perpetuou durante muito tempo. Nessa direção, Tiburi (2018) nos traz reflexões pertinentes acerca dos discursos produzidos pelos homens, bem como a quantidade limitada de registros das mulheres do passado. Ficamos sabendo que

Tudo o que sabemos sobre as mulheres primeiro foi contado pelos homens. Da filosofia à literatura, da ciência ao direito, o patriarcado confirma a ideia de que todo documento de cultura que restou é um documento de barbárie. Demorou para que as mulheres conquistassem o seu lugar de fala, o seu direito de dizer o que aconteceu, o seu direito de pesquisa e memória. (TIBURI, 2018, p. 48).

Nesse caminho, compreende-se que o patriarcado não possibilitou o diálogo entre os gêneros, corroborando para o que entendemos como violência simbólica (BOURDIEU, 2016). Nessa direção, Perrot (1989) traz algumas reflexões sobre a narrativa histórica tradicional. A partir do privilégio da cena pública (a política, a guerra), os registros escritos por mulheres ficaram invisibilizados, e essa ausência na história se deu pela carência das fontes devido à falta dos registros primários. Fica registrado que,

No século XIX, por exemplo, os escriturários da história- administradores, policiais, juízes ou padres, contadores da ordem pública- deixam bem poucos registros que digam respeito às mulheres, categoria indistinta, destinada ao silêncio. Quando eles o fazem nas ocasiões em que notam a presença das mulheres em uma manifestação ou reunião, recorrem aos estereótipos mais batidos: mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca, histéricas do momento em que gesticulam. (PERROT, 1989, p. 9).

Assim, as representações acerca dos modos de ser mulher, cristalizadas pelo patriarcado, confinaram-nas nos intramuros da domesticidade, durante muitos anos. Portanto, pouco conhecemos dos registros das mulheres do passado.

É por meio de movimentos poéticos e de resistência, que mulheres conquistam o direito de registrar suas histórias. De fato, narrar a própria história, dizer o que aconteceu, a partir do nosso olhar, é uma conquista. E nós continuamos na luta pela igualdade...

7.1 Só que ele nunca liberou eu para estudar, ele nunca me liberava para nada na vida!

Franciele, mulher de trinta e nove anos, que se casou ainda muito jovem, relata os embates que enfrentara, por ter o sonho de estudar:

Porque eu era presa! Não podia fazer nada, era presa dentro da minha própria casa, pelo meu marido! Quando eu casei, era muito nova, tinha dezesseis anos, e meu sonho sempre foi estudar. Só que ele nunca liberou eu para estudar, ele nunca me liberava para nada na vida. Ele só queria que eu fizesse o que ele queria, então ele fez eu viver a vida dele e abandonar a minha vida para viver a vida dele. Então, eu vivi vinte e três anos a vida do meu marido, e a minha ficou para trás. Ai eu cansei! Eu pedia, pedia, pedia e pedia, e ele não liberava. Ele falava que ele tinha casado com dona de casa, com cozinheira, não foi com aluna não! Aí eu cansei, arrumei as minhas coisas e vim embora! E agora eu estou estudando e quero fazer até o terceiro ano e, se Deus preparar, quero fazer alguma coisa da minha vida. É meu sonho, só de estar em uma sala de aula pra mim já é demais! (Franciele, 2018).

Ao nos depararmos com a história de Franciele, podemos tecer algumas indagações-reflexões, como: quais as percepções do mundo social seu marido possuía? Quais práticas culturais atravessam gerações e influenciam a maneira como construímos o mundo em que vivemos?

Ao conversarmos a respeito do conto *Uma galinha*, da autora Clarice Lispector, Franciele afirma que as mulheres sempre foram oprimidas,

É que a mulher sempre foi oprimida, sempre teve de aceitar tudo o que os outros impunha pra ela, né? Naquela época dos meus avós mesmo, minha mãe sempre contava dos meus avós, até minha mãe mesmo, minha mãe sofreu demais, e era o que o homem falava, o homem falava, impunha, ela tinha que aceitar. Ou era aquilo, ou não era nada. Tipo: se fosse sair, tinha que sair ao lado do marido, não podia sair sozinha, ou saía com o marido, ou ficava dentro de casa trancada. E era desse jeito, com o tempo, hoje não, cada um toma banho, se troca, se arruma e vai pra onde quer. Não, não é assim, professora! Eu era mesmo, igual antigamente. (Franciele, 2018).

Franciele ainda complementou, relatando acerca do que mais lhe marcou na música *Respeita as Mina*, e rememorou um pouco mais sobre sua vida:

Eu achei importante a parte que ela fala que o que ela faz não é para os outros, mas pra ela. Tipo, ela se arruma pra ela, ela se sente bem pra ela, não é para os outros que ela está fazendo isso aí. Ela luta por ela. É a parte que eu achei mais importante. Porque realmente é o que a gente tem que ser, por exemplo, eu, quando decidi fazer (se referindo ao divórcio), eu decidi fazer por mim, não foi por ninguém. Não foi por pai, por filho, por mãe, por irmão! Foi por mim! Eu tinha desejo de estudar, ele nunca ia deixar estudar. No tempo que eu larguei e vim embora, e ela queria que eu voltasse, ele impôs coisas piores do que eu já vivi dentro de casa; ele falou que até meu celular eu não teria mais, se eu voltasse. Ele impôs muita coisa que eu achava que não estava certo. Pois ele, na cabeça dele, no ciúme dele, ele imaginava que eu seria uma mulher de qualquer jeito. (Franciele, 2018).

Eliana relatou sua experiência dentro de casa e suas percepções acerca da condição da mulher,

Porque tem muitas mulheres que não podem fazer nada disso, até hoje tem marido que não deixa, não pode se arrumar, porque acha que vai se arrumar para outro, que vai arrumar outro, essas coisas. Não pode sair, não pode fazer nada. Só o homem pode sair, porque é homem, mulher tem que ficar dentro de casa, acha que só tem de cuidar da casa e de filho, só. Graças a Deus que meu marido não é assim, essa parte ele não gosta de sair, ele não sai de jeito nenhum, só que ele nunca me proibiu e me deixa ir onde eu quiser. Ele sempre cuidou do meu filho mais novo pra eu sair ainda. (Eliana, 2018).

Jhenifer, por sua vez, relatou suas percepções acerca da religião:

Eu sou evangélica e até no negócio de religião tem isso né, bíblico tem que ser submissa ao marido, começou isso há anos lá (se referindo ao passado). Na Assembleia de Deus é a que mais fala, submissa é shorts nem calça, nada (se referindo as roupas que as mulheres não devem vestir). Mesmo sendo evangélica eu tinha minha visão contra isso, tá na bíblia, tem que seguir a bíblia, perfeito. Mas por que isso? Não faz sentido! E eu sempre tive isso, as pessoas dizem “mas tem cara que tem ciúme”. Eu, eu jamais, submissa, não! Respeitar é uma coisa, você ter um respeito, tipo: “vou comprar um carro”, vou avisar meu marido antes. Isso vem de berço evangélico, mas eu sempre fui contra. Acho que desde pequena eu tinha essa mente, sabe? Ou quando fala também que é bíblico você casar, se você for espancada, você não pode largar do seu marido. Só pode largar se ele te trair. (Jhenifer, 2018).

Nesse caminho, Jhenifer ainda complementa:

Eu já vi casos de pessoas que chegou para o pastor para falar que apanhou do marido. E ele: “não, vai orando” (se referindo à resposta do pastor). A minha mãe mesmo, o pastor falava: “vai orando”, e ela orava, orava e orava e chegava da vigília, surra! (se referindo à violência física que sua mãe sofria) Ela falava para o pastor: “ele bateu em mim”, e ele falava: “vai orando”. Não duvidando da capacidade de Deus em momento algum, mas pra quê ficar se machucando? Deus não quer uma pessoa triste. Eu tenho isso pra mim, Deus não quer uma pessoa triste. (Jhenifer, 2018).

Diante do relato de Jhenifer, algumas indagações se fazem potentes-pulsantes: por que as mulheres devem ser submissas? Quando esses discursos se iniciam e se instauram?

7.2 A mulher chega em casa, não dá tempo nem de tomar um banho, às vezes chega e já vai para a beira do fogão, já vai colocando roupa na máquina...

Franciele relatou, em um dos encontros, que ser “doméstica sem salário é complicado”:

Os meus filhos tudinho, eu dava o prato na mão deles também. Mesmo com raiva, mas chega uma hora que a gente cansa, né? A gente quer viver pra gente também, não é só viver ali, eu falava pra eles, que eles tinha eu como uma doméstica sem salário. Porque hoje eu sou doméstica, mas eu tenho salário por mês! Trabalho com prazer, mas doméstica sem salário é complicado! Lavar, passar e cozinhar para cinco pessoas, como eu fazia em casa, e não ter o direito de nada? É complicado. (Franciele, 2018).

Franciele ainda compartilhou algumas lembranças da vida que levava:

Por isso que eu não quero mais casar! Para ser doméstica de novo? Lavar cueca de novo? (risos) Há um ano atrás, eu falava pra ele: “se você não mudar, eu vou embora”, eu falava que eu iria embora, mas não faria como a cunhada dele, porque ela se separou três vezes e voltou com meu cunhado. Eu falava que quando colocasse a mala em cima da cama, eu iria embora e não voltaria nunca mais. Ele me disse que nunca acreditou que eu fizesse isso! Mas a gente cansa, a gente realmente não tem o perfil para fazer, mas a gente tem coragem e capacidade. Ele não me tratava mal, ele nunca me bateu, nunca me traiu, muito crente (se referindo a que o ex-marido era religioso), mas deixou a desejar, que era a prisão, uma coisa que a mulher não quer só o resto da vida, ali ,só aquilo. Eu tinha vontade de trabalhar, viver a minha vida, ter o meu dinheiro. (Franciele, 2018).

Outra questão trazida por Franciele é a percepção das próprias mulheres a respeito das atividades domésticas, referindo-se à “missão” das mulheres:

Eu levanto cinco horas da manhã, eu chego em casa às 14:30 do serviço, ponho roupa no varal, tiro roupa, dobro roupa, passo roupa, organizo. Eles acham que a gente não tem canseira. Meu filho mesmo, diz: "mãe, vai lá fora pegar uma cueca pra mim", "pega aquela camisa pra mim", "mãe, arruma este tênis pra mim". Ai eu falo: engraçado, se a gente falar para você ir pegar um copo de água na cozinha, você diz que está cansado. Olha a diferença do homem pra mulher: a mulher acha essa canseira, mas ela sabe que aquilo ali é dela, é missão que ela tem. (Franciele, 2018).

Essa frase me deixou instigada a saber mais da questão da “missão” das mulheres, e nesse instante perguntei à Franciele: você acha que é missão, ou que é passado para a gente? Rapidamente ela respondeu:

Na verdade, sim, né! Até um tempo atrás, eu achava que era uma obrigação da mulher. Até um ano atrás, eu achava que a minha obrigação era viver o resto da vida com o meu marido, lavando, passando, cozinhando e dando tudo na mão dele. Eu já não penso mais assim. O homem, se você for ver, eles trabalha muito, mas eles dão trabalho! O marido sai às sete horas da manhã, trabalha oito horas por dia ou seis, chega em casa, toma um banho, se deita e vai dormir. A mulher chega em casa, não dá tempo nem de tomar um banho; às vezes, chega e já vai para a beira do fogão, já vai colocando roupa na máquina, vai tirando as do varal e dobrando, para colocar na mesa de passar roupa, e não para um minuto. (Franciele, 2018).

7.3 Não é que ele não deixava eu estudar, mas ele também não ajudava, não ficava com o menino para eu vir para escola...

Na oficina em que apreciamos a música *Descontruindo Amélia*, Jhenifer relatou acerca dos motivos que a levaram a interromper os estudos,

[...] Ai eu falei: "beleza, né! Já que não dá mais, eu vou pegar, vou sair e volto no outro ano! Ai, quando pensei em voltar no outro ano, acabou a quinta série na escola que eu estudava, e daí foi quando começou a ter quinta série nesta escola, só que era com um monte de criança. Já não era mais do mesmo tamanho, e eu sempre fui maior. Ai fiquei esperando para fazer o EJA. Comecei a cuidar dos meus sobrinhos, e minha irmã pagava pra mim,; eu olhava três crianças à tarde inteira, tinha o meu dinheiro. Comecei a trabalhar com a minha tia na mercearia dela, comecei a namorar também; meu pai aceitou tudo. Comecei a trabalhar com treze anos, fiquei um ano na mercearia da minha tia e acabei engravidando! Eu estava esperando os quinze anos para começar a fazer o EJA, né, ai acabei engravidando e não contei para ninguém que eu estava grávida. (Jhenifer, 2018)

Nesse instante, perguntei à Jhenifer: após esse momento, você não procurou mais os estudos? E ela respondeu:

Não, ai não procurei. Fiquei com o pai do meu filho. Não é que ele não deixava eu estudar, mas ele também não ajudava, não ficava com o menino para eu vir para escola. Ai também teve o problema da minha mãe, que eu tive que cuidar dela e não deu muito certo. (Jhenifer, 2018).

Nessa mesma oficina, ao falarmos a respeito da maternidade, perguntei às educandas: vocês acreditam que ser mãe faz com que venhamos a interromper os estudos? Jhenifer, mais que depressa, respondeu:

Sim, em alguns casos. Porque eu não tinha com quem deixar ele, e o pai dele trabalhava, e não tinha nem como pensar em voltar para a escola. Eu acabei que não deu pra voltar mesmo, não tinha com quem deixar ele e deixar a minha mãe. E me acostumei, fiquei nesse buraco por um bom tempo. Três anos, meu filho tem quatro anos! E eu vim estudar agora, é muita responsabilidade, eu costumo falar que as pessoas às vezes fantasiam muito essa coisa de ser mãe. Eu não me arrependo de ter o meu filho, não sinto raiva dele nem nada, eu amo meu filho, totalmente pelo contrário. Mas tem pessoa que sabe é ótimo ser mãe, é mil maravilhas, e você tem que deixar de pensar em você várias vezes para pensar naquela criança. Tem que deixar de fazer várias coisas que você gosta, por aquela criança. (Jhenifer, 2018).

Eliana, por sua vez, relata que a maternidade não impede que nenhuma mulher venha a interromper os estudos:

Eu acredito que não, mesmo quando tive meus filhos, eu trabalhava. Só o mais novo que não, porque quando tive os dois mais velhos, eu deixava com a minha mãe. Quando nasceu minha filha mais velha, eu parei de trabalhar, mas é porque a minha mãe morava longe. Porque não tinha ninguém, era só eu, e a gente precisa de uma pessoa, né? Ai, quando ela nasceu, eu entrei em desespero: “como eu vou cuidar dessa criança”? Mas depois passou. (Eliana, 2018).

7.4 Adentrando caminhos: aproximando reflexões, sentidos e significados...

Algumas aproximações com autores fizeram-se preponderantes, para compreensões acerca das práticas discursivas que permeiam a temática que aqui se apresenta. Portanto, nos limites desse estudo, pode-se aproximar sentidos e significados dos modos de ser mulher, que ultrapassam gerações. Nessa direção, Chartier (2002, p.17) traz algumas reflexões sobre as percepções do mundo social. O autor afirma que tais imposições são produzidas por discursos que não são neutros. Ao produzir estratégias e práticas, alguns grupos tendem a impor suas concepções, valores e domínio sobre outros grupos. Ficamos sabendo que

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Ao seguir certos padrões de submissão impostos desde o início do patriarcado, as mulheres estão de acordo com a “ordem das coisas”. São naturalizados discursos que ditam regras no que concerne ao feminino (mulher nasceu para ser mãe, mulher deve ser dona de casa), e imposições nos chegam como inerentes a ele, portanto essa lógica de domínio dispensa uma justificção. Nesse caminho, Bourdieu (2016, p. 21) afirma que,

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas” como se diz por vezes falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado das coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2016, p. 21).

O autor caracteriza o que vem a ser a violência simbólica: é uma violência suave, invisível, e até mesmo insensível; ela não vem com alarde. A partir da imposição de uma dominação masculina, cristalizam-se discursos que, conseqüentemente, resultam em uma

violência simbólica. Através de representações cristalizadas no imaginário das pessoas, podemos avançar nas indagações e reflexões acerca do feminino. Nessa direção, Tedeschi(2012) trata das representações acerca do corpo feminino, e que carregam grande influência dos filósofos. Platão e Hipócrates argumentavam, pautados em Aristóteles, que a inferioridade das mulheres era proveniente do corpo “frio”, sendo elas, portanto, frágeis por natureza, motivo pelo qual deveriam ficar presas nos intramuros da domesticidade. A cultura grega cristalizava a ideia de que a constituição biológica das mulheres (a menstruação e o útero) era um impeditivo para a sua participação na vida pública:

A persistência dessas crenças denegriu aqueles processos e órgãos exclusivos das mulheres. As crenças sobre o útero e a reprodução eram as mais relatadas pelo olhar e pelo discurso filosófico. A teoria Aristotélica matriz desse discurso insistia que a distinção da masculinidade estava pautada no imaterial; como naturalista, acabou com as distinções orgânicas entre os sexos, e o que restou foi à idéia de um corpo que podia ser classificado, ordenado e diferenciado. O que para nós, hoje, seria uma construção discursiva, uma representação sobre a diferença de gênero, era, para Aristóteles, um conjunto de fatos inquestionáveis, verdades “naturais”. (TEDESCHI, 2012, p. 85)

Essas “verdades” inquestionáveis perpetuaram-se durante muito tempo. Podemos compreender que as mulheres, de uma forma ou de outra, (re-)existiram nas pluralidades do cotidiano, e isso é uma questão que se faz potente e pertinente, quando conhecemos a história das mulheres.

A construção dos discursos, ao longo da humanidade, que resultam em práticas culturais e representações dos modos de ser da mulher, em que a docilidade e os cuidados com a família são constitutivos de uma “natureza” feminina, é um caminho para pensarmos a questão da maternidade. Nessa direção devemos observar que não podemos cair na armadilha de acreditar que a maternidade é igual para todos os grupos de mulheres, pois a experiência da maternidade se faz diversa, de acordo com o contexto social em que as mulheres estão inseridas. Mas as representações acerca da maternidade como um “dom divino”, sendo as mulheres consideradas, em alguns períodos da história, como “seres místicos”, estiveram presentes durante o decorrer da humanidade, e essas construções acerca dos modos de ser da mulher as confinaram nas atividades voltadas para o lar.

Tedeschi (2012) traz o exemplo de Eva e Maria, figuras antagônicas no texto bíblico, que podem nos fornecer questões preponderantes, para refletirmos na condição da mulher. Eva foi a mulher pecadora, desobediente e instigadora de todo mal, e Maria, a mulher que, por sua obediência, salvou toda a humanidade.

Cabe salientar que o discurso religioso foi ao encontro da limitação dos corpos femininos. Tencionando uma “imposição”, a igreja disseminou, por meio de práticas discursivas, o que chamamos de papel “natural”, inerente a todas as mulheres. Com o poder da escrita, os homens disseminaram suas ideias acerca delas. O texto bíblico é uma fonte para compreendermos as representações dos modos de ser da mulher, vistos sob o olhar masculino.

A primeira mulher do mundo, Eva, segundo o texto bíblico, foi criada a partir da costela de Adão. Nessa construção social, as mulheres assumem papel secundário nas relações. O que cabe analisar, aqui, são os discursos produzidos e cristalizados no imaginário social que ultrapassam gerações e constroem representações acerca do feminino, acarretando o que chamamos de dominação masculina:

A dominação masculina e a hierarquização sexual dificilmente pode ser perspectivada sem que consideremos o modo como as características biológicas femininas - neste caso, a capacidade de dar à luz - são mostradas enquanto essência da feminilidade e justificam as construções sociais dos papéis de gênero. De fato, os traços anatômicos, corporais, contribuem para uma visão dicotômica dos dois sexos e facilitam a naturalização das distinções ao nível das tarefas e das posições sociais relativas de homens e mulheres. (TEDESCHI, 2012, p. 80).

Acrescenta-se a isso o que Bourdieu (2016) trata a respeito da relação da “biologização do social” ou “socialização do biológico”, em que o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada, ao pautar-se nas diferenças entre os sexos biológicos, acarretando as divisões de ordem sexual e, conseqüentemente, a dominação masculina. A constituição biológica se torna um motivo preponderante para a inferiorização das mulheres, presente nos discursos produzidos ao longo da história. A diferença anatômica entre os órgãos sexuais, em que as mulheres têm a capacidade da procriação, é justificativa para a “ordem das coisas”, em que as mulheres exercem atividades de subserviência.

O papel social destinado às mulheres às confinam nos intramuros da domesticidade, em que a maternidade se torna uma das principais tarefas, sendo

O papel social da mulher identificar-se-á com a maternidade, o que a remete imediatamente para o domínio do lar e do privado. Não analisaremos em profundidade as conseqüências dessa identificação ao nível do trabalho profissional, mas é importante realçar que a redução da mulher à função de mãe a “impede” de dedicar-se a uma outra atividade, já que nenhuma função adquire, segundo a Igreja, maior importância do que a de cuidar dos filhos. Por outro lado, perpetua-se um discurso que, mais do que desvalorizar o trabalho fora do lar, o condena, uma vez que, além de prejudicial à vocação

fundamental da mulher, ele não está de acordo com a sua natureza física e psicológica (TEDESCHI, 2012, p. 82).

A partir de algumas aproximações e reflexões acerca da maternidade, acrescento a discussão acerca da divisão sexual do trabalho, e que vai ao encontro de indagações sobre a dominação masculina. Nesse caminho, Bourdieu (2016), afirma:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2016, p. 12).

Por meio dessa relação, é possível alcançar a lógica do domínio, que é reconhecido tanto pelo dominante, como pelo dominado, e que se dá a partir da maneira de falar e das formas de pensar e de agir. Ao tratar a respeito da divisão sexual do trabalho, Bourdieu (2016) afirma que a ordem social funciona como uma grande máquina simbólica. A visão de um mundo androcêntrico foi imposta às mulheres como uma verdade incontestável e neutra. Fica registrado que

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção, a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos. (BOURDIEU, 2016, p. 22).

As concepções do mundo social, pautadas em uma “ordem das coisas”, constroem nosso corpo como realidade sexuada. Nosso corpo é visto e dividido segundo a sua realidade biológica, e a construção das diferenças entre os sexos biológicos está pautada nessas divisões que assumem uma visão mítica do mundo, em que os homens dominam as mulheres. A divisão do trabalho está inserida nestes princípios androcêntricos. Bourdieu afirma que

[...] É a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2016, p. 24).

Acrescenta-se a isso o que Hirata e Kergoat (2007) discutem acerca da divisão sexual do trabalho. Quando refletimos sobre essa temática, podemos avançar na discussão. Portanto, o debate permeia outros aspectos para além da simples constatação das desigualdades. As autoras afirmam que foi com a consciência de uma opressão que se iniciou o movimento das mulheres. Ao tratar a respeito das novas configurações da divisão sexual do trabalho, elas elucidam os dois princípios organizadores que embasam esse conceito. Dizem que

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

A partir da reflexão das autoras, podemos constatar que, mesmo que esses princípios estejam presentes em todas as sociedades, eles não são estáticos. Dessa afirmação emerge a discussão sobre a plasticidade da divisão sexual do trabalho. Uma primeira constatação é a de que a flexibilização do trabalho pode reforçar os estereótipos, no que concerne às relações sociais de sexo. Outra constatação é a da priorização do emprego feminino. Desde 1980, o número de mulheres classificadas na categoria “funcionários e profissões executivas de nível superior” mais do que dobrou. De acordo com as autoras, 10% das mulheres atualmente representam essa categoria, mas concomitantes a esse crescimento temos a precarização e a pobreza de um número significativo de mulheres. Hirata e Kergoat (2007) afirmam que

Simultaneamente à precarização e à pobreza de um número crescente de mulheres (elas representam 46% da população ativa, mas são 52% dos desempregados e 79% dos baixos salários), observa-se, portanto, o aumento dos capitais econômicos, culturais e sociais de uma proporção não desprezível de mulheres ativas. Assiste-se também ao aparecimento, pela primeira vez na história do capitalismo, de uma camada de mulheres cujos interesses diretos (não mediados como antes pelos homens: pai, esposo, amante) opõem-se frontalmente aos interesses daquelas que foram atingidas pela generalização do tempo parcial, pelos empregos em serviços muito mal remunerados e não reconhecidos socialmente e, de maneira mais geral, pela precariedade. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.601).

A terceira constatação das autoras é a de que as mulheres das sociedades do Norte vão para o mercado de trabalho com mais frequência, conseqüentemente investindo mais em suas carreiras. Logo, essas mulheres empregadas externalizam o trabalho doméstico e recorrem a grande reserva de mulheres em situações precárias, sejam imigrantes ou francesas. (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Acrescentam-se a essa discussão os modelos de conciliação e delegação. Segundo Hirata e Kergoat (2007, p. 604), “No modelo de conciliação”: cabe quase que exclusivamente às mulheres conciliar vida familiar e vida profissional”. Portanto, essa é uma condição de igualdade entre homens e mulheres. As autoras afirmam que

Essa abordagem deu margem a várias críticas na França. Hoje, certos pesquisadores propõem substituir “conciliação”, ou mesmo “articulação”, por “conflito”, “tensão”, “contradição” para evidenciar a natureza fundamentalmente conflituosa da incumbência simultânea de responsabilidades profissionais e familiares às mulheres. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 604).

Na França, no modelo de delegação, há uma sobreposição ao modelo de conciliação. Há uma necessidade imediata na discussão acerca do modelo de conciliação, devido ao crescimento de mulheres em profissões de nível superior e executivas. Por fim, as autoras afirmam que (2007, p. 607): “Um pensamento crítico da “conciliação” não pode se desenvolver fora do contexto de reflexão sobre as modalidades de reprodução da servidão doméstica”. Portanto, há uma necessidade emergente da discussão acerca dos âmbitos psicológicos e afetivos da dominação, pois, mesmo conscientes das desigualdades as mulheres continuam a assumir as responsabilidades no que concerne ao trabalho doméstico.

DEVANEIOS CAMINHANTES *****

Diálogos, devaneios e encontros com Manoel de Barros... (Débora Sara Ferreira)

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato

de canto.

Porque eu não sou da informática:

eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

(Manoel de Barros)

[...] O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Ítalo Calvino (1990, p. 150).

(IN-)CONCLUSÕES: O CADERNO DE PAISAGEM QUE TROUXE SONHOS, VIDA E POESIA...

Durante muito tempo fiquei rasurando o que escreveria nas (in-)conclusões. Afinal, neste momento refletimos sobre as questões relevantes do trabalho. Mas, antes de qualquer inspiração, eu escrevia e apagava, no movimento constante da incerteza. Então o caos novamente se instaurava: o que me movia?

Fiz novamente uma pausa. Refleti sobre tudo o que me dispus a fazer neste estudo, e, neste momento, o cansaço me dominara. Como ter fôlego nos momentos em que até nossos sonhos parecem não ter mais sentido?

Olhei em tudo o que estava disposto em meu quarto de estudos: o armário com meus livros, a mesa de estudos e o computador. Na mesa estavam todos os livros que trouxera para reflexão deste estudo, já era o momento de revisão! E lá estava o livro de Carolina Maria de Jesus sobre a mesa. Neste momento comecei a olhar as suas páginas, e, entre aquelas que estavam marcadas, identifiquei uma que me chamou a atenção:

[...]Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. Quero ver é como eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem não é forte desanima. Vi uma senhora reclamar que ganhou os ossos no Frigorífico e que os ossos estavam limpos. E eu gosto tanto de carne. Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar-se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer. (Carolina Maria de Jesus, 2014, p. 61).

Nesse momento fiz uma pausa e refleti sobre os tempos que estávamos vivendo. Entre a respiração, o olhar e a leitura, lembrava-me da história de minha família e os embates que

meu pai Natael (*in memoriam*), homem afrodescendente, havia enfrentado para que suas filhas estudassem.

Lembrei-me de um dia de minha infância que ficou marcado: o dia em que meu pai não tinha condições financeiras de comprar o meu tão sonhado caderno de capa colorida. Chorei, afinal eu queria ser como as outras meninas de minha sala. Mas a falta do caderno colorido não impediu que eu fosse à escola municipal Caetano Carbone. Logo, levei o caderno que ganhara de meu querido pai: o caderno com capa de paisagem. A falta do caderno colorido não impediu minha entrada na UNESP...

Hoje carrego uma única certeza: o caderno de paisagem sempre esteve comigo na sala de aula, nas lições de casa, e na lição de vida, afinal aquele caderno não impediu que meus sonhos continuassem a florescer. A falta do caderno não foi impedimento para que o meu pai, com todas as suas dificuldades, ensinasse-me sobre a preciosidade dos estudos.

Aprendi com essa lembrança a importância do caderno de paisagem. O caderno de paisagem que trouxe sonhos, vida e poesia. Esse caderno que possibilitou que eu estivesse hoje concluindo meu mestrado. Ao iniciar este texto-encontro perguntei: como tudo começa?

Agora posso afirmar que tudo começou com o caderno de paisagem. Ler Carolina possibilitou que essas lembranças afluíssem. E elas não estavam rasuradas e nem planejadas. Nesta direção questiono novamente: o que me move?

Diante dessa pergunta, confesso que muitas questões pipocam a todo instante em minhas reflexões. Quando chegamos ao final de uma etapa, sempre refletimos sobre a potência da experiência que nos moveu naquele instante. Naquele momento. No encontro. Na pausa e na poesia da vida. De certo e todo modo, neste momento, posso afirmar que chegamos ao final. Pergunto-me se todas as indagações suscitadas no início deste estudo foram respondidas em algum momento, mas chego à conclusão de que não consigo responder a essa pergunta.

Quando iniciei o estudo que aqui se apresenta, confesso que não fazia ideia da potência da experiência. Os caminhos foram trilhados, as leituras realizadas, e as questões burocráticas, que surgiram no caminho, foram resolvidas. Pude ir ao encontro do conhecimento. Encontro que possibilitou que eu fosse uma pessoa mais humana. Tal encontro fez com que percebesse questões, sobre as quais, até então, nunca teria parado para pensar, se não fosse por meio deste estudo.

Confesso que meu encontro com a temática das mulheres se iniciou com a problematização e a reflexão sobre a vida das mulheres de minha família, e sobre os motivos que as levaram a não estudar em período regular. Nesse pulsar da poesia da vida, encontrei-

me com mulheres do PEJA. Conheci D. Cleide e mais que depressa fizemos amizade! Lá, no PEJA, pude refletir sobre a vida e os embates das mulheres, por viverem em uma sociedade patriarcal. As reflexões que pude tecer e costurar neste estudo ainda são poucas, perto de tudo com o que essa temática pode nos inquietar. Nessa direção, algumas reflexões sobre os caminhos trilhados neste estudo, bem como a potência da experiência de oficinas com mulheres da EJA, se fazem inquietantes, pulsantes e poéticas.

Folhas do caderno de paisagem: devaneios finais...

Narrativas de vida de mulheres da EJA. O que pode um ensino que emancipa?

Pode a professora da EJA ser a mestra emancipadora?

Ela se torna embrutecedora quando liga uma inteligência a uma outra inteligência. No ato de ensinar e de aprender, há duas vontades e duas inteligências. Chamar-se-á embrutecimento à sua coincidência. Na situação experimental criada por Jacotot, o aluno estava ligado a uma vontade-de, a de Jacotot, e a uma inteligência, a do livro, inteiramente distintas. Chamar-se-á emancipação à diferença conhecida e mantida entre as duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade. (RANCIÈRE, 2002, p. 26).

Caminhos e possibilidades para o ensino na EJA: oficinas poéticas. A professora é aquela que possibilita e viabiliza a leitura. A professora mostra os caminhos...

Educação de Jovens e Adultos

A educação popular e a EJA, e os princípios e as concepções que as inspiraram na década de 60, continuam muito atuais em tempos de exclusão, miséria, desemprego, luta pela terra, pelo teto, pelo trabalho, pela vida. Tão atuais, que não perderam sua radicalidade, porque a realidade vivida pelos jovens e adultos populares continua radicalmente excludente.

(ARROYO, 2001, p. 11)

Pensar sobre a EJA no Brasil é compreender que as políticas públicas para tal modalidade devem ser pensadas intersetorialmente com outras políticas de correção das desigualdades sociais. O ensino deve visar ao diálogo com a leitura de mundo (FREIRE,

1989) dos educandos, de modo que a troca de saberes se torne emancipatória. Ao desenhar as políticas públicas para a EJA, há a necessidade de uma reflexão interseccional, sendo assim, faz-se preponderante a atenção para a relação entre gênero, raça e classe social. Portanto, no Brasil, torna-se imprescindível (re-)pensar as políticas para essa modalidade de ensino.

EJA: caminhos de incertezas.

Troca de saberes. Emancipação.

Políticas públicas: desafios.

O que pode a troca de saberes?

A experiência da leitura: *Uma galinha* (Clarice Lispector)

É que a mulher sempre foi oprimida, sempre teve de aceitar tudo o que os outros impunha pra ela, né? (Franciele, 2018).

Débora: - Essas frases: lugar de mulher é na cozinha, no fogão. A gente escuta muito disso. Mas atualmente a mulher pode trabalhar, pode estudar...

Nós não entendemos ainda se é a mãe ou a galinha. (Jhenifer, 2018).

Débora: - Na verdade, utilizar a galinha é uma forma de falar da condição da mulher.

- Mas não é porque é galinha, né? Poderia ser qualquer bicho. (Jhenifer, 2018).

Lembra o texto dos cachorros, que o professor de português deu para nós? Que era os cachorros, mas na verdade era como se pessoas estivessem falando? Mas, na verdade, era uma pessoa explicando? Então, da galinha é mesma coisa. A galinha mãe! (Franciele, 2018).

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma. (LISPECTOR, 2009, p. 31).

A vida de Carolina: a partilha da vida!

- Eu catava reciclagem e comia coisa do lixo, porque não tinha em casa, catava banana, laranja e comia! Ai os caras lá começaram a ver que a gente passava muita fome, era uma fiorina branca, me lembro até hoje, e dai, quando estava perto de vencer, tipo: quando faltava dois dias para vencer, ele colocava dentro de uma caixinha: bala e bolacha com pão, e dava pra nós. Então ai que nós começou a comer melhor um pouquinho, mas antes a gente comia coisa do lixão. Não tinha outra coisa para nós comer, passava o dia inteiro no lixão catando reciclagem. (Franciele, 2018).

Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que me impunham eram horríveis. (Carolina Maria de Jesus, 2014, p. 16).

Meu Deus, que vida que é essa? (Naná, 2018).

Débora: - Como era a vida de Carolina?

- Era liberdade isso. Ela era livre e a nossa liberdade ninguém compra! (Jhenifer, 2018).*
- Não tinha homem pra bater nela, pra judiar dos filhos dela, pra obrigar ela a fazer as coisas! (Franciele, 2018).*

Na lição, eu dizia, os alunos são convocados a um texto, chamados a um texto. Através dessa convocação, os alunos são situados no que se vem dizendo, nesse vir presente na leitura do que já se disse, nessa presença do já dito, do que outros já disseram, mas que, enquanto texto publicamente pronunciado, vem-se dizendo cada vez de novo. (LARROSA, 2003, p. 141).

Os sentidos e significados presentes nas narrativas de Franciele, Naná, Ágata, Jhenifer e Eliana. O encontro com a obra de Carolina. A partilha da vida...

O pulsar de inquietações sobre a condição da mulher:

Minha idéia é que todos, homens e mulheres, o que quer que sejamos, devemos ser considerados seres humanos. Mas o nominalismo é uma doutrina um tanto limitada; e os antifeministas não têm dificuldade em demonstrar que as mulheres não são homens. Sem dúvida, a mulher é, como o homem, um ser humano. (BEAVOUIR, 1970, p. 8).

Beavouir apresenta a possibilidade de sermos considerados seres humanos (sem nominalismos e determinações).

A possibilidade de refletirmos sobre a potência do feminino...

História da mulher no Brasil: movimentos literários...

“Todos os brasileiros, qualquer que tenha sido o lugar de seu nascimento, têm iguais direitos à fruição dos bens distribuídos pelo seu governo, assim como à consideração e ao interesse de seus concidadãos.” (Nísia Floresta, 1853).

Então por que o publicas? – perguntará o leitor.

Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa – os defeitos, os achaques, as deformidades do filho – e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado. O nosso romance, gerou-o a imaginação, e não o soube colorir, nem aformosentar. Pobre avezinha silvestre, anda terra a terra, e nem olha para as planuras onde gira a águia. (Maria Firmina dos Reis, 2018, p. 12)

Para poder tornar-se criadora, a mulher teria de matar o anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho de aumento, e teria de enfrentar a sombra, o outro lado do anjo, o monstro da rebeldia ou da desobediência. O processo de matar o anjo ou o monstro refere-se à percepção das prescrições culturais e das imagens literárias que de tão ubíquas acabam também aparecendo no texto das escritoras. (TELLES, 2007, p. 408).

Mulheres que se lançaram nas malhas literárias no Brasil, no século XIX. A literatura como forma de resistência. A potência da escrita, da vida e da poesia. O lutar pelo direito de viver! A luta pelo voto e por acesso à educação. Escrita que caminha com a vida...

Caminhamos para as reflexões finais. A opção pelos diálogos entre as mulheres participantes do estudo, autores e algumas inquietações minhas, foi a possibilidade de trazer uma escrita outra que transborda sentidos. Uma aventura aventurante...

Nesse caminho realizo uma última indagação: Quanto tudo termina? Podemos afirmar que termina?

Nas (in-)conclusões dos caminhos e dos devaneios caminhantes, sigo com as perguntas, com o conhecimento adquirido, e com o pulsar da vida, que se materializaram nesta escrita. Escrita vida que pulsa sentidos e significados!

Indagações que permanecem...

Histórias que produzem reflexões.

Pensamentos que produzem vida.

Como fica a vida depois do conhecimento?

Caminhamos.

Lutamos.

Conquistamos espaços.

Somos mulheres.

Diversas.

Nossa luta não termina,

não cessa!

Continua...

O que pode uma mulher que luta?

O que pode a luta?

Lutas.

Escritas.

Nesses devaneios, vamos (re-)escrevendo nossa história,

Mudando os rumos.

Mulheres...

O que pode o (re-)encontro com a história da mulher?

Fim?

Continua...

(Débora Sara Ferreira).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. S. **Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas Autores Associados, 2007.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é o feminismo.** São Paulo: Abril, Cultural, 1985.
- ARROYO, M. G. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania.** São Paulo, n. 11, p. 9-20, 2001. Disponível em: <http://ambientedetestes2.tempsite.ws/ciencia-para-educacao/publicacao/arroyo-miguel-g-educacao-de-jovens-e-adultos-em-tempos-de-exclusao-alfabetizacao-e-cidadania-sao-paulo-sao-paulo-n-11-p-9-20-2001/>. Acesso em: 13 ago. 2019.
- BARJA, P. R.; LEMES, C. R. **Um Cordel a Carolina:** biografia ilustrada de Carolina Maria de Jesus. São José dos Campos: Tachion Editora, 2017.
- BEAVOUIR, S. de. **O segundo sexo:** Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista. Lisboa: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 13 ago. 2019.
- CALVINO, Í. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, Í. **Palomar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. *In:* LARROSA, J. (org.). **Déjame que te cuente:** ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano:** 2. Morar, cozinhar. Tradução de Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. 2. ed. Difel: Alges-Portugal, 2002.
- DARMANGEAT, C. **A opressão das mulheres, no passado e presente – para acabar no futuro!** Uma perspectiva marxista. Rio de Janeiro, Rizoma, 2017.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo, 34. ed. Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. **Educação em Revista**, BH, v. 27, n. 1, p. 333-346, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100015>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000100015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 fev. 2019.

FERREIRA, D. S. **Ler e escrever entre pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS: uma análise de suas práticas cotidianas**. 2016. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2016.

FOUCAULT, M. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber – Volume IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, G. A. **História, Mulher e Gênero**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-EG%C3%80NERO.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742007000300005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jul. 2019.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 25 fev. 2019.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LIMA, L. A. de O. **Tear de Fios, Tecer de Mulheres: o tecido narrativo de Helena Parente Cunha**. Salvador: EDUNEB, 2017.

LIMA, M. E. C. de C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em revista**, v. 31, n. 1, p. 17-44. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982015000100017&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 fev. 2019.

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MENEGHEL, S. N.; MUELLER, B.; COLLAZIOL, M. E.; QUADROS, M. M. Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 3, p. 691-700, jan./mar. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000300015>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300015&lang=pt. Acesso em: 16 jun. 2019.

MORAES, J. A. **Clarice Lispector em movimento**: a recepção das trabalhadoras rurais de Alagoinhas. 2013, 129 f. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) - Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2013.

PERROT, M. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9 n. 18, p. 9-18, ago. 1989.

PRIORE, M. D. **A mulher na história do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante** - cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RAGO, M. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RAGO, M. **Epistemologia feminista, gênero e história**: descobrindo historicamente o gênero. Compostela: CNT, 2012. *E-book*.

REIS, M. F. dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

RINALDI, A. M. M.; PEREIRA, K. A. A Educação de Jovens e Adultos na perspectiva do direito. In: ZANATA, E. M.; MARQUES, A. F. **EJA**: Territórios de extensão, criação, inovação e formação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 5-15.

ROCHA, P. **Mulheres sob todas as luzes**: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

SALVA, S. **Narrativas da vivência juvenil feminina**: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre. 2008, 395 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TEDESCHI, L. A. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. UFGD: Dourados-MS, 2012.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 401-442.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosados tempos, 2018.

SORJ, Bila. O feminismo e os dilemas da sociedade brasileira. *In*: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. G. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC, 2002. p. 97-107.

SPIGOLON, N. I. “Escritos íntimos” e escrita de si: por entre as páginas e a vida de Elza Freire. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 254-268, maio/ago.2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n2.p254-268>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2660>. Acesso em: 20 jul. 201